

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS (IFMG)
CAMPUS OURO BRANCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (PROFEPT)

JOÃO BATISTA RODRIGUES

ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS:
uma contribuição para a educação integrada

Ouro Branco
2025

JOÃO BATISTA RODRIGUES

ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS:

uma contribuição para a educação integrada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal de Minas Gerais - *campus* Ouro Branco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof^a D^a Heleniara Amorim Moura

Linha de Pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)

Macroprojeto: Organização de Espaços Pedagógicos na EPT

Ouro Branco

2025

R696e Rodrigues, João Batista.

Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integrada [manuscrito] / João Batista Rodrigues. – 2025.

178 f. : il. ; color.

Orientadora: Heleniara Amorim Moura.

Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. *Campus* Ouro Branco, 2025.

1. Biblioteca. 2. Espaço de convivência. 3. Educação profissional e tecnológica. 4. Processos educativos/formativos. I. Moura, Heleniara Amorim. II. Instituto Federal de Minas Gerais. *Campus* Ouro Branco. III. Título.

CDD 021.3

Catálogo: João Batista Rodrigues - CRB-6/2022

ATA DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino
Coordenação Curso Mestrado PROFEPT do Campus Ouro Branco
Avenida Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
- www.ifmg.edu.br

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - IFMG

Realizou-se, no dia 24 (vinte e quatro) de setembro de 2025, com início às 14h (quatorze horas), por videoconferência e transmissão pelo canal do YouTube do ProfePT/IFMG, a **defesa de dissertação** do Mestrando **JOÃO BATISTA RODRIGUES** no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfePT - IFMG), como requisito para a obtenção do título de mestre. A dissertação apresentada para apreciação pela Banca Examinadora intitula-se **"ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA E FORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS: uma contribuição para a educação integrada"**. A **dissertação** foi considerada APROVADA.

O **produto educacional**, Almanaque: "ALMANAQUE DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PROFESSORA EBE ALVES DA SILVA" foi VALIDADO pela Banca Examinadora e considerado APROVADO.

A Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

Profª. Drª. Heleniara Amorim Moura (IFMG - Orientadora)
Profª. Drª. Rosana Matos da Silva Trivelato (Faculdade Única/Ipatinga)
Prof. Dr. Pablo Menezes e Oliveira (IFMG/ProfePT)
Profª. Drª. Gisélia Maria Campos Ribeiro (IFMG)
Prof. Dr. Pedro Xavier da Penha (IFMG/ProfePT)
Prof. Dr. José Fernandes da Silva (IFMG - Suplente)

Certifico que a defesa realizou-se com a participação por videoconferência de todos os membros e que, depois das arguições e deliberações realizadas, cada participante da banca afirmou estar de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora, redigido nesta ata.

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata que, após lida e assinada pela orientadora, será encaminhada à Coordenação do ProfePT - IFMG para registro acadêmico na documentação do mestrando.

Ouro Branco, 24 de setembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Heleniara Amorim Moura, Professora**, em 24/09/2025, às 16:57, conforme Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.ifmg.edu.br/consultadocs> informando o código verificador **2454263** e o código CRC **D0023C2D**.

23712.001065/2024-27

2454263v1

Aos incansáveis guerreiros e guerreiras, combatentes dessa batalha diária chamada Educação. Uma guerra sem fim contra a arrogância do poder, contra as injustiças e desigualdades. Mas também uma incomensurável fonte de prazer quando vemos os frutos do nosso trabalho.

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente colaboraram para que essa caminhada fosse realizada.

Antes de tudo, minha orientadora, Professora e Doutora Heleniara, mentora incansável e paciente até quando São José e São Manoel não me suportavam mais.

Aos Professores do ProfEPT, *campus* Ouro Branco, que me mostraram um mundo novo, do qual eu inconscientemente já era parte, só faltava entender como.

Camila Nogueira e Gracielle Dias pela contribuição imensurável na concepção do Produto Educacional Técnico/Tecnológico e em tantos outros momentos de dúvidas.

Aos colegas de curso, outros incansáveis apoiadores e torcedores pelo sucesso mútuo. Sem esse apoio de vocês, talvez não tivesse chegado até aqui.

Professor Lindiomar Silva, grande valorizador e preservador da memória bambuiense, que gentilmente auxiliou no resgate da memória da Professora Ebe.

Professora Meryene pelo entusiasmo, confiança, apoio e a contribuição na entrevista.

Estudantes do campus Bambuí que participaram do Círculo de Cultura, proporcionando ao árduo trabalho de pesquisa um momento de satisfação e diálogo, incomuns em nossa rotina.

Colegas de trabalho que deram todo o auxílio necessário para que eu pudesse me dedicar a essa tarefa.

E, por fim, meus mais profundos agradecimentos à Doutora Rosana Matos da Silva Trivelato, Doutora Gisélia Maria Campos Ribeiro, Doutor José Fernandes da Silva, Doutor Pedro Xavier da Penha e Doutor Pablo Menezes e Oliveira, que gentilmente se dispuseram a auxiliar-me nessa caminhada desde a qualificação até esse momento.

Impossível descrever as mudanças pelas quais passei ao longo desse período. Hoje, num misto de dor e alegria, sinto-me, acima de tudo, consciente dos enormes desafios que temos pela frente, depois que a mente se abre. Não obstante, cada vez mais disposto a lutar para que outros, como eu, percebam a força da educação como propulsora de sonhos e promotora de transformações únicas.

O menino da favela deu mais um passo.

Minhas professoras e meus professores, desde o primário até o momento presente, durmam em paz, pelo menos essa noite. A tarefa de vocês foi cumprida com excelência. Se algo não saiu como deveria, peço desculpas, os limites são meus.

E também meus são os mais profundos agradecimentos.

Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.
(Wittgenstein, 1921)

RESUMO

Este estudo, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), investigou as funções da biblioteca na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Objetivou-se analisar suas contribuições e possibilidades de atuação, com ênfase no papel social da biblioteca como espaço de convivência e ambiente de expressão, visando à formação omnilateral das comunidades interna e externa. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e orientação analítico-descritiva, e adota a abordagem da pesquisa-ação (Tripp, 2005). Os procedimentos metodológicos incluíram análise documental, entrevistas semiestruturadas com a representante da Seção de Extensão da Diretoria de Extensão, Cultura e Esporte do *campus* Bambuí, e a realização de um Círculo de Cultura com estudantes do *campus*, método proposto por Paulo Freire. Para a análise das contribuições, utilizou-se o método denominado Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Os resultados indicam que a biblioteca não atinge plenamente seu potencial social. No entanto, observou-se a possibilidade de integrar as funções tradicionais e sociais, com a tecnologia como aliada da educação, por meio de um conhecimento sistematizado das comunidades atendidas e da participação ativa dessas nas práticas biblioteconômicas. Este estudo culminou na criação do Produto Educacional “Biblioteque-se: Caminhos de Convivência, Memória e Pertencimento para a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva” que visa consolidar o papel da biblioteca como espaço de convivência, formação, memória e produção cultural, promovendo o diálogo entre as comunidades interna e externa ao *campus*.

Palavras-Chave: biblioteca; espaço de convivência; educação profissional e tecnológica; processos educativos/formativos.

ABSTRACT

This study, developed within the scope of the Master's in Professional and Technological Education (ProfEPT), investigated the functions of the library in Professional and Technological Education (EPT). The objective was to analyze its contributions and potential for action, with an emphasis on the library's social role as a space for coexistence and expression, aiming at the omnilateral formation of internal and external communities. The research is characterized as qualitative, exploratory, and analytically descriptive, and adopts the action research approach (Tripp, 2005). The methodological procedures included document analysis, semi-structured interviews with the representative of the Extension Section of the Directorate of Extension, Culture, and Sports at the Bambuí campus, and the organization of a Culture Circle with campus students, a method proposed by Paulo Freire. Bardin's (1977) Content Analysis method was used to analyze the contributions. The results indicate that the library does not fully achieve its social potential. However, the possibility of integrating traditional and social functions was identified, with technology as an ally of education, through systematic knowledge of the communities served and their active participation in library practices. This study culminated in the creation of the Educational Product "Biblioteque-se: Paths of Coexistence, Memory, and Belonging for the Professora Ebe Alves da Silva Community Library," which aims to consolidate the library's role as a space for coexistence, education, memory, and cultural production, fostering dialogue between the communities within and outside the campus.

Keywords: library; social space; professional and technological education; educational/training processes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fases da investigação-ação	52
Figura 2 – Resultados da análise das 95 instituições	64
Figura 3 – Acervo antes das alterações	71
Figura 4 – Reorganização dos espaços	72
Figura 5 – Piso superior da biblioteca antes da intervenção	72
Figura 6 – Piso superior da biblioteca após a intervenção	73
Figura 7 – Piso inferior, entrada da biblioteca antes da intervenção	73
Figura 8 – Piso inferior, entrada da biblioteca após a intervenção	74
Figura 9 – Frases sobre a leitura e Baú Literário	74
Figura 10 – Estudantes no intervalo entre as aulas	75
Figura 11 – Leitores utilizando o acervo do baú	75
Figura 12 – Círculo de Cultura (encerramento)	118
Figura 13 – Clareza das informações	123
Figura 14 – Valorização da memória local e pertencimento	130
Figura 15 – Divulgação da biblioteca como espaço coletivo	131
Figura 16 – Qualidade gráfica	132
Figura 17 – Pertinência do formato de almanaque	133
Figura 18 – Informações interessantes e úteis	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Funções da biblioteca escolar – IFLA/UNESCO	26
Quadro 2 – Categorias de análise definidas para a entrevista	62
Quadro 3 – Categorias de análise definidas para o Círculo de Cultura	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADD – Análise Descritiva do Discurso

ALA – American Library Association

BCPEAS – Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CEP – Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos

CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia

CT – Centro de Tecnologia

DCE – Diretório Central dos Estudantes

DIREC – Diretoria de Extensão, Cultura e Esporte

EMI – Ensino Médio Integrado

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

FEBAB – Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições

IFE's – Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

IFLA – International Association of School Librarianship

IFMG – Instituto Federal de Minas Gerais

MEC – Ministério da Educação

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PE – Produto Educacional

PPC – Projetos Pedagógicos dos Cursos

PPGEH – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades

ProfEPT – Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TAUIV – Termo de Autorização para Uso de Imagem e Voz

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIC's – Tecnologias de Informação e Comunicação

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 APORTES TEÓRICOS	22
1.1 Biblioteca: breve análise das origens e evolução	22
1.2 As funções da biblioteca	25
1.3 As bibliotecas em tempos de Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's	30
1.4 Leitura e letramento – “A importância do ato de ler”	32
1.5 Do(a) bibliotecário(a) aos documentos norteadores: a mediação da leitura, da informação e da cultura	37
1.6 Espaços de convivência: desafios e caminhos possíveis na promoção da função social da biblioteca	43
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	52
3 ANÁLISE DE DADOS	60
3.1 Coleta de dados <i>online</i>	62
3.1.1 <i>Bibliotecas nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFE's</i>	62
3.1.2 <i>As bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG</i>	68
3.1.3 <i>A Biblioteca do campus Bambuí: espaços, diálogos e comunidade</i>	69
3.2 A relação Extensão e Biblioteca: análise da entrevista	78
3.2.1 <i>Biblioteca – espaço e acervo</i>	80
3.2.2 <i>Biblioteca e instituição</i>	82
3.2.3 <i>Biblioteca e tecnologia</i>	84
3.2.4 <i>Biblioteca e sociedade</i>	85
3.2.5 <i>Biblioteca e suas funções</i>	86
3.3 <i>Círculo de Cultura: usuários em diálogo</i>	89
3.3.1 <i>Biblioteca e tecnologia</i>	94
3.3.2 <i>Biblioteca – recursos e espaço</i>	101
3.3.3 <i>Biblioteca e leitura</i>	103
3.3.4 <i>Biblioteca – conceitos e funções</i>	108
4 PRODUTO EDUCACIONAL	122

4.1 Apresentação do Produto Educacional: Biblioteque-se: Caminhos de Convivência, Memória e Pertencimento para a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva	123
4.1.1 Objetivos	125
4.1.2 Metodologia de criação	125
4.1.3 Estrutura e seções	126
4.1.4 Elementos gráficos e interativos	126
4.1.5 Impacto esperado	127
4.1.6 Fundamentação teórica do Produto Educacional	127
4.1.7 Aplicabilidade e validação	128
4.1.8 Resultados quantitativos	129
4.1.8.1 Clareza das informações	129
4.1.8.2 Valorização da memória local e pertencimento	129
4.1.8.3 Divulgação da biblioteca como espaço coletivo	130
4.1.8.4 Qualidade gráfica (imagens, organização e hiperlinks)	131
4.1.8.5 Pertinência do formato de almanaque	132
4.1.8.6 Utilidade das informações	133
4.1.8.7 Palavras representativas	133
4.1.8.8 Resultados qualitativos: experiência de leitura	134
4.1.8.9 Síntese: pontos fortes, fracos e possibilidades de melhoria	135
4.1.9 Considerações finais em relação à avaliação do produto	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
POSSIBILIDADES DE NOVOS ESTUDOS	142
REFERÊNCIAS	143
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	
APÊNDICE B – QUESTÕES DA ENTREVISTA	
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (entrevista)	
APÊNDICE D – ROTEIRO DOS CÍRCULOS DE CULTURA	
APÊNDICE E – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (menor de idade)	
APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (participante)	
APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	

(responsáveis por participantes menores de 18 anos, incapazes, não alfabetizados ou idosos institucionalizados)

APÊNDICE H – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

(participantes maiores de 18 anos)

APÊNDICE I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

(responsáveis dos discentes menores de 18 anos)

ANEXO A – REGULAMENTO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PROFESSORA
EBE ALVES DA SILVA – BCPEAS

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória na biblioteconomia, iniciada por volta de 2000, percorre bibliotecas escolares, comunitárias e públicas, com foco em projetos de incentivo à leitura. A partir de 2010, passei a atuar na Rede Federal, em unidades que promovem a Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Essas vivências despertaram reflexões sobre a identidade e o papel das bibliotecas públicas, em especial as bibliotecas da EPT e ações voltadas ao desenvolvimento humano, de forma geral.

O avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC`s) trouxe mudanças significativas, tanto nos perfis dos usuários quanto nos serviços oferecidos. Esse movimento intensificou os debates na literatura e no ambiente da biblioteca, impulsionando preocupações com as questões relativas à identidade e função das bibliotecas e, por extensão, reflexões sobre o papel dos profissionais que nelas atuam. Além da experiência prática, a escolha por investigar as bibliotecas da Rede Federal se relaciona com a proposta do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, que possibilitou aprofundar questionamentos sobre a relação dessas bibliotecas com suas comunidades, partindo de seu papel social, e de como a gestão dessas bibliotecas interfere nas práticas institucionais.

Minha atuação coincidiu com a expansão da Rede Federal, impulsionada pela Lei nº 11.892/2008 que instituiu e ampliou a Rede. A vivência em unidades consolidadas e recém-criadas permitiu observar diferentes realidades, revelando uma identidade institucional pouco clara e um uso voltado quase exclusivamente ao cumprimento de metas e exigências do Ministério da Educação - MEC. Os acervos inicialmente eram formados por doações e por compra, com processos de aquisição lentos, insuficientes e voltados principalmente para as demandas dos Projetos Pedagógicos de Cursos - PPC. Dificuldades estruturais, como falta de planejamento predial, carência de pessoal qualificado e isolamento institucional eram facilmente observáveis.

Esse modelo de biblioteca se assemelha ao sistema fechado descrito por Tarapanoff (1984), que considera apenas sua estrutura interna, sem conexão com o ambiente externo. Essa autora questiona esse modelo, afirmando que as bibliotecas são um sistema "sócio-técnico-estruturado" que não se constitui isoladamente, sendo influenciadas e influenciando o ambiente. O modelo referido provoca um afastamento das ações institucionais que compromete princípios básicos como o apoio ao ensino, pesquisa e extensão, atividades

essenciais para bibliotecas universitárias (Alcântara; Bernardino, 2012; Silva, 2012; Cunha, 2010 apud Santa Anna, 2018; Santos, Gracioso; Amaral, 2018).

Compreender a trajetória, o espaço ocupado e o papel dessas bibliotecas, pode contribuir para seu fortalecimento como espaços educacionais. Alcântara e Bernardino (2012, p. [6]) afirmam: “A estrutura de uma biblioteca universitária está estritamente relacionada com a sua história e com o seu desenvolvimento”. Santos, Gracioso e Amaral (2018, p. 40) esclarecem que: “A literatura aponta uma falta de clareza sobre a concepção e função das bibliotecas nos Institutos Federais, consequência da diversidade de público, o que torna relevante estudos que investiguem aspectos relacionados a formação da identidade dessas bibliotecas”. Ferreira (2018) conclui:

O conhecimento do estabelecimento histórico da biblioteca como instituição de ensino confirma a hipótese de que a ausência de práticas efetivas características do modelo de aprendizado que se propõe na biblioteca escolar, permitiu que esta fosse diluída no sistema educacional do qual herdou a obsolescência, e que por essa razão precisa de um novo posicionamento baseado no entendimento do contexto social atual. Além disso, as mudanças ocorridas no perfil do usuário nem sempre impactaram mudanças correspondentes nas bibliotecas, o que constitui um erro grave para uma instituição social (Ferreira, 2018, p.2).

Na perspectiva de investigar as questões relativas ao espaço ocupado por essas bibliotecas, adotou-se neste estudo a concepção de "espaço" proposta por Colucci e Souto (2011), que o define como resultado de interações humanas e relações histórico socioculturais. Assim sendo, a constituição de uma biblioteca como ambiente educacional é um processo interativo, onde relações, projetos e recursos formam um conjunto dialógico, envolvendo comunidade e instituição, colaborando na formação de sua identidade e responsabilidade social.

Da mesma forma, adotou-se a equivalência entre termos como biblioteca universitária, pública, escolar e comunitária para fins de delineamento teórico. Essa escolha deve-se à complexidade das bibliotecas na EPT e considera ainda as discussões de cunho terminológico relativas à sua definição e diversidade de público, conforme Becker e Faquetti (2015) e Ferreira (2018).

A pesquisa parte da reflexão de Silva (2012) sobre o descompasso entre o discurso e a prática nas bibliotecas escolares. Assim, busca-se investigar o papel das bibliotecas na EPT, tendo como referência a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva – BCPEAS, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG – *campus Bambuí*.

Para fundamentar essa investigação, conceitos considerados essenciais foram selecionados para compor o delineamento teórico. Entre os temas principais e autores escolhidos estão:

- Importância da leitura: abordada por Freire (1989), Bamberger (2004), Lajolo (2011), Carr (2011) e Cosson (2014), a leitura é fundamental para uma das funções primeiras da biblioteca que é a formação e o desenvolvimento de leitores.
- Letramento: conforme Soares (2007), a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) e Batista (2020); Letramento informacional (Campello 2003; Ferreira, 2018); Letramento literário (Cosson, 2014). Estes são conceitos cruciais para a formação de um leitor crítico, capaz de analisar sua realidade e produzir novos conhecimentos e compreensões do real, ao passo que desenvolve o gosto pela leitura.
- Construções ideológicas de conceitos: segundo Frigotto e Ciavatta (2003), compreender o sentido e significado das palavras é vital para desvendar interesses discursivos na formação de um cidadão consciente, especialmente em contextos de disputas conceituais. Instrumentalizar o indivíduo para a análise crítica da informação é um aspecto necessário dentro do conceito de formação cidadã.
- Formação integral ou omnilateral: este conceito é explorado por Manacorda (2007), Ciavatta e Ramos (2012), e Ciavatta (2014), alinhando-se aos objetivos da formação omnilateral prevista no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2019-2023), do IFMG e fundamentais para esta pesquisa.
- Biblioteca, suas funções e o bibliotecário na relação com a leitura: são apresentadas as contribuições de Cunha (1997), International Association of School Librarianship / United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, - IFLA/UNESCO (2000, 2015, 2025), Vieira, Batista e Cuevas-Cerveró (2007), Bernardino (2011), Silveira e Reis (2011), Santa Anna (2016), Almeida Júnior (2017), Santa Anna (2018), Vaz (2020) e Santos, Bertolin e Sousa (2022). Todos esses aspectos estão conectados à função social da biblioteca, permeada pelos conceitos acima, e ao papel do bibliotecário como gestor, personagem crucial para o cumprimento dos objetivos da biblioteca.
- Espaços de convivência: o conceito é abordado com base em pesquisa realizada pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB (2015), Santa Anna (2016; 2018) e Dantas, Ferreira e Medeiros (2021). Permite compreender como este conceito pode ser aplicado à biblioteca escolar, integrando seus objetivos tradicionais

a uma nova concepção de biblioteca, mais comprometida com a formação humana, no contexto da EPT.

Dos conceitos escolhidos para o delineamento da pesquisa, “Espaços de convivência” foi o que mais se apresentou desafiador. Apesar de alguns autores aplicarem esse conceito a bibliotecas, essa junção ainda é pouco tratada na literatura especializada. O termo “espaço de convivência” é usado na literatura especializada para descrever locais que promovem interações sociais e fortalecem laços entre indivíduos, indo muito além de uma simples definição física. Sua aplicação varia em diferentes áreas, com ênfase nas dimensões sociais, psicológicas e arquitetônicas.

Foram localizados poucos estudos abordando a presença de espaços de convivência em bibliotecas. Embora a expressão esteja presente em diversos documentos, alguns dos quais foram utilizados e devidamente citados nesta pesquisa, não foram encontradas evidências de um debate consistente e substancial a respeito de espaços de convivência em bibliotecas. Essa afirmação ecoa estudos de Santa Anna (2016), segundo o qual os estudos identificados tratam as funções sociais, culturais e recreativas da biblioteca são escassos diante da importância do tema, da revolução tecnológica e da diversidade de interesses do público.

Realizando uma breve pesquisa, com o uso do Google Acadêmico, para a expressão “Espaço de convivência em bibliotecas”, nenhum resultado foi obtido. Para “Espaço de convivência” + “Biblioteca”, o total de respostas foi de 3.800 ocorrências. Acrescentando-se os termos “Educação Profissional e Tecnológica”, obteve-se 189 ocorrências. Porém, nem todas as ocorrências trazem todos os termos no mesmo documento ou abordam a discussão com a profundidade necessária.

Utilizando-se os mesmos termos empregados na pesquisa acima junto ao Portal de Periódicos Capes, resultados obtidos foram os seguintes: para o termo composto “Espaço de convivência em bibliotecas” não houve ocorrências; “Espaço de convivência” + “Biblioteca”, obteve-se um total de sete resultados positivos. Acrescentando-se “Educação Profissional e Tecnológica” aos termos “Espaço de convivência” e “Bibliotecas”, nenhum resultado foi obtido.¹

¹ Os levantamentos foram realizados em 20 de setembro de 2025, utilizando-se o buscador Google Acadêmico (<https://scholar.google.com/?hl=pt-BR>) e no Portal de Periódicos Capes (<https://www.periodicos.capes.gov.br/>)

Nas instituições de ensino, a biblioteca deve ser um espaço de transformação que estimula a troca de experiências (Bastos; Pacífico; Romão, 2011). Esse entendimento é necessário e fundamental para o desenvolvimento humano. Promover o incentivo à leitura é uma função básica da biblioteca (Válio, 1990; Campello, 2003; Vaz, 2020). Essa função pode ser alcançada pelo contato com a produção científica, artística e cultural, "[...] além de ser um lugar de memória e de cultura, uma biblioteca é também um espaço de transformação social que interfere no meio cultural onde se insere através do incentivo às práticas ligadas à educação e à leitura" (Silveira; Reis, 2011. p. 49).

A justificativa para a pesquisa revela-se pela urgência em ressignificar os tempos e espaços educativos, conforme Brito, Pereira e Silva (2021, p. 64), visando uma "[...] educação transformadora capaz de tornar a escola mais agradável e promissora, de modo que os educandos se sintam pertencentes a ela". O senso de pertencimento está ligado à identificação do público com a instituição. Essa identificação, por sua vez, parte de uma definição clara da identidade e dos objetivos da biblioteca.

Tendo em vista que estamos discorrendo sobre a EPT, é fundamental a compreensão de como a biblioteca foi construída historicamente, nesse contexto. Esse entendimento passa pelo conhecimento de conceitos historicamente unidos à Educação Profissional e Tecnológica.

Dessa forma, destacamos a importância de se esclarecer a razão do uso do termo composto "FORMAÇÃO INTEGRADA" para o delineamento das discussões. Historicamente, tem sido observado um movimento que trata da formação e apropriação de conceitos, notadamente socialistas, pelo universo capitalista. Tal fato pode ser verificado em Marx e Engels, Gramsci, Mészáros, Saviani, Frigotto e Ciavatta.

Essa usurpação, também chamada de "captura do socialismo pelo capital", refere-se à incorporação de ideias, práticas e até mesmo de elementos da linguagem socialista pelo sistema capitalista, muitas vezes com o objetivo de legitimar ou aprimorar o próprio capitalismo. Nesse sentido, formação integral ou integrada, tal como pretendido nesse estudo, refere-se à definição oferecida por Ciavatta (2014), para quem:

[...] o termo integrado remete-se, por um lado, à forma de oferta do ensino médio articulado com a educação profissional; mas, por outro, também a um tipo de formação que seja integrada, plena, vindo a possibilitar ao educando a compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso. Tratando-se a educação como uma totalidade social, são as múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos (Ciavatta, 2014, p. 198).

Um aspecto relevante do papel da biblioteca é a sua integração com ações da comunidade e outros espaços institucionais. Entretanto, autores apontam que existe um distanciamento entre a biblioteca e o público (Ferreira; Araújo, 2016), e entre biblioteca e instituição (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições - FEBAB, 2015), que dificulta à biblioteca a plena realização de suas funções. Como componente para a promoção da formação integrada, essas aproximações podem ajudar a instituição na consecução da missão dos Institutos Federais, conforme expressa por Pacheco (2010):

[...] o compromisso de intervenção em suas respectivas regiões, identificando problemas e criando soluções técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com inclusão social. Na busca de sintonia com as potencialidades de desenvolvimento regional, os cursos nas novas unidades deverão ser definidos por meio de audiências públicas e da escuta às representações da sociedade (Pacheco, 2010, p. 14).

Nesse processo, destaca-se também o papel da literatura como prática prazerosa e ferramenta de formação crítica e cultural. A biblioteca, nesse sentido, contribui de forma significativa para o ensino e para a transformação social. Possibilita o embate entre novas concepções de mundo e visões conservadoras. Reforça ainda seu papel como espaço de igualdade e liberdade, como proposto por Vaz (2020).

Alinhada à proposta do ensino integrado, a biblioteca pode promover atividades que articulem trabalho, ciência e cultura, a tríade da EPT, como apontada por Ciavatta (2014), favorecendo a formação omnilateral. Para isso, deve ir além do acesso à informação e ampliar suas ações como espaço formativo, que estimule a leitura crítica e a participação ativa na sociedade como defendido por Duarte (2021). Esse ponto de vista é defendido por Freire (1992, p. [1]) que atesta: “Precisamos da herança crítica como o peixe necessita da água despoluída”. Nesse mesmo sentido seguem os pensamentos de Silveira e Reis (2011), Santa Anna (2016) e Santos, Souza e Bertolin (2022).

Dantas, Ferreira e Medeiros (2021) atestam que Espaços de convívio são essenciais para complementar as salas de aula, dando suporte e acolhimento aos estudantes. Tais áreas são necessárias para o desenvolvimento pleno da rotina universitária e influenciam diretamente o nível de participação dos alunos.

Santa Anna (2016) afirma que uma das principais finalidades da biblioteca é contribuir com a formação da cidadania. Afirma ainda que as bibliotecas devem ser espaço

de socialização, de troca de informação e de encontro. Devem atuar na preservação e divulgação do processo de construção sócio-histórico da comunidade em que está inserida. Acrescenta ainda que, “independente da modalidade a que pertençam, devem planejar, conduzir e viabilizar práticas culturais, tornando-se centros disseminadores de cultura” (Santa Anna, 2016, p. 239 e 240). E a biblioteca deve ser esse local de estudo e pesquisa, proporcionando condições para o espaço de lazer, diversão e atualização da comunidade.

Assim, a questão que se apresenta como propulsora desse estudo é a busca por compreender como a biblioteca na EPT pode atuar como espaço de convivência, partindo da compreensão de seu papel atual, com vistas ao desempenho de sua função social. Ao pensar nesse ambiente como um espaço de convivência, buscou-se analisar como a biblioteca pode promover a arte, a cultura, a informação e a sociabilidade, buscando contribuir para a omnilateralidade na formação dos usuários – público interno e público externo. Isso sem perder de vista suas funções tradicionais enquanto biblioteca escolar, universitária e pública ou comunitária, considerando os objetivos da biblioteca na EPT.

Os meios específicos para se alcançar o objetivo maior são: investigar como a biblioteca do *campus* e outras da Rede Federal têm atuado, através de levantamento do referencial teórico sobre o tema proposto. Buscar diálogo entre os autores sobre a atuação da biblioteca na EPT, a importância da leitura e a biblioteca como espaço de convivência. Analisar possibilidades de atuação da biblioteca, incorporando o conceito de espaço de convivência, a partir do diálogo com os participantes da pesquisa e dos dados colhidos. Por fim, apresentar um produto educacional, na forma de um “Almanaque”, explorando as possibilidades de relacionamento da biblioteca com as comunidades, segundo os conceitos debatidos e os resultados da pesquisa.

Como meios para o desvelamento desses objetivos, buscou-se investigar como tem se dado historicamente a atuação de bibliotecas da Rede Federal, até os dias atuais. A seguir, analisou-se as possibilidades de atuação da biblioteca, incorporando o conceito de espaço de convivência, a partir dos resultados obtidos.

A linha de pesquisa que direciona esse estudo é Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica. Para o desenvolvimento das questões delimitadoras dessa linha de pesquisa, o estudo foi organizado em 04 seções, além dessa “Introdução”, das “Considerações Finais” e “Possibilidades de Novos Estudos”.

Na seção 1 foram apresentados os aportes teóricos, com finalidade de embasar as discussões. Abordou-se a origem, evolução e funções da biblioteca e procurou-se analisar

mais detalhadamente as características da biblioteca na EPT. São conceitos cuja finalidade é compreender como a biblioteca se formou e se tornou necessária para a sociedade, em termo de atuação geral e mais especificamente na EPT.

Ainda nessa seção foram desenvolvidas análises relativas ao impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) para as bibliotecas. Discussões relativas à importância da leitura, conceitos de letramento e a importância do(a) bibliotecário(a) como mediador(a) de processos ligados a esses conceitos. Por fim, apresentaram-se conceitos relativos a espaços de convivência e sua presença em bibliotecas.

Na seção 2 estão delineadas representações e informações que visam explicitar as metodologias utilizadas no estudo e a razão da escolha destas. São expressos ainda esclarecimentos conceituais sobre Círculos de Cultura como metodologia para coleta de dados. Originalmente desenvolvidos por Paulo Freire como uma proposta pedagógica, como método de coleta de dados, foi aplicado aqui conforme uso encontrado em Bonelli (2023) e segundo entendimentos presentes em Dantas e Linhares (2016).

Na seção 3 foram demonstradas as análises dos dados colhidos na entrevista, no Círculo de Cultura e nos levantamentos realizados nas bases de dados. Procurou-se descrever como foram aplicadas as etapas, bem como os resultados alcançados.

A seção 4 foi dedicada à descrição do processo de elaboração do Produto Educacional – PE. O formato escolhido foi um Almanaque, que objetiva dar sentido ao conceito de “espaço de convivência em biblioteca”, como uma proposta de aplicação prática resultante da análise dos dados obtidos. Este Produto se propõe a incorporar ideias que evoquem o senso de pertencimento entre a instituição, a biblioteca e as comunidades, valorizando a história local e a contribuição coletiva para a construção de um espaço de convivência em biblioteca. Busca também incentivar o gosto pela leitura e pelo contato com a obra impressa, sem afastar-se da interatividade com a tecnologia.

O PE foi submetido para a avaliação dos colaboradores da pesquisa, participantes do Círculo de Cultura e da entrevista, e pelos servidores da biblioteca. Para essa avaliação foi elaborado um questionário eletrônico visando aferir a funcionalidade do Produto e sua aplicabilidade, considerando a concepção do Espaço de Convivência.

As considerações relativas aos resultados obtidos e possibilidade de contribuição da pesquisa para a educação integral são apresentadas como Considerações Finais. São levantados ainda alguns aspectos não abrangidos pela pesquisa, bem como a indicação da necessidade de outros estudos para prosseguimento das análises.

1 APORTES TEÓRICOS

1.1 Biblioteca: breve análise das origens e evolução

Etimologicamente, a palavra “biblioteca” significa “depósito de livros” (Cunha, 1997). Essa expressão tem sua origem ligada ao termo grego *bibliothéke*. Passando pelo latim *biblioteca* até os dias atuais, mantém-se praticamente inalterada na forma. Santos (2014) e Medeiros (2019) afirmam que as bibliotecas surgiram na Antiguidade a partir da necessidade do homem em reunir, conservar, organizar e armazenar os registros de seus conhecimentos. Essa prática se tornou necessária na medida em que as sociedades se tornavam mais complexas e o conhecimento ia se expandindo.

Ao longo dos séculos, os formatos de biblioteca e os serviços oferecidos passaram por transformações significativas, principalmente após o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s. Dos primeiros registros contendo informações sobre comércio e negócios, passando pelas fórmulas mágicas, cantos, os escritos tidos como científicos, até o universo imensurável de informações disponíveis dos dias atuais; dos modelos em tabletes de argila, passando pelas folhas feitas com papiro aos eletrônicos e ao digital, também os formatos de registro passaram por grandes transformações. Como consequência dessas evoluções, as bibliotecas foram se adaptando, desenvolvendo novas funções e especializações.

No que se refere às bibliotecas escolares, segundo Ferreira (2018), pouco se sabe sobre sua origem. No Brasil, a constituição histórica inicia-se com a criação das chamadas escolas normais no século XIX, já vinculada ao processo de formação para o trabalho.

A criação das bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido, começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais. A primeira a ser criada foi a biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, em 30 de junho de 1880, e, anos depois em 16 de junho de 1894, inaugura-se a Biblioteca do Ginásio do Estado da Capital (Válio, 1990, p. 18).

Até 1915, seguiram-se as criações de bibliotecas nessas escolas normais. Nas décadas de 30 e 40, a atenção foi concentrada nas bibliotecas dos ginásios. Nos anos seguintes, o conceito de biblioteca escolar seguiu em transformação, com foco na mediação do processo de ensino-aprendizagem (Válio, 1990).

Quanto à Educação Profissional e Tecnológica - EPT, apesar da grande produção científica que aborda sua história, não são muitas as publicações que abordam especificamente a “história das bibliotecas na EPT”. Becker e Chagas (2012) identificaram duas obras que trazem informações sobre o tema: "*Instalação de bibliotecas em escolas técnicas industriais*", de José Maria de Araújo Souza (1965) e "*Manual de serviços para bibliotecas de escolas técnicas industriais*", de Dóris de Queiroz Carvalho (1966). Esta, atualizada em 1970 sob o título "*Bibliotecas de escolas técnicas industriais: manual de organização e funcionamento*".

Essas publicações fornecem uma contextualização importante para a compreensão da preocupação com as questões técnicas das bibliotecas. Por outro lado, sua contribuição para o entendimento da história dessas bibliotecas, como atuavam em seus contextos, como surgiram e as mudanças ocorridas na biblioteca até aquele período não são significativas.

A biblioteca pública, por sua vez, caracterizada como “lugares de práticas culturais” (Silveira, 2007, p. 37), tem suas origens remontando ao Império Romano em suas ideias iniciais e função. A forma contemporânea de biblioteca pública surge após a Revolução Industrial como um mecanismo para a “‘manutenção da democracia’ [...]. Ordem, progresso e manutenção dos referenciais democráticos que deveriam ser dinamizados, em um primeiro plano, por ações relacionadas à leitura e à educação” (Silveira, 2014, p. 131). Sua função era abrigar a parcela marginalizada da população, deslocada do campo para a área urbana, sem acesso a outros bens culturais.

Sua defesa, conforme atesta Susana Mueller (1984, p. 9), ressaltava o baixo custo de um empreendimento que permitiria dar ao povo acesso à “boa literatura”, fazendo das bibliotecas públicas o meio mais econômico de se tentar manter homens exaustos e sem dinheiro entretidos em prazeres “inocentes”, e, portanto, fora das prisões, tribunais e asilos. Além disso, acreditava-se que as bibliotecas públicas poderiam provocar em seus usuários o hábito e o gosto pela “boa leitura”, dando, assim, continuidade ao “trabalho civilizatório” iniciado pela escola primária (Silveira, 2014, p. 03).

As mudanças sofridas pelas bibliotecas escolar e pública também causaram impactos na forma de gerenciamento dessas instituições. Novas formas de administrar tornaram-se necessárias. Um dos primeiros impactos causados à função do(a) bibliotecário(a) foi a necessidade de profissionalização para atuar nessas instituições.

No Brasil, o primeiro bibliotecário foi o jesuíta português Antônio Gonçalves, em 1604. Nesse período ainda não havia a formação específica para a função (Fonseca, 1979).

O primeiro curso de Biblioteconomia foi criado somente em 1911 na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Mais recentemente, a evolução tecnológica foi a grande propulsora de inovações, provocando mudanças sensíveis para os sistemas e instituições voltados para a comunicação e a informação (Santa Anna, 2016). Os impactos dessa evolução na biblioteca, nos serviços prestados e na perspectiva de atuação do(a) bibliotecário(a) foram determinantes para que os gestores de bibliotecas, agora profissionais, buscassem novas formas de atuação.

A tecnologia é um catalisador de mudanças particularmente importantes e pungentes para as bibliotecas, uma vez que cria novas necessidades e altera velhos e sólidos paradigmas estabelecidos ao longo de muitos séculos. A decorrência maior desta transição é que a informação torna-se cada vez menos ligada ao objeto físico que a contém. Bauwens¹, em um documento eletrônico intitulado *The Cybrarians Manifesto*, analisando a mudança que as novas tecnologias trazem ao papel do bibliotecário, afirma que esta era uma profissão tradicionalmente ligada a um produto (o livro) e um local (a biblioteca). Seus clientes deveriam transportar-se fisicamente até tal local para acessar a informação desejada (Levacov, 1997, p. 01).

Levacov (1997) segue sua análise esclarecendo que essas mudanças refletem no significado dos termos informação e comunicação, e nas oportunidades culturais e comportamentais que podem proporcionar. Com o foco de atenção deslocando-se do universo físico da informação para a própria informação em si, novas abordagens tornaram-se necessárias para a Biblioteconomia.

À vista disso, as mudanças nos formatos das bibliotecas trouxeram necessariamente mudanças no perfil de profissional para atuar nesse novo ambiente (Vieira; Baptista; Cuevas-Cerveró, 2013). Santa Anna (2016, p. 233) afirma que: “A informação disponibilizada no ciberespaço adquire uma nova dimensão, o que requer a oferta de produtos e serviços gerenciados a partir das novas tecnologias da informação e comunicação, por conseguinte, ocasionando novas práticas bibliotecárias”.

A autonomia que os usuários de bibliotecas têm atingido na busca por informação com o uso da tecnologia e o deslocamento do universo informacional do meio físico para o meio digital desafia os bibliotecários e bibliotecárias no tocante aos processos de gestão da biblioteca (Vaz, 2020). Não obstante, oferece oportunidades de ação em novas frentes de trabalho que atendam às novas demandas de serviço resultantes das oportunidades promovidas pelas mudanças de paradigmas. O deslocamento de foco da posse para o

acesso à informação (Santa Anna, 2016) e as transformações culturais e comportamentais (Ferreira; Araújo, 2016) decorrentes, são exemplos dessas mudanças.

1.2 As funções da biblioteca

Para uma melhor compreensão de como a biblioteca tem sido afetada pelas mudanças citadas no tópico anterior, é importante discorrermos um pouco sobre suas funções. Essa compreensão será desenvolvida junto a outros conceitos que consideramos úteis para entendermos o papel da biblioteca, principalmente a escolar. E mais objetivamente, da biblioteca na EPT.

Ainda que a biblioteca tenha surgido objetivando inicialmente a guarda, o depósito, a preservação da memória, é a presença do usuário que dá sentido à sua existência. A produção intelectual necessita que o registro seja acessado e compartilhado para a construção do conhecimento e a consequente transformação da sociedade. Como afirma Chartier (2020), são os leitores os responsáveis pelo uso e significação do registro. Sem essa participação ativa e interativa dos leitores, a biblioteca perde o sentido de ser.

De uma forma geral, essa função ou papel social da biblioteca tem passado por mudanças fundamentais em virtude das transformações ocorridas na sociedade. Essas mudanças têm levado os profissionais a repensarem as atuações, pessoal e da biblioteca. O modelo tradicional de biblioteca voltado para a preservação dos acervos e disseminação da informação vem sendo colocado à prova e desafiado a manter sua relevância em um novo cenário.

São diversos os relatos que indicam esses movimentos nas bibliotecas, ou a necessidade dessas mudanças de foco. A preocupação com o público atendido e seus interesses como ponto central de atuação, antes mesmo da oferta de material informacional é um aspecto crucial para a manutenção da relevância da biblioteca. Isto pode ser percebido nas bibliotecas escolares que abordam a formação do usuário como principal foco.

Campello (2003), Bernardino e Suaiden (2011), Ferreira e Araújo (2016), Almeida Júnior (2017), Ferreira (2018), Dantas, Ferreira e Medeiros (2021), Nascimento (2021) são alguns autores que abordam essa questão. O foco tem se deslocado cada vez mais para a formação humana, numa perspectiva diferente do modelo tradicional de biblioteca que tinha

no trato da informação seu centro de atenção. Isto no sentido de proporcionar uma educação transformadora, como defendida por Freire (1967).

Apesar da importância da biblioteca para o ensino e a formação dos indivíduos, existem lacunas significativas a serem observadas. A ausência de bibliotecas é uma delas. Duarte (2021) aponta para o fato de que 61% das escolas públicas brasileiras não possuem biblioteca e 47% dos alunos não a utilizam como recurso pedagógico. A biblioteca escolar “vivencia, de forma letárgica, a busca de legitimação e destaque nas unidades escolares e nas políticas públicas brasileiras” (Duarte, 2021, p. 29).

Uma publicação recente da CNN Brasil aponta que: “O Brasil perdeu 764 bibliotecas públicas, entre 2015 e 2020, segundo dados da Secretaria Especial da Cultura, do Ministério do Turismo” (Freua, 2022). Desse total, São Paulo e Minas Gerais concentram cerca de 91 % dos fechamentos.

Outro exemplo de lacuna pode ser observado na BNCC, “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2017). Não há nesse documento menção de forma explícita às figuras do(a) bibliotecário(a) e da biblioteca escolar como parte do processo educativo formal, conforme as orientações para as bibliotecas escolares (Quadro 1), preconizadas pela IFLA/UNESCO – International Association of School Librarianship / United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (1993, 2002, 2015), ou Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Quadro 1 – Funções da biblioteca escolar – IFLA/UNESCO

FUNÇÕES DA BIBLIOTECA ESCOLAR	
INFORMATIVA	“Fornecer informação fiável, acesso rápido, recuperação e transferência de informação; a biblioteca escolar deverá integrar as redes de informação regionais e nacionais” (IFLA/UNESCO 1993 p. 1).
	“As bibliotecas escolares devem melhorar o acesso aos recursos por parte dos seus utilizadores, através de empréstimos interbibliotecas e de partilha de recursos” (IFLA/UNESCO 2015 p. 42).
EDUCATIVA	“Assegurar a educação ao longo da vida, provendo meios e equipamentos e um ambiente favorável à aprendizagem: orientação presencial, seleção e uso de materiais formativos em competências de informação, sempre através da

	integração com o ensino na sala de aula; promoção da liberdade intelectual” (IFLA/UNESCO 1993 p. 1). “A função principal de uma biblioteca escolar é fornecer acesso físico e intelectual à informação e ideias” (IFLA/UNESCO 2015 p. 30). “A biblioteca escolar desempenha uma função importante como ponto de acesso significativo à sociedade atual baseada na informação. Deve fornecer acesso a recursos de informação digital que reflitam o currículo, bem como os interesses e a cultura dos utilizadores” (IFLA/UNESCO 2015 p. 41).
CULTURAL	“Melhorar a qualidade de vida mediante a apresentação e apoio a experiências de natureza estética, orientação na apreciação das artes, encorajamento à criatividade e desenvolvimento de relações humanas positivas” (IFLA/UNESCO 1993 p. 2) “A biblioteca pode ser usada como um ambiente estético, cultural e estimulante, que apresenta uma variedade de revistas, romances, publicações e recursos audiovisuais. Podem organizar-se eventos especiais na biblioteca, tais como exposições, visitas de autores e dias internacionais da literacia” (IFLA/UNESCO 2002 p. 18).
RECREATIVA	“Suportar e melhorar uma vida rica e equilibrada e encorajar uma ocupação útil dos tempos livres mediante o fornecimento de informação recreativa, materiais e programas de valor recreativo e orientação na utilização dos tempos livres” (IFLA/UNESCO 1993 p. 2).

Fonte: Silva (2017, p.117) com base em IFLA/UNESCO (1993, 2002, 2015), apud Pereira et al. (2021. p. 6).

Apesar da omissão, a BNCC aponta no sentido da implementação de mudanças no processo de ensino e aprendizagem. É de vital importância o conhecimento e a análise crítica dessas diretrizes para que os rumos da biblioteca sejam traçados em consonância com os documentos oficiais. Isso sem perder de vista as necessidades e particularidades das comunidades atendidas. E dessa forma, empenhar-se para que a biblioteca efetivamente colabore com essas mudanças.

Assim, a leitura do documento por bibliotecários escolares é um caminho para que a classe reflita criticamente sobre sua práxis. Tomando como luz os objetivos da BNCC, expressos nas dez competências gerais, concatenadas às diretrizes da IFLA, é possível, a despeito da dissonância entre a proposta desses documentos, implementar e ressignificar ações em colaboração com os professores, pedagogos, gestores e a comunidade escolar. Eis aí um desafio e uma possibilidade (Pereira et al., 2021, p. 27).

Esse conhecimento dos documentos que discutem a práxis biblioteconômica é um caminho necessário, apesar da ausência de direcionamento para a atuação da biblioteca escolar. Oferece desafios e oportunidades como defendido por Pereira et al. (2021),

também por Levacov (1997) e Santa Anna (2016). Mas não garante que o gestor da biblioteca obtenha êxito em suas iniciativas. Existem outras questões que demandam atenção e que também causam impactos nos resultados obtidos.

O isolamento com o qual a biblioteca convive dentro das instituições citado por Ferreira (2018) é outro elemento que requer atenção dos profissionais. Esse isolamento pode ser observado na pesquisa realizada por FEBAB (2015), que traz relatos de bibliotecários e bibliotecárias citando a falta de recursos financeiros e humanos como limitadores às ações das bibliotecas. Campello (2003) afirma que esse isolamento vai além das instâncias institucionais, afetando ainda os aspectos ligados à leitura e à literatura.

Como biblioteca universitária, suas funções básicas são apoiar o ensino, a pesquisa e a extensão (Souza; Targino, 2016; Santos; Gracioso; Amaral, 2018). Atuando isoladamente, sem conexão com os demais setores e ações da unidade, esse apoio fica comprometido. Dessa tríade, a parte mais afetada por esse afastamento parece ser a extensão uma vez que quase sempre demanda da biblioteca uma postura que vá além das práticas tradicionalmente realizadas.

Embora não indiquem a comunidade externa como público da biblioteca, Alcântara e Bernardino (2021) reconhecem a importância da extensão universitária como o grande elo de ligação entre as instituições de ensino e a sociedade. A pesquisa e o ensino estão mais vinculados ao uso dos recursos informacionais disponíveis, enquanto a extensão desafia a biblioteca a adotar novas posturas e formas de integração.

No que diz respeito às bibliotecas vinculadas à educação, o isolamento institucional apontado pela FEBAB (2015) vem acompanhado de um desinteresse, caracterizado pela falta de atenção pelo desenvolvimento da biblioteca por parte da instituição. Isso pode ser percebido em relação à constituição dos acervos, na ausência da promoção de formação continuada dos gestores e servidores da biblioteca e na falta de integração entre a biblioteca e os processos pedagógicos da instituição (Machado, 2010; Bernardino; Suaiden; Cuevas-Cerveró, 2013).

No que se refere à rotina de atendimento das bibliotecas, tem-se ainda a nova forma de relacionamento dos usuários com a informação. Isso traz novos desafios para as bibliotecas que precisam oferecer respostas e soluções cada vez mais rápidas e mais complexas, sem dispor de recursos adequados. Figueiredo (1994), esclarecendo sobre a necessidade de se conhecer o usuário da biblioteca, afirma: “os estudos orientados aos usuários propriamente ditos não são limitados a uma instituição, mas investigam o

comportamento de uma comunidade inteira na obtenção de informação” (Figueiredo, 1994, p. 8).

Ferreira (2018) comenta que as bibliotecas não têm acompanhado as mudanças nos perfis de usuários, mesmo sofrendo os impactos dessas mudanças. Prossegue afirmando que:

É importante que a biblioteca ofereça mais do que um acervo atualizado e informatizado, e tecnologias de informação. É necessário que o potencial formativo da biblioteca tenha impacto na comunidade escolar. Tendo em vista a configuração das estratégias de ensino atuais para o alcance desse objetivo é fundamental o envolvimento com os demais setores de apoio ao ensino extraclasse (Ferreira, 2018, p. 12).

A autora aponta que o desenvolvimento histórico da biblioteca demonstra como o modelo de biblioteca escolar se afastou das práticas de aprendizado propostas para esta. Assevera que a biblioteca escolar se diluiu no sistema de ensino, tornando-se obsoleta como este. Afirma ainda que a integração institucional, através do planejamento pedagógico é necessária, respeitando, porém, sua autonomia educativa e formativa. Deixa claro que a função da biblioteca escolar precisa ser integrada a laboratórios, salas de música e parque de recreação, entre outros.

Entretanto, a biblioteca precisa considerar a importância dos estudos de usuários na busca por um modelo que dê conta da multiplicidade de perfis e novos hábitos comportamentais desenvolvidos com o uso das TIC's. A autora sinaliza ainda que a biblioteca possui um campo de ação pouco explorado pelo modelo de ensino formal, na contribuição “para a aprendizagem autônoma e prazerosa” (Ferreira, 2018, p. 13).

Essa participação da biblioteca como incentivadora do aprendizado voltado ao seu sentido lúdico, condiz com Bamberger (2004) quando este, discorrendo sobre a forma como a leitura é tratada em sala de aula, afirma que a leitura é apresentada como uma tarefa difícil e sem sentido. Harmoniza-se ainda com o que relatam os documentos da IFLA/UNESCO (2015, 2005) sobre a função educativa da biblioteca em atuar integrada ao ensino em sala de aula, promovendo a liberdade intelectual.

É tarefa da biblioteca e do(a) bibliotecário(a) participar efetivamente dos processos de formação de leitores (Freire, 1989; Lajolo, 2011; Ferreira; Araújo, 2016; Ferreira, 2018). Não como tarefa pragmática (Brito; Pereira; Silva, 2021), mas contribuindo para a “formação de habilidades cognitivas (ou pessoas capazes de conviverem em ambientes saturados de informações) e [para o desenvolvimento de] competências sociais da população (ou

peças capazes de participar do esforço de tornar as sociedades mais igualitárias e solidárias)” (Martucci, 1999, apud Campello, 2003, p. 22).

Para cumprir essa função, e sendo um organismo em desenvolvimento, como apontado por Souza e Targino (2023), a biblioteca necessita de atenção e investimentos para atingir seus propósitos e proporcionar as condições necessárias à consecução dos seus objetivos (Becker; Faquetti, 2015). Como consequência, esses investimentos permitem o desenvolvimento estrutural e de ações de incentivo à leitura, entre outras, importantes para o crescimento da biblioteca e dos usuários.

Possibilitar ao público encontrar na biblioteca o adequado espaço de aprendizado, de trocas de experiências e vivências diversas, além da satisfação das necessidades informacionais, é um dos grandes desafios que as bibliotecas, principalmente as públicas e escolares, enfrentam. E enfrentar esses desafios é parte importante do processo de retomada de significado, visando reverter o quadro de perda de sentido e importância na vida dos usuários da informação.

Suaiden (2020) indica que esses desafios que a biblioteca enfrenta passam ainda pela forma como cada segmento interessado percebe o sentido da existência da biblioteca.

Na verdade, os diversos segmentos da sociedade têm expectativas diferentes em relação ao papel da biblioteca pública. A indústria editorial acredita que o objetivo fundamental é a formação de um público leitor. Os educadores acreditam que a biblioteca deve ser o alicerce do processo ensino-aprendizagem. Os intelectuais acreditam que deve ser um espaço rico em literatura de ficção. O trabalhador comum não vê a biblioteca como um local para solucionar os problemas cotidianos (Suaiden, 2020, p. 57).

Suaiden (2020) afirma ainda que a designação “biblioteca pública” pressupõe a prestação de serviços ao público em geral, sem distinção de condições sociais, educacionais ou culturais. Sob esse aspecto, ações que objetivem a atração de novos frequentadores, através de novas abordagens e proposições, que se aproximem mais do interesse do público são essenciais para que a biblioteca cumpra o seu papel (Ferreira, Araújo, 2016). Essa ressignificação da biblioteca escolar vinculada à EPT, passa pela revisão de sua atuação e de seu sentido para a sociedade.

1.3 As bibliotecas em tempos de Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s

O desenvolvimento das TIC’s com o consequente aumento do acesso à rede mundial de computadores é um capítulo particularmente importante na vida das bibliotecas. Ao

passo que apresenta um aumento exponencial da disponibilidade de informação, traz consigo as limitações de uso impostas pela falta de investimento do setor público nas bibliotecas. Uma vez que se torna mercadoria, sob o controle do mercado, é determinado um custo financeiro de acesso que as instituições não conseguem ou não se dispõem a absorver.

Essa presença das tecnologias compete com a biblioteca pela atenção do usuário, não somente no acesso à informação, mas também em funções nas quais a biblioteca escolar não se preparou para absorver. Isso inclui o lazer, a informação utilitária entre outros². Esses são alguns aspectos das TIC's que trouxeram para a biblioteca uma concorrência complexa e desigual, ao passo que novas demandas sociais também se apresentam.

A crise da biblioteca pública na sociedade da informação revela seu paradoxo. Inserida em uma sociedade com enormes contradições sociais, a biblioteca pública deixa de cumprir seu papel primordial de ser o grande disseminador de informação (SUAIDEN, 2000). Além dos tradicionais objetivos, a nova organização social demanda novas necessidades informacionais e de inclusão digital, demandas que antes não lhe eram pertencentes (Machado; Suaiden, 2024, p. 245).

Silva (2020) em *“A mídia e sua cultura da virtualidade a serviço da fragmentação dos vínculos educacionais”*, analisa os aspectos psicológicos envolvidos nessa relação. Aborda a questão da fragmentação da informação e dos sentidos que a experiência de uso das mídias proporciona. Alerta para a tendência humana de buscar sempre o prazer e a satisfação imediata.

O surgimento de novos meios comunicação de massa como o Smartfone, iPod, Tablet, Net Book, Notebook etc., e a utilização de várias ferramentas, aplicativos e sistemas de comunicação como Android, WhatsApp, Facebook, Skype oportunizando um sistema que mantém o indivíduo conectado “24 horas” pela internet, certamente, fomentou um impacto no comportamento das pessoas, interferindo nas relações pessoais, interferindo nas diversas áreas onde existem pessoas se comunicando (Silva, 2020, p. 264).

Essa presença massiva da informação no ambiente virtual resulta em uma fragmentação, não somente dos sentidos e da informação, como também das próprias relações entre os indivíduos (Bauman, 2001).

²Segundo pesquisa realizada pela CDL – Porto Velho, em 2019, cerca de 54% dos jovens declararam que a principal atividade realizada na Internet era o lazer.

No tocante ao ato de ler, pode-se observar reflexos na quantidade e qualidade da leitura, na capacidade interpretativa e influência direta na forma de ler e pensar dos leitores. Isso faz emergir o que Carr (2011) denomina leitor superficial do ambiente on-line. Esse autor expressa dessa forma sua percepção: “[...] algo tem estado com o meu cérebro, remapeando os circuitos neurais, reprogramando a memória. A minha mente está mudando. Sinto mais agudamente quando estou lendo”. (Carr, 2011, p. 17). O mesmo autor conclui:

A ironia do esforço da Google para trazer maior eficiência à leitura é que ele solapa o tipo de eficiência muito diferente que a tecnologia do livro trouxe à leitura - e às nossas mentes - em primeiro lugar. Ao nos libertar da luta para decodificar o texto rapidamente - lemos, se é que lemos, mais rápido do que nunca -, mas não mais somos levados a uma compreensão profunda, construída pessoalmente, das conotações do texto. Em vez disso, somos apressados para ir adiante até um outro pedaço de informação relacionada, e outra, e outra. O garimpo superficial do 'conteúdo relevante' substitui a lenta escavação do significado (Carr, 2011, p. 227).

Essa superficialidade da leitura no universo *online* é, ao mesmo tempo, uma preocupação relativa à forma como a leitura se dá, como relativa ao aprendizado que dela provém. “A digitalização do mundo é uma magnífica promessa e, ao mesmo tempo, uma perda se ignora ou se apaga as heranças que permitiram e ainda permitem múltiplas experiências do ler e do escrever” (Chartier, 2020, p. 166-167).

Nesse sentido, a aniquilação das experiências acumuladas é tanto um aspecto do aprendizado e da história que se perdem, quanto das funções da biblioteca, que deixa de cumprir com seus objetivos e, conseqüentemente, a diminuição da sua relevância para o público. O(A) bibliotecário(a) também perde espaço como mediador(a) dos processos de leitura e informação. Seja pela concorrência no acesso, seja pela quantidade de informação produzida. Acompanhar ou organizar esse universo de informação é impossível aos seres humanos. Cabe à biblioteca encontrar meios de se relacionar, utilizando os recursos da rede, mantendo-se relevante, sem se deixar sobrepor definitivamente pelo mundo digital.

1.4 Leitura e letramento – “A importância do ato de ler”

A importância da leitura é um dos conceitos fundamentais que permeia toda a discussão quando se fala em biblioteca, formação de leitores e formação integrada. Tomando-se como ponto de partida a concepção de Freire (1989, p. [4]), na qual afirma que o “ato de ler [...] implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido”. Não é, pois, um ato isolado. Assim, a forma como o indivíduo transita entre o texto e o meio

em que está inserido ocorre de forma entrelaçada, não havendo separação entre a percepção do universo da leitura e do universo em que habita. Ou, mais objetivamente, “[...] na prática democrática e crítica, leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas” (Freire, 1989, p. [13]).

De uma forma geral, a ideia de aprender a ler é um ato comumente relacionado à alfabetização. No entanto, essa ideia deve ser apreendida de forma mais ampla. Letramento é um conceito que amplia o sentido definido por alfabetização. Pode-se defini-lo como uma tomada de consciência do indivíduo desde o domínio da escrita e de suas possibilidades, passando pela compreensão da importância dos aspectos intelectuais e artísticos da educação (Soares, 2007).

Neste trabalho, a palavra letramento é utilizada para expor a compreensão sobre o ato de ler como ato de construção do conhecimento, de formação do indivíduo enquanto ser social. Na prática biblioteconômica, letramento ganha um termo aditivo: informacional.

O letramento informacional é um recurso para a democratização da informação e afirmação do trabalho desenvolvido pela biblioteca. Tendo como base o currículo, é possível desenvolver atividades na biblioteca que propiciem a abertura para o aprendizado extraclasse e o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para o aprendizado ao longo da vida (Ferreira, 2018, p. 8).

Esses aprendizados e habilidades citados por Ferreira (2018) se entrelaçam na formação do indivíduo e na sua concepção de mundo. Como ressalta Freire (1989, p. 13), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Assim, o Ensino Médio Integrado – EMI:

[...] surge como uma luta contra a hegemonia, defende uma educação comprometida com a classe trabalhadora brasileira, a qual se apresenta como uma forma de superar a dualidade educacional que está tão enraizada em nosso país, com uma formação unitária, humana, integral, centrada na politecnia, compreendendo o trabalho como princípio educativo e formando os sujeitos autônomos, livres, capazes de produzir novas formas de relações sociais (Santos; Porto Júnior, 2022, p. 2).

Discorrendo um pouco mais sobre a leitura, Almeida Júnior (2017), apresenta algumas belas imagens a respeito do ato de ler.

Ler é decodificar palavras; ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo; a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura, assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário; ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a possibilidade da fruição

do belo, da estética; ler é se nutrir da tradição e da memória do homem; a leitura é proeminentemente prazer; a leitura é a representação maior da virtualidade; ler é caminhar pelos espaços do sonho; a leitura possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados; a leitura permite ser o outro, estar no outro; ler é se apropriar de um dos mais importantes instrumentos de opressão, a escrita (Almeida Júnior, 2017).

No entanto, expondo uma contradição, Almeida Júnior (2017) adverte que a leitura é um ato tido como secundário na biblioteca, com espaço reduzido enquanto objeto de análise e pesquisa. Pela constante presença nos processos de construção do conhecimento, seria de se esperar que a leitura tivesse papel central nas questões estudadas pela biblioteca e seus gestores. Isso não tem acontecido com a frequência, ou profundidade necessárias, conforme Almeida Júnior.

Letramento como domínio da escrita, enquanto ferramenta relacionada às práticas sociais, amplia o sentido do ato de ler e do aprender a ler para além da noção básica de alfabetização (Soares, 2007). No contexto social e cultural, o termo letramento diferencia pessoa letrada de pessoa iletrada ou analfabeta. Logo a opção por utilizar o conceito de letramento numa perspectiva de formação para a vida em sociedade, na qual a compreensão do lugar que o indivíduo ocupa, o modo como ele vê essa sociedade é o que nos interessa, pois:

[...] não se trata de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais. [...] Tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada (Soares, 2009, p. 37).

A leitura concebida dessa forma remete à ideia de formação integrada abordada neste trabalho. A pessoa que compreende melhor seu “lugar social” e as relações envolvidas nessa compreensão imprime passos na direção de alcançar o sentido apontado por Ciavatta (2014). Referindo-se às alterações promovidas pelas legislações que subverteram o sentido da formação integrada, essa autora afirma:

[...] formação integrada significa mais do que uma forma de articulação entre ensino médio e educação profissional. Ela busca recuperar, no atual contexto histórico e sob uma específica de correlação de forças entre as classes, a concepção de educação politécnica, de educação omnilateral e de escola unitária (Ciavatta 2014, p. 197).

A formação integrada e a educação geral não são elementos dissociados da formação profissional, ou para o trabalho. Tem o objetivo de redistribuir as forças concentradas pelo sistema socioprodutivo nas mãos de uma parte da sociedade. Dessa forma, formação integrada é o entendimento do:

[...] trabalho como princípio educativo no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, e formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos[...]. Ou seja, não se trata somente de integrar um a outro na forma, mas sim de se constituir o ensino médio como num processo formativo que integre as dimensões estruturantes da vida, trabalho, ciência e cultura, abra novas perspectivas de vida para os jovens e concorra para a superação das desigualdades entre as classes sociais (Ciavatta; Ramos, 2012, p. 306).

Entre os aspectos intimamente ligados ao papel social que a biblioteca precisa observar está o de aliar formação cultural e científica, compreendendo o trabalho, a ciência e a cultura como “dimensões estruturantes da vida” (Ciavatta, 2014, p. 198). Isso dentro de uma concepção de formação do leitor crítico, capaz de correlacionar o aprendizado com a prática de vida. E o mecanismo básico de efetivação desse papel social é a formação de leitores que pode ser objetivado através do desenvolvimento de ações e projetos que visem à disseminação da leitura (Bernardino; Suaiden, 2011).

Nesse sentido, “quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim” (Lajolo, 2011, p. 7). Antônio Joaquim Severino, no Prefácio da obra de Paulo Freire “*A importância do ato de ler*”, aponta na mesma perspectiva de que “[...] aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (Freire, 1989, p. [1]). Pois, a leitura é uma ferramenta que propicia ao indivíduo conhecer o mundo. Logo, afigura-se como uma das principais atividades na formação e desenvolvimento da capacidade de análise crítica.

A biblioteca é o ambiente onde a leitura e a escrita estão permanentemente em evidência. O desafio é fazer dessa constante presença um ato, além de útil – letramento informacional (Ferreira, 2018), algo agradável – letramento literário (Cosson, 2014).

A leitura se baseia no desejo e no prazer. Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria ela é difícil demais; justamente porque ela não faz sentido (Bamberger, 2004, p. 17).

O incentivo à leitura deve ser um dos objetivos primordiais dos processos educativos, uma vez que todo o processo de ensino está intrinsecamente ligado à capacidade de ler e interpretar corretamente conteúdos diversos. E mais ainda no EMI, interpretar a realidade na qual o indivíduo está inserido. Freire (1989), discorrendo sobre a alfabetização, enfatiza que o ato de ler é um ato político, de conhecimento, um ato criador. O processo de alfabetização não se encerra nos domínios da leitura e da escrita, mas prossegue ao longo de todo o percurso de vida do indivíduo. “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (Freire, 1989, p. [4]).

Através do conhecimento adquirido pela leitura, amplia-se a possibilidade de formação crítica, no sentido de tornar-se um ser emancipado, integral, capaz de estabelecer relações dialógicas com o meio em que transita. E ainda desenvolver seu potencial sob diversos aspectos, elaborando suas análises e extraíndo mais conteúdo de suas experiências.

Nesse cenário, a biblioteca se apresenta como um elemento de integração institucional, como apontado por Ferreira (2018), por oferecer um ambiente menos sistematizado para a leitura do que uma sala de aula, na perspectiva de Bamberger (2004). A biblioteca é um ambiente mais fluido. Nela as experiências de leitura e escrita podem ser desenvolvidas como atividades que evocam o sentido do prazer e a busca de significados para o leitor.

Letramento informacional, definido como um processo que abrange e integra todas as ações que permeiam a localização, acesso, seleção e uso da informação para produção de conhecimento (Campello, 2003; Ferreira, 2018), evoca a importância da integração das ações na biblioteca. Aliado ao letramento literário, proporciona experiências mais profundas no uso da informação, o desenvolvimento do gosto pelas letras e amplia as possibilidades de leitura, de palavra e de mundo.

No que diz respeito à leitura, pode-se dizer que há atualmente maior entendimento e visão mais realista da questão, possibilitada por estudos aprofundados sobre o assunto, abrindo-se, portanto, para os bibliotecários, possibilidades de ação mais efetiva, a partir do momento em que a leitura seja compreendida em suas inúmeras dimensões: como instrumento de aprendizagem contínua e auto-educação, de aperfeiçoamento da linguagem, de experiência estética, de antecipação e ordenamento de vivências emocionais, além de fator de desenvolvimento do espírito crítico, da personalidade, da capacidade de partilhar experiências, de domínio de questões éticas, morais, sociais e políticas, dentre outros. [...] Dessa forma, explicitando a capacidade da biblioteca para contribuir no desenvolvimento de habilidades de localizar, selecionar, interpretar, utilizar e comunicar informação de maneira crítica e responsável, estaremos inseridos na questão letramento, um

“letramento informacional”, que pode contribuir para a ampliação da capacidade de crianças e jovens terem acesso aos saberes lingüísticos necessários ao exercício da cidadania [...] (Campello, 2003, p. 21 e 22).

O entendimento atual das questões relativas à leitura indicam que deve haver uma participação mais efetiva dos(as) bibliotecários(as) nos processos de formação de leitor. A biblioteca possui recursos para colaborar com essas ações, que são chamadas de letramento informacional. O processo de letramento informacional visa à autonomia do educando na busca, seleção, interpretação e uso de fontes de informação, em seu percurso formativo como estudante e como cidadão crítico.

1.5 Do(a) bibliotecário(a) aos documentos norteadores: a mediação da leitura, da informação e da cultura

Frigotto e Ciavatta (2003) defendem que as palavras e conceitos, ainda que resultantes de processos de elaboração sistemática e crítica ou científica, são construções ideológicas. São dotadas de sentidos e interesses, consubstanciados de acordo com o momento histórico em que são articulados. Alertam que “a atitude mais adequada a se adotar, tanto do ponto de vista da produção do conhecimento quanto da ação político-prática, é a de vigilância crítica, buscando desvendar o sentido e o significado das palavras e dos conceitos, bem como perceber o que nomeiam ou escondem e que interesses articulam” (Frigotto; Ciavatta, 2003, p. 46).

Para Fabris (2014, p. 4), “A linguagem não apenas descreve os objetos, mas, nesse movimento, produz significados, realidades”. O que corrobora as palavras de Batista (2020), de que existe a necessidade de desenvolver habilidades de leitura que proporcionem experiências que favoreçam a ampliação dos letramentos, de forma significativa e crítica. Essas assertivas explicitam o que diz Freire (1996), que não existe neutralidade na educação.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC é um documento que define as aprendizagens essenciais que todos os alunos da Educação Básica devem desenvolver ao longo de sua trajetória escolar desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Estabelece um conjunto de conhecimentos, competências e habilidades que são consideradas fundamentais para a formação integral dos estudantes, visando garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de cada um.

Em Brasil (2018), no texto da BNCC, Área denominada “Linguagens e suas tecnologias”, tem-se a afirmação de que a participação plena dos jovens nos diversos contextos socioculturais que envolvem o uso das linguagens é compromisso fundamental do ensino e aprendizagem de linguagens. Desenvolver habilidades de leitura que proporcionem essa participação plena exige uma capacidade de análise crítica dos contextos. Na escola, a biblioteca é o espaço de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão que tem a função de favorecer o desenvolvimento dessas habilidades, de forma mais universal, pela promoção do contato com diversificadas fontes de conhecimento e de possibilidades de convívio humano.

A essa função da biblioteca, está relacionada, de forma inequívoca, a função do(a) bibliotecário(a) como mediador dos processos de acesso à informação, à cultura e desenvolvimento de habilidades de leitura. As decisões tomadas em sua prática profissional cotidiana estão diretamente ligadas aos conceitos e concepções de mundo desses profissionais. E se refletem diretamente no modelo de biblioteca constituído, bem como nos resultados advindos desses processos.

Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político. Isto não significa, porém, que a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político esgotem a compreensão daquele processo e deste ato. Isto significa ser impossível, de um lado [...] uma educação neutra, que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral; de outro, uma prática política esvaziada de significação educativa (Freire, 1989, p. [10]).

A atuação do(a) bibliotecário(a) nesse contexto é determinante. Como agente mediador(a) da informação, da cultura e, especialmente, da leitura, seu papel está inerentemente ligado à formação de leitores e ao uso da informação. Campello (2003), Castro Filho (2016) e Pereira et al. (2021) confirmam que o(a) bibliotecário(a) é um(a) educador(a) que media os processos de desenvolvimento informacional para a formação dos indivíduos. E essa mediação deve ser um ato planejado e com objetivos claros e não se limitar ao território da biblioteca.

É essencial uma atuação consciente por parte dos(as) bibliotecários(as) para que desenvolvam a mediação cultural, a mediação da informação e, como tratada neste contexto, a mediação da leitura, tanto na ambiência do seu espaço físico quanto dos dispositivos virtuais que podem potencializar o acesso ao que está geograficamente distante (Santos; Bertolin; Souza, 2022, p. 6).

A participação do(a) bibliotecário(a) no processo educativo é, portanto, um ato político e educativo na perspectiva apontada por Freire (1989). Sua visão de mundo influencia diretamente sua concepção de biblioteca. Influencia ainda nos resultados obtidos pela biblioteca junto aos seus usuários e por estes em seus processos de aprendizado (Vergueiro, 1987).

Mukherjee (1985) cita a ênfase dada às questões técnicas e rotinas como um dos principais obstáculos às mudanças de filosofia nas bibliotecas. Vieira, Batista e Cuevas-Cerveró (2007) destacam o desafio da biblioteca em integrar as suas funções tradicionais e contemporâneas, diante das novas tecnologias e das mudanças sociais que afetam a forma como a biblioteca atua e atuará para manter-se relevante nesse cenário. Ferreira e Araújo (2016) citam a necessidade de readequação da biblioteca, dando mais ênfase às pessoas, diante da mudança de comportamento dos leitores.

E nesse sentido apresenta-se a necessidade de concepção da biblioteca como espaço de sociabilidade, ou convivência, redirecionando o foco das ações. Ao se pensar em mudanças de filosofia para as bibliotecas, nos tempos atuais, o usuário deve ser colocado em primeiro plano. Isso envolve novas abordagens conceituais que auxiliem no entendimento sobre qual é a biblioteca que se pretende apresentar à sociedade. E abordagens relacionais que proporcionem compreensão sobre quem é o público real e virtual dessa biblioteca.

Logo, questões sociais e políticas, formação cultural, preocupações ambientais, entre outras, são temas que necessariamente farão parte desse desafio, tanto na formação e vivência do profissional bibliotecário, quanto nas rotinas da biblioteca (Castro Filho, 2016). Conforme Mukherjee (1985):

[...] um bibliotecário precisa ter uma consciência profissional definida. Deve saber o que deseja alcançar. [...] a teoria da biblioteconomia assegura que as técnicas bibliotecárias não implicam em rotina. Que a coleção e seu arranjo não implicam em dogmatismo; e que a administração da biblioteca não implica em burocracia (Mukherjee, 1985, p. 26 e 27).

Essa mudança de direção na função da biblioteca e a necessidade de novas abordagens junto ao público passa pela necessidade de conhecer as referências encontradas em documentos oficiais sobre a educação. Esses documentos norteiam as ações que devem ser implementadas no processo educacional brasileiro. Algumas vezes apontam caminhos, outras vezes indicam vazios conceituais, que podem se apresentar como oportunidade para a biblioteca buscar inserir-se nas ações institucionais. Dessa

forma, retomamos aqui a BNCC (Brasil, 2018) como exemplo de documento oficial que trata da educação, recortando a forma como aborda alguns dos temas apresentados neste estudo.

Pereira et al. (2021) apontam que os termos próximos ao propósito dessa discussão, mais presentes na BNCC são “leitura”, “letramento” e “formação de leitores”. O termo bibliotecário ou bibliotecária não são citados e a palavra biblioteca aparece duas vezes remetendo a práticas educativas. Logo, pode-se afirmar que, nesse documento específico, o(a) bibliotecário(a) não é visto(a) como educador(a), mas como técnico(a), e a biblioteca quando citada, é somente de forma superficial. Aspectos relativos à formação de leitores são sempre vinculados à tarefa do professor em sala de aula.

Sobre os objetivos da educação básica e o uso da literatura, a BNCC afirma que:

[...] a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (Brasil, 2018, p 14). [...] O trabalho com a Arte no Ensino Médio deve promover o entrelaçamento de culturas e saberes, possibilitando aos estudantes o acesso e a interação com as distintas manifestações culturais populares presentes na sua comunidade. O mesmo deve ocorrer com outras manifestações presentes nos centros culturais, museus e outros espaços, **de modo a propiciar o exercício da crítica, da apreciação e da fruição** de exposições, concertos, apresentações musicais e de dança, filmes, peças de teatro, poemas e obras literárias, entre outros, **garantindo o respeito e a valorização das diversas culturas presentes na formação da sociedade brasileira**, especialmente as de matrizes indígena e africana (Brasil, 2018, p 483, grifo nosso).

Citando competências sociocognitivas e emocionais como desejáveis de serem desenvolvidas através da literatura na escola, a BNCC mascara o verdadeiro sentido de conformidade com o sistema. Isso termina por se afirmar como sendo:

[...] todo um conjunto de atributos em profunda sintonia, na verdade, não com uma perspectiva crítica de educação, mas com uma linguagem empresarial voltada para a adesão tranquila de jovens obedientes e ajustados a um mercado de trabalho cada vez menos disposto a ceder ou capaz de acolher e abrigar todas as pessoas (Cechinel, 2019, p. 7).

O que remete a uma incompatibilidade entre o uso da literatura na escola, como indicado na BNCC, e a concepção de leitura como ato de prazer ou como instrumento de formação humana crítica, visando à intervenção na realidade social. No entanto, essa incompatibilidade aponta uma possibilidade para o uso da literatura a partir dessa presença/ausência constatada no referido documento.

Nessa contradição, repousa a possibilidade de subverter o sistema e desarmar o pensamento ilegítimo que pretende ver a leitura como algo funcional. Assim, buscar a inserção da literatura nos processos de ensino e aprendizagem como elemento indispensável para a formação integral dos estudantes, ou como ato de deleite.

Dessa forma, destacamos a necessidade de que os bibliotecários e bibliotecárias busquem conhecer os documentos norteadores da educação. Esse conhecimento pode proporcionar oportunidades de exercerem de fato seu papel como mediadores do acesso ao universo da informação e da cultura, numa perspectiva renovada.

Consequentemente, proporcionar à biblioteca oportunidades para rever os usos tradicionais e sistemáticos nela praticados (Bernardino; Suaiden, 2011; Alcântara; Bernardino, 2012). Isso poderá permitir que esses usos possam ser rearranjados e ressignificados para a formação de leitores, de acordo com a noção de formação integrada contida em Ciavatta e Ramos (2012) e Ciavatta (2014) e da proposição da leitura como ato prazeroso (Cechinel, 2019).

Os Institutos Federais têm em sua estrutura essa vocação integradora. As bibliotecas desses institutos possuem características singulares: são unidades mistas, sendo universitárias, escolares e públicas ao mesmo tempo, como afirmam Santos, Gracioso e Amaral (2018), destinadas a atender a públicos e demandas diversas. Essa característica remete ao que Pacheco (2010) afirma a respeito dessas instituições:

[...] é necessário ressaltar uma outra face dessas instituições federais, aquela associada à resiliência, definida pelo seu movimento endógeno e não necessariamente pelo traçado original de uma política de governo, tornando-as capazes de tecerem, em seu interior, propostas de inclusão social e de construir, “por dentro delas próprias”, alternativas pautadas nesse compromisso com a sociedade (Pacheco, 2010, p. 17).

Esse compromisso com a sociedade deve estar presente em todos os aspectos na gestão da biblioteca. As concepções filosóficas e conceituais dos profissionais interferem diretamente nos processos educacionais. Logo, faz-se necessário o conhecimento das comunidades, interna e externa, da instituição, dos cursos, dos projetos desenvolvidos, currículos e outros. E ainda que a biblioteca desenvolva essa resiliência, atentando-se para uma atualização constante, entendendo os movimentos da sociedade e os interesses desta (Campello, 2003; Silva, 2012; Castro Filho, 2016; Santa Anna, 2016; Almeida Júnior, 2017).

Enfim, são muitos os aspectos que requerem a atenção do gestor no sentido de manter a biblioteca alinhada aos interesses da comunidade e comprometida com seu

público. Logo, conhecendo aspectos como os acima mencionados, é extremamente importante que o gestor tenha o cuidado de buscar minimizar a influência de suas concepções de mundo em sua atividade profissional. O que não significa abster-se de assumir posturas, rever filosofias e repensar as próprias práticas e as práticas presentes na biblioteca.

A biblioteca se desenvolve para atender à comunidade tendo como princípios fundamentais proporcionar condições para que o público se municie com o arsenal disponível de informação para a satisfação de suas necessidades. Dessa forma, é função da biblioteca possibilitar que o conhecimento se desenvolva e, tanto os objetivos educativos quanto políticos do processo educativo possam ser atingidos de acordo com as escolhas dos indivíduos, num processo autônomo de decisões, através do acesso à informação.

Possibilitar que a biblioteca ofereça diversidade de informações em formatos também diversificados de registro é um ato democrático que deve ser perseguido insistentemente pelos gestores. Manter sempre o foco na liberdade de escolha dos usuários e nos objetivos da biblioteca no EMI, de promover o desenvolvimento intelectual e crítico da comunidade, deve ser um compromisso.

Encerra-se essa parte do debate com a apresentação da Declaração dos Direitos da Biblioteca, elaborada pela American Library Association – ALA, extraída de Vergueiro (1987).

- I. Livros e outros materiais de biblioteca devem ser providos para o interesse, informação e esclarecimento de todas as pessoas da comunidade a ser servida. Nenhum material deve ser excluído por motivos de origem, antecedentes ou pontos de vista daqueles que contribuíram para sua criação.
- II. As bibliotecas devem prover materiais e informação que apresentem todos os pontos de vista com relação a fatos históricos e correntes. Os materiais não devem ser proibidos ou removidos por razões de desaprovação doutrinal ou partidária.
- III. As bibliotecas devem desafiar a censura no cumprimento de sua responsabilidade de prover informação e esclarecimento.
- IV. As bibliotecas devem cooperar com todas as pessoas e grupos preocupados em resistir à restrição da livre expressão e livre acesso às ideias.
- V. O direito de um indivíduo ao uso de uma biblioteca não deve ser negado ou reduzido devido à sua origem, idade, antecedentes ou pontos de vista.
- VI. As bibliotecas que tornam acessível, ao público que servem, espaços e salas de reuniões, devem deixar tais facilidades acessíveis em bases equitativas, independente das crenças ou afiliações de indivíduos ou grupos que solicitem seu uso (Vergueiro, 1987, p. 23).

Embora não seja um documento orientador do sistema educacional brasileiro, traz conceitos importantes para a prática bibliotecária nos processos de mediação da leitura, da

informação e da cultura. Coloca o cidadão no centro do processo ao definir que o interesse do indivíduo deve guiar a formação da biblioteca. Defende acima de tudo a igualdade de direitos, acima de qualquer divergência cultural, religiosa ou de qualquer outra natureza.

1.6 Espaços de convivência: desafios e caminhos possíveis na promoção da função social da biblioteca

O conceito de espaço de convivência, normalmente relacionado à Arquitetura e Urbanismo, não possui aplicação destacada em ambientes como bibliotecas. Boa parte de suas aplicações diz respeito a ambientes abertos, urbanos, na relação das pessoas com o meio. Sobre sua concepção, composição, usos e funções, tem-se a seguinte afirmação:

De acordo com Santos (1996), o espaço é um conjunto de sistemas de objetos e ações, contribuindo para a interação mútua dos elementos físicos e as ações sociais. Logo, deve ser analisado como uma totalidade, sendo composto por três aspectos indissociáveis: a estrutura (o espaço físico propriamente dito), o processo (as ações sociais) e a função. Assim também como deve-se levar em consideração o conceito de produção do espaço de Lefebvre (2000 apud Schmidt, 2012), onde o espaço é fundamentalmente atado ao seu contexto social e por isso deve ser analisado a partir de suas relações cotidianas, uma vez que cada tipo de relação produz um espaço diferente; e o conceito de lugar, no qual o espaço até então indiferenciado se transforma à medida que dotamos valor e significado (Dantas; Ferreira; Medeiros, 2021, p. 1176).

Dantas, Ferreira e Medeiros (2021) acrescentam que os espaços de convivência em ambientes educacionais constituem extensão das salas de aula e dão suporte aos usuários em suas atividades e necessidades. Espaços de convivência em bibliotecas, nesse sentido, são uma perspectiva integradora desses dois universos, os espaços de convivência e a sala de aula.

A pesquisa realizada pela FEBAB em 2015, denominada “*Biblioteca como espaço de convivência, novas ambiências*”, citada anteriormente neste estudo, procurou analisar como os bibliotecários e bibliotecárias percebem a função social da biblioteca. O entendimento dessa função tem a perspectiva de que a biblioteca pode oferecer serviços culturais, de entretenimento e ações educativas, atuando como espaço de convivência. Uma das conclusões resultantes da pesquisa confirma essa afirmação: “A biblioteca e seus profissionais também possuem a capacidade de oferecer serviços culturais, de entretenimento, realizando ações educativas que vão além do acervo informacional” (FEBAB, 2015, p. 3).

As bibliotecas de escolas e universidades públicas ocupam um lugar importante na instituição e na sociedade. São públicas e, nessa relação com o público, objetivam atender demandas da sociedade. O valor e o significado dado a esses espaços é que determinam o significado de lugar. “A eficiência desses espaços e lugares tem influência direta na qualidade de vida das pessoas que o utilizam, sendo de suma importância para o entendimento dessa relação” (Dantas; Ferreira; Medeiros, 2021, p. 1176). Esse significado de lugar reflete-se na noção do senso de pertencimento do público. Conceitos expressos e definidos para o espaço da biblioteca afetam a relação entre esta e a comunidade.

A qualidade de um espaço se dá pela harmonia das relações pessoa-ambiente, que pode ser analisada por diversos fatores que vão desde aspectos bioclimáticos até a configuração de mobiliário ou as relações pessoais em que nele ocorrem, devendo assim corresponder às inúmeras necessidades dos usuários. Porém, devido às singularidades de cada um, o mesmo espaço pode não responder da mesma forma para todos, fazendo-os reagir de forma positiva ou negativa em função da maneira como as necessidades específicas daquele momento são atendidas (Dantas; Ferreira; Medeiros, 2021).

A obrigatoriedade da biblioteca pública em atender de forma diversa a diferentes públicos é um importante aspecto a ser refletido. De uma forma geral, as bibliotecas das instituições de ensino impõem limites no uso dos materiais disponíveis além dos limites físicos da biblioteca a um importante conjunto da sociedade, a comunidade externa. Dois exemplos desses limites são a ausência da biblioteca nas ações de extensão e o empréstimo domiciliar de acervo. No caso específico da BCPEAS, essa proibição consta no Regulamento Interno (Cap.5, art. XII do Regulamento da BCPEAS – *campus* Bambuí), ANEXO A deste estudo.

Uma interessante contribuição nesse aspecto é a dissertação de mestrado intitulada “*Histórias que inspiram bibliotecas*” de Vinícius Souza Nascimento, apresentada em 2021 para o Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT, do IFMG. O autor desenvolve análises relativas à forma como as bibliotecas nas instituições públicas de ensino dialogam com a comunidade externa. Aponta que foram observadas, entre outras questões, diversas dificuldades para que a comunidade externa se aproprie dos seus direitos de usuário no acesso aos serviços da biblioteca.

Há que se concordar com a posição defendida por Nascimento (2021) de que as bibliotecas de instituições públicas são para uso da comunidade. Tanto mais em cidades de menor potencial econômico, mais afastadas dos grandes centros, onde essas bibliotecas

costumam ser as mais bem equipadas em uma significativa área de abrangência. E que é preciso encontrar caminhos para que esse acesso e uso sejam simplificados.

Nesse sentido, a biblioteca de uma instituição de ensino pública não pode prescindir de atender à comunidade externa nas mesmas condições em que atende à comunidade interna. Este é também o entendimento de Santa Anna (2016), amparando-se em Bernardino e Suaiden (2011).

Os referidos autores acreditam que a biblioteca na sociedade atual, com ênfase na biblioteca pública, somente expandirá suas atividades, sendo reconhecida como instituição social que contribui com o desenvolvimento pessoal dos cidadãos e com o crescimento social, político e econômico da nação em que está inserida, se houver atuação mais árdua e intensa dos bibliotecários no que se refere à elaboração e condução de projetos que ultrapassem os “muros” das bibliotecas físicas, atingindo o cotidiano da sociedade (Santa Anna, 2016, p. 238).

Diante das limitações de acesso impostas à comunidade externa no uso dos recursos da biblioteca, existem opções imediatas que podem aproximar a biblioteca desse público. Uma das possibilidades é a biblioteca atuando como instrumento de formação social através de projetos, principalmente ligados à cultura (Santa Anna, 2016). Dessa forma, as bibliotecas aumentam sua participação no campo da cultura e formação, além do campo do acesso à informação. Ampliam também o espaço para a concretização da sua função social, como apresentado por Silveira e Reis (2011) e Vaz (2020).

Essa forma de se apresentar à comunidade tem como objetivo exercer o mais plenamente possível seu papel social, atendendo às novas demandas da sociedade e aos novos perfis de usuários. E, nesse caso, permitir que o público externo se aproprie de, pelo menos, parte de seu direito como cidadão no uso dos equipamentos públicos, com vistas ao processo de formação humana integral. O que corrobora os dizeres de Castro Filho e Campos (2014), quando afirmam que a biblioteca escolar deve ser:

[...] um laboratório de pesquisa, que se permite que formem leitores; um centro de fazer educativo; que seja um local de comunicação e de utilização de várias fontes de informação, seja no suporte físico, impresso ou virtual; de busca de questionamentos e soluções de problemas; que precisa ser ativa; de entretenimento; e que tem como missão o desenvolvimento e a formação dos cidadãos (Castro Filho; Campos, 2014, p. 23).

O Manifesto da IFLA/UNESCO em sua edição para a língua portuguesa, discorrendo sobre a importância da biblioteca para o estudo e a aprendizagem, traz uma interessante afirmação sobre a atuação da biblioteca escolar.

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem-sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis (IFLA/UNESCO, 2000, p.1).

Assim, tendo como ponto de partida as funções “primárias” de fornecer acesso à informação e formação de leitores, seguindo-se à compreensão da biblioteca como espaço educativo e formativo, caminha-se para a compreensão da função social da biblioteca. No EMI, como ambiente de disseminação de informação e de expressão cultural, a biblioteca contribui para o crescimento pessoal dos indivíduos, para a formação crítica, preparando-os para o mundo do trabalho. Santa Anna (2018), ao analisar publicações relativas ao tema, aponta nessa mesma direção. Quanto às funções da biblioteca universitária, afirma que:

No mundo contemporâneo, diversos estudos – como em Almeida Junior (1997), Milanese (2002), Fonseca (2007), Bernardino e Suaiden (2011), Santa Anna, Gregório e Gerlin (2014), dentre outros – confirmam a função informacional e educativa, mas também reconhecem o papel social da biblioteca, de modo que essa unidade e sociedade sejam cúmplices na produção de conhecimento e na melhoria da qualidade de vida dos indivíduos (Santa Anna, 2018, p. 451).

Bernardino e Suaiden (2011) sustentam que o fornecimento de informação está no centro das atividades biblioteconômicas. Assim, a produção do conhecimento difundida nas bibliotecas públicas “é mediada pelas intervenções da sociedade, permeada pelos projetos de cultura e leitura, a fim de atuar concretamente na comunidade usuária, construindo laços sociais” (Bernardino; Suaiden, 2011, p. 37). A promoção de espaços de convivência em bibliotecas pode ser uma das formas de se construir uma relação mais aproximada entre a instituição e as comunidades interna e externa.

Como citado anteriormente, o conceito de espaços de convivência é comum na Arquitetura e no Urbanismo. Foram encontrados estudos que apontam para seu uso em: escolas (Ferrari; Hellman, 2019), (Fabris, 2014); ambientes virtuais (Schlemmer, 2013); hospitais (Ferreira, 2002), entre outros. São relatos de ambientes quase sempre voltados para o convívio social e para as relações das pessoas com o meio ambiente.

Em FEBAB (2015) encontramos o conceito aplicado a bibliotecas. Não obstante, é possível perceber neste relato uma visão limitada do sentido. Da mesma forma, existe uma perspectiva incipiente para as possibilidades de união biblioteca/espços de convivência apontados na pesquisa e na literatura especializada, de forma geral. Os resultados da pesquisa citam que:

[...] de forma unânime, as unidades de informação entrevistadas não realizam atividades bibliotecárias com fins de entretenimento. Isso não deveria acontecer, pois a literatura, de modo geral, defende a existência da função social atribuída à biblioteca (FEBAB, 2015, p.2).

A partir das primeiras análises dos referenciais teóricos, foi possível perceber que existe pouca informação sistematizada acerca de espaços de convivência em ambientes escolares. Menos ainda se o espaço em questão é a biblioteca. As discussões acerca desse tipo específico de ambiente passam, em um primeiro momento, pelo aspecto pedagógico. E em sentido geral, o conceito de “espaços de convivência” se aproxima ao de “espaço de lazer”. Experiências que envolvam a convivência dentro de biblioteca ainda são pouco exploradas.

Pode-se perceber uma postura reativa à ideia de espaço de convivência coexistindo no ambiente da biblioteca, possivelmente devido à inadequação dos espaços físicos, ou à compreensão, ainda dominante, de que biblioteca é, fundamentalmente, local de estudo e pesquisa. Uma análise questionadora, nesse sentido, é apresentada por Bastos, Pacífico e Romão (2011), que discutem a questão do silêncio em bibliotecas escolares, como sendo um elemento inibidor da construção de sentidos, de fuga e de contestação da ordem social.

Outra contribuição, na mesma direção, é apresentada por Coelho e Gomes (2021), em dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades – PPGEH, do Instituto Federal do Espírito Santo. Os autores questionam o silêncio como prática nas bibliotecas. Asseguram que a função educadora da biblioteca passa pelo incentivo à leitura como aspecto importante para o lazer, a diversão, o estudo, o ensino e o trabalho. E que pode ser atingida através de ações de relacionamento entre os sujeitos na biblioteca, e entre a biblioteca e os demais setores da instituição.

Ferreira (2018) analisando a biblioteca quanto ao lugar e à função avalia da seguinte forma a questão do silêncio em um ambiente de convívio social: “O tão proclamado silêncio, que nesse sentido refere-se ao isolamento, sabido que a linguagem é manifesta não somente através da fala, é substituído pelo ruído das interações sociais que nela ocorrem, seja no desenvolvimento de atividades colaborativas ou nas interações através da linguagem” (Ferreira, 2018, 10).

A pesquisa da FEBAB (2015) aponta que os bibliotecários e bibliotecárias reconhecem que as bibliotecas desempenham função social. E que existe um potencial não

desenvolvido em superar as funções informacionais através dessa função social. Segundo a pesquisa:

[...] foi demonstrada a realidade de algumas bibliotecas da esfera pública no que se refere às funções sociais por elas desenvolvidas, constatando que, na maioria das bibliotecas, as atividades sociais, voltadas para a cultura e lazer, ainda não são praticadas, tendo maior preocupação as funções informacionais direcionadas à gestão dos acervos (FEBAB, 2015, p. 3).

Essa noção da função social da biblioteca permeia o pensamento e as rotinas dos(as) bibliotecários(as), apesar das questões ligadas à técnica serem dominantes nas bibliotecas, de forma geral. Existe, entretanto, a necessidade de se desenvolver melhor a compreensão sobre quais as possibilidades para a biblioteca, de fato, atuar nesse sentido.

Dantas, Ferreira e Medeiros (2021), analisam a influência de espaços de convivência na vida de estudantes universitários do Centro de Tecnologia - CT, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, com foco nas áreas de Arquitetura e Urbanismo. Apontam para a necessidade e viabilidade da constituição de espaços de convivência em instituições de ensino.

As áreas de convívio, que dão suporte aos estudantes em suas atividades diárias e precisões básicas, deveriam complementar as salas de aula e os acolher. Sabe-se que o estudante universitário necessita de espaços de convivência que permitam o pleno desenvolvimento de sua rotina, já que pode influenciar diretamente no seu nível de participação universitária (Dantas; Ferreira; Medeiros, 2021, p. 1175).

Os autores afirmam que os resultados dessa análise “indicaram que os alunos se tornariam mais participativos caso tivessem espaços promotores da harmonia das relações pessoa-ambiente” (Dantas; Ferreira; Medeiros, 2021, p. 1174). E, ainda, que espaços constituídos com esse objetivo favorecem a participação dos estudantes nas atividades universitárias. Os resultados apontaram também para a necessidade de mais ambientes de descanso e estudo, desejo manifestado pelos participantes da pesquisa.

É possível perceber que a compreensão do conceito de espaços de convivência é aplicada neste estudo segundo uma forma relativizada, que não abrange completamente seu sentido e suas possibilidades. Para uma instituição que atende a públicos diversificados, como no caso da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, as necessidades do público podem apresentar uma maior variação, assim como as possibilidades de aplicação do conceito.

Santa Anna (2015) assinala que a percepção das bibliotecas como espaços de convivência surge da análise das mudanças pelas quais as bibliotecas têm passado e do redirecionamento de suas funções, tornando-se, cada vez mais, instituições comprometidas com as questões sociais e promotoras da democracia. A biblioteca é um local de buscas, de descobertas, de pesquisas e estudos, ou simplesmente um ambiente acolhedor onde se pode passar o tempo livre.

A biblioteca deve, na contemporaneidade, adquirir uma nova faceta, investigando o perfil dos usuários e a eles se adequando, tornando-se um espaço de socialização, oferecendo subsídios para auxiliar a vida de seus usuários. Assim, o foco das atividades não estará no acervo, mas nas pessoas e suas necessidades sociais (Santa Anna, 2015, p. 2).

Compreender quem é o usuário da biblioteca contemporânea, suas motivações e interesses, quais aspectos da tecnologia podem ser utilizados em favor da manutenção da relevância da biblioteca e no atendimento das necessidades dos usuários, são questões importantes. Porém, não são suficientes para uma análise do papel que a biblioteca pode e deve desempenhar no nesse atual contexto, em que a tecnologia trouxe profundas mudanças, tanto para a técnica biblioteconômica, quanto para os perfis de usuários.

A concepção da relevância e compromisso social da biblioteca não é um conceito recente, como pode ser verificado a partir de alguns estudos citados por Vaz (2020). Esse autor afirma que é possível encontrar referências a essa função em grandes estudiosos da biblioteconomia como Antonio Panizzi e Melvil Dewey, ambos do século XIX, Paul Otlet no início do século XX e em estudos mais recentes como Varheim (2014).

Grande parte dos estudos aborda a questão da análise da função social da biblioteca pública como sendo uma das principais razões de ser da biblioteca. No que se refere a essa função social da biblioteca, em relação à EPT e a questão da formação intelectual e para o trabalho, que é parte do nosso objeto de análise, essa função social ganha novos contornos. Concordamos que:

[...] a biblioteca ganha importância dentro da concepção de EMI, contribuindo para a desconstrução dessa dualidade, assumindo seu papel pedagógico, social e político, dando voz àqueles que sempre foram silenciados. Como um espaço pedagógico é uma relevante ferramenta a contribuir para reafirmar o papel de destaque da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) na formação de sujeitos críticos e autônomos, gerenciando os conteúdos informacionais presentes em diferentes fontes e formatos, auxiliando no processo de pesquisa escolar, democratizando o acesso à informação e sendo uma facilitadora na produção de conhecimento e, ao mesmo tempo, viabilizando a esses sujeitos a apropriação da cultura (Santos; Porto Junior, 2022, p. 2).

Assim, a biblioteca do EMI precisa ser um espaço que ofereça oportunidades de diálogo, cultura e atividades de formação humana para a comunidade acadêmica e para a comunidade externa ao *campus*. E ainda investir em ações que fortaleçam seu papel de mediadora do conhecimento, desenvolvendo políticas de formação e de acesso à informação, comprometida com os aspectos pedagógicos e a diversidade do público atendido.

Como espaço de convivência, aberto às necessidades informacionais, humanas, sociais e de expressão intelectual da comunidade, a biblioteca amplia sua atuação. Esse caminho é uma das alternativas para que a biblioteca reelabore seu papel e permaneça desempenhando uma relevante função para os usuários, diante das novas conformações sociais e informacionais da contemporaneidade.

A biblioteca é guardiã do conhecimento sistematizado, destinada ao apoio do processo de aprendizagem (IFLA/UNESCO, 2000, 2015, 2025; Ferreira, 2018). É um serviço social ligado à vida da comunidade e, talvez, a única instituição onde a sociedade pode usufruir plena e integralmente os princípios da democracia. Logo seus objetivos devem estar em sintonia com os anseios da sociedade (Mukherjee, 1985).

Dessa forma, é seu papel proporcionar à sociedade os meios para que a informação se transforme em conhecimento, auxiliando no desenvolvimento da capacidade de leitura crítica da realidade (Almeida Júnior, 2017). E assim potencializar mudanças em direção a uma sociedade mais justa (Ciavatta, 2014).

Biblioteconomia e educação são “serviços irmãos” (Mukherjee, 1985, p. 37). O(A) bibliotecário(a) precisa compreender que essa união só se completa pelo entendimento das necessidades do seu público (Figueiredo, 1994). A biblioteca, por sua vez, precisa estar aberta à comunidade para proporcionar o acesso ao conhecimento. E como espaço público, possibilitar a expressão das suas produções culturais, laborais, informacionais e artísticas. Isto no sentido de cumprir com o papel social da educação e contribuir para a formação omnilateral da comunidade atendida (Bernardino; Suaiden, 2011; Ciavatta, 2014; Brito; Pereira; Silva, 2021).

A partir dessa perspectiva, acredita-se que a biblioteca possa retomar o sentido de sua existência, como um importante componente das estruturas institucional e social. Atuando efetivamente como espaço de convivência, possa ser o ambiente aglutinador de iniciativas, que proporcione o crescimento intelectual e afetivo para o público, colaborando

nos processos de formação acadêmica e cidadã. Isto numa atitude dialógica com todos os envolvidos nos processos.

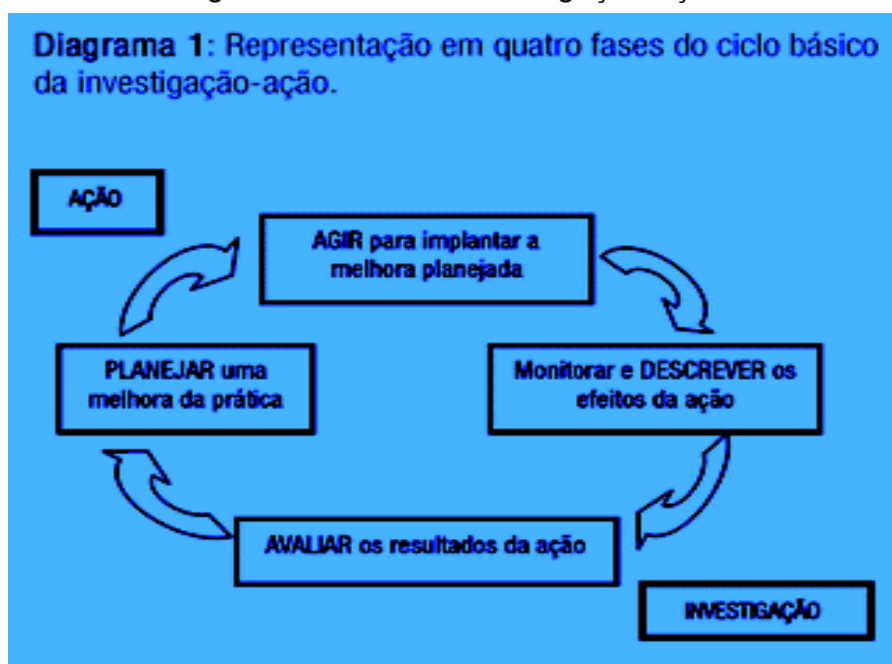
O *ensino integrado*, a *politecnia* e a *educação omnilateral* são elementos pelos quais perpassam o papel social da biblioteca na EPT. Logo concordamos com Ciavatta (2014) quando a autora, ao defender essa tríade, afirma que: “De modo específico, busca-se contribuir para um futuro em que a superação da dualidade de classes sociais traga um padrão de vida e de conhecimento não apenas para as elites, mas também para os trabalhadores, os verdadeiros produtores da riqueza social, e seus filhos” (Ciavatta, 2014, p. 202).

Esse é o papel que pode e precisa desenvolver uma biblioteca escolar, universitária e pública ou comunitária, que abraça sua função social. Como instituição pública de educação, contribuir para que todos tenham acesso aos bens culturais, informacionais e recursos da instituição, é parte dessa função social. Incorporar o conceito de espaço de convivência defendido por Santa Anna (2016; 2018) é uma das possibilidades que a biblioteca pode apresentar como contribuição para a EPT. Pode ser ainda uma forma de proporcionar à comunidade externa um meio de apropriação dos bens públicos, a biblioteca e a comunidade participando conjuntamente de ações dentro e fora dos limites físicos da instituição.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta seção está dedicada ao percurso metodológico explorado nesta pesquisa. Apresenta-se como uma pesquisa com finalidade aplicada, utilizando como meios de investigação a revisão e análise do referencial teórico. Tendo em vista que existe a intenção de intervir na realidade estudada, foi aplicado o método denominado pesquisa-ação.

Figura 1 - Fases da investigação-ação.



Fonte: Tripp (2005).

O diagrama acima apresentado por Tripp (2005) ilustra a natureza cíclica e contínua desta metodologia. A investigação-ação é um processo que intercala a ação e a investigação para promover a melhoria da prática. O ciclo é composto por quatro etapas interligadas que se repetem em espiral, onde:

- Planejar uma melhoria da prática: é a fase inicial de reflexão e diagnóstico para identificar um problema ou uma necessidade de mudança e, a partir disso, elaborar um plano de ação detalhado. Relacionada principalmente à Investigação e ao ponto de partida da Ação.

- Agir para implantar a melhoria planejada: é o momento da execução do plano. A ação é colocada em prática de forma intencional e controlada. Foco na ação.

- Monitorar e descrever os efeitos da ação: durante ou logo após a intervenção, dados e informações sobre o que está ocorrendo são coletados e registrados detalhadamente. Foco na Investigação e coleta de dados.

- Avaliar os resultados da ação: os dados monitorados são analisados para julgar se a ação atingiu os objetivos propostos no planejamento. Essa avaliação fornece *insights* para o próximo ciclo. Foco na Investigação e análise.

O principal ponto é que a investigação-ação não termina em um ciclo único. A avaliação de um ciclo leva inevitavelmente a um novo planejamento, dando início a uma nova espiral. Isso garante a melhoria contínua e o aprofundamento do conhecimento sobre a prática em questão.

Em resumo, a metodologia é uma espiral de Planejamento → Ação → Observação (Monitoramento/Descrição) → Reflexão (Avaliação) que visa transformar a prática enquanto se adquire conhecimento sobre ela.

Dessa forma, Tripp (2005) esclarece que a pesquisa-ação tem como objetivo aprimorar a prática, uma vez que, sistematicamente, oscila entre a ação (prática) e o estudo a seu respeito. Cita que grande parte dos processos acompanha essa formação, ou ciclo: “identificação do problema, o planejamento de uma solução, sua implementação, seu monitoramento e a avaliação de sua eficácia” (Tripp, 2005, p. 446). Comentando sobre o uso da pesquisa-ação em educação, afirma:

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional surgiram variedades distintas (Tripp, 2005, p. 445).

O estudo tem a proposta de abordagem qualitativa. Segundo a ótica de Flick (2009), esse enfoque visa a abordagem do fenômeno estudado em seu estado natural, buscando compreender os fenômenos sociais em seu ambiente cotidiano, analisando experiências, examinando interações e/ou investigando documentos. Dedicar-se ainda a apreender a relação dos indivíduos e o mundo que os cerca pela análise das interações e documentos na construção de processos.

A abordagem qualitativa oportuniza duas formas de coleta de dados: dados verbais, a partir da entrevista ou da narrativa; e visuais, obtidos a partir das observações (Brasileiro, 2013). Segundo Godoy (1995), oferece ao(à) pesquisador(a) certa liberdade criativa no

processo de investigação, possibilitando trabalhos que abordem problemas conhecidos sob novos enfoques.

A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas (Cavalcante; Calixto; Pinheiro, 2012, p. 14).

Como preparação para aplicação prática do estudo, tomou-se por referência os objetivos propostos para a pesquisa. Primeiramente, compreender como a biblioteca na EPT pode atuar como espaço de convivência, partindo da compreensão de seu papel atual, com vistas ao desempenho de sua função social. E como meios específicos, investigar como tem se dado a atuação da biblioteca do *campus* e outras bibliotecas da Rede Federal; analisar possibilidades de atuação da biblioteca, incorporando o conceito de espaço de convivência, a partir do diálogo com os participantes da pesquisa e dos dados colhidos. E por fim, apresentar um Produto Educacional Técnico/Tecnológico, explorando as possibilidades de relacionamento da biblioteca com as comunidades, segundo os conceitos debatidos e os resultados da pesquisa.

Como métodos para a coleta de dados, o estudo utilizou-se de 3 abordagens complementares. Para a primeira abordagem, foi aplicada uma revisão de publicações e outras fontes, como endereços eletrônicos oficiais das Instituições Federais de Ensino – IFE's. A finalidade do levantamento foi traçar uma linha associativa entre os assuntos abordados na pesquisa e a realidade apresentada pelas instituições, através dos canais oficiais de comunicação digital. E como desdobramento, lançar um olhar na tentativa de compreensão da história da biblioteca na EPT.

Ressalta-se que contextualizar historicamente a biblioteca na EPT foi uma opção ao levantamento da história da EPT em si. Considerou-se que pontuar a análise específica da atuação da biblioteca no contexto da EPT seria mais objetivo e forneceria mais subsídios para a pesquisa proposta. Desta forma, os dados resultantes poderiam auxiliar na compreensão de como a biblioteca se insere, afeta e/ou é afetada pela forma como a EPT tem sido entendida e aplicada.

Em segundo lugar, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada, aplicada junto a uma representante da Seção de Extensão, da Diretoria de Extensão, Cultura e Esporte – DIREC, *campus* Bambuí. O objetivo foi compreender relações existentes ou possíveis dos projetos de extensão com a biblioteca, na perspectiva da abordagem da pesquisa, bem

como colher dados sobre como as comunidades, interna e externa, percebem a atuação da biblioteca, na visão da entrevistada.

Compete esclarecer que essa servidora, além de conhecer amplamente a realidade das comunidades externas, desenvolve trabalhos com os grupos de estudo e coletivos organizados no *campus*. Logo, foi considerada pela equipe pesquisadora como uma das pessoas mais capacitadas na unidade para essa contribuição. Além disso, a dificuldade em reunir representantes da comunidade externa e de alguns segmentos organizados de estudantes, colaborou substancialmente para essa escolha.

Para a sua realização foi elaborado um questionário com dez questões semiabertas e explicativas (APÊNDICE C). Algumas questões trazem explicações para facilitar o entendimento, posto que alguns conceitos contidos na pesquisa não são muito comuns no cotidiano acadêmico. Foi elaborado um roteiro com o objetivo de servir como um guia para a realização da entrevista (APÊNDICE B). Esse roteiro contém o tempo previsto para duração, local e condições para a realização, entre outras informações.

A entrevista, como método de investigação científica, apresenta possibilidades de ser utilizada não somente para coleta de dados, mas também com vistas à orientação e diagnóstico.

A relação intersubjetiva do entrevistador e do entrevistado é vista como uma característica central da entrevista qualitativa, por permitir a negociação de visões da realidade resultantes da dinâmica social onde os participantes constroem conhecimento e procuram dar sentido ao mundo que os cerca (Minayo, 2014 apud Batista; Matos; Nascimento, 2017, p. [5]).

Por fim, o terceiro método para coleta de dados utilizado foi o Círculo de Cultura, realizado com estudantes do Ensino Médio Integrado e do Ensino Superior. Para sua execução foi elaborado um roteiro (APÊNDICE D), com o objetivo de orientar a realização do Círculo. A escolha dos participantes partiu de um convite para participar da pesquisa, enviado pelo e-mail institucional para os servidores e estudantes. A comunidade externa foi convidada através da Diretoria de Extensão, Esporte e Cultura do *campus* Bambuí.

Prevvia-se a realização de dois Círculos, devido à necessidade de se obter uma amostragem mais extensa da comunidade, visando à obtenção de uma maior diversidade de dados para análise. Porém, devido à não manifestação de membros da comunidade externa e dificuldade em se reunir os estudantes e servidores, optou-se pela realização de um único círculo misto. Participaram 17 estudantes do Ensino Médio Integrado e do Ensino Superior do *campus* Bambuí, que se apresentaram como interessados a partir do convite.

Os Círculos de Cultura, elaborados por Freire (1967), surgem primeiramente como uma proposta pedagógica. Dada a sua riqueza e possibilidades de aplicação como uma asserção que tem “como princípios metodológicos o respeito pelo educando, a conquista da autonomia e a dialogicidade” (Dantas; Linhares, 2016, p. [2]), passa a ser utilizado também como método de coleta de dados em pesquisas nas Ciências Humanas. Como espaço de diálogo e troca de saberes, os Círculos se apresentam como um rico campo de debate e de expressão em que o conhecimento, a experiência e opiniões dos participantes podem fornecer dados que auxiliem na compreensão de um tema e/ou solução de um problema.

Círculos de Cultura são um processo dialógico de pesquisa que busca “operacionalizar-se na horizontalidade das relações e liberdade de expressão, assim como no processo problematizador da realidade social vivida no cotidiano pelos(as) participantes” (Nepomuceno; Cavalcante; Venâncio; Sanches Neto, 2019, p. 3).

[...] estão fundamentados em uma proposta pedagógica, cujo caráter radicalmente democrático e libertador propõe uma aprendizagem integral, que rompe com a fragmentação e requer uma tomada de posição perante os problemas vivenciados em determinado contexto. [...] promove a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais, da oralidade, contrapondo-se em seu caráter humanístico, à visão elitista de educação (Dantas; Linhares, 2016, p. 1).

Para a seção de resultados e discussão desta pesquisa, adotou-se a metodologia de Análise de Conteúdo das respostas dos participantes, conforme delineada por Laurence Bardin (1977) em sua obra fundamental "Análise de conteúdo". Esse método é reconhecido por sua capacidade de organizar e interpretar dados de comunicação de forma objetiva, clara e sistemática. Utilizando a Análise de Conteúdo, como dito na metodologia, a qual possibilita realizar uma avaliação criteriosa de textos, imagens ou expressões, há uma facilitação da extração de conhecimentos relacionados às condições em que esses materiais são produzidos ou recebidos (Bardin, 1977).

A técnica empregada baseia-se na codificação do conteúdo em categorias previamente definidas, para organizar os dados coletados durante as entrevistas e a análise documental, tornando-os aptos para uma análise mais detalhada. Seguindo-se as orientações de Bardin, o processo foi dividido em três etapas cruciais: a) pré-análise, b) exploração do material e c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, isso para garantir que a análise fosse conduzida de maneira sistemática e que os resultados fossem relevantes e baseados em evidências concretas.

Análise de Conteúdo é uma metodologia fundamental na pesquisa social, com diversas contribuições significativas para a compreensão das dinâmicas sociais. A seguir, destacamos alguns aspectos que evidenciam sua importância, acompanhados por citações de autores reconhecidos nesse campo de estudo.

A Análise de Conteúdo permite uma interpretação aprofundada de dados qualitativos, como entrevistas e documentos. Bardin (1977), enfatiza que a Análise de Conteúdo é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 48).

Essa abordagem é essencial para captar as nuances das experiências humanas. Assim, através da Análise de Conteúdo, os pesquisadores podem identificar temas recorrentes e padrões nas narrativas. Minayo (2014) defende que a análise de conteúdo vai além da mera quantificação de palavras ou temas. É uma abordagem que busca compreender os sentidos e significados ocultos nas falas, textos ou documentos, considerando o contexto social, cultural e histórico em que foram produzidos. Essa identificação é crucial para construir um entendimento estruturado do objeto de estudo.

A metodologia pode ser aplicada a diversos tipos de material, como textos, áudios e imagens, o que a torna versátil. Como salienta Franco (2005), a Análise de Conteúdo se adapta a diferentes contextos e formatos, se apoia em uma concepção de linguagem crítica e dinâmica. Nesse sentido, entende-se a linguagem “como uma construção real [...] e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação” (Franco, 2005, p. 14).

Os resultados obtidos podem servir como base empírica para teorias sociais. Conforme afirmam Silva e Loguercio (2016), a Análise de Conteúdo proporciona um elo entre a prática social e a construção teórica que enriquece o campo das ciências sociais. Essa concepção reforça a ideia de que a análise de conteúdo não é apenas uma técnica de contagem, mas um método que conecta o que é observado na realidade social (a prática) com a teoria que sustenta a pesquisa, contribuindo assim para o avanço do conhecimento em diversas áreas, incluindo as ciências sociais. Essa conexão é vital para o desenvolvimento de novas abordagens.

Essa abordagem permite explorar significados sociais por trás das palavras e ações. Segundo Geertz (1973), a interpretação cultural exige a análise dos significados que os indivíduos atribuem às suas práticas. Isso é especialmente relevante em contextos onde cultura e identidade desempenham papéis centrais.

A Análise de Conteúdo pode também promover uma conscientização crítica sobre questões sociais. Freire (1967) defende que a educação deve ser um ato de conhecimento crítico da realidade e de transformação estrutural. Essa metodologia pode capacitar os indivíduos a refletirem sobre suas realidades, alinhando-se a uma abordagem pedagógica libertadora.

Embora a análise qualitativa possa ser vista como subjetiva, a Análise de Conteúdo oferece um caminho para aumentar a sua validade e a confiabilidade. Bardin (1977) sugere que uma categorização bem definida e um procedimento sistemático são fundamentais para garantir a robustez das interpretações. Ferreira (2018, p. 208) completa, indicando que: “Essa categorização tem por objetivo a condensação dos dados em uma representação simplificada”.

Os dados obtidos podem informar políticas e práticas sociais. Conforme aponta Denzin e Lincoln (2011) apud Paschoarelli, Medola e Bonfim (2015), a pesquisa social deve estar comprometida com a transformação e a melhoria das condições de vida da população. A compreensão dos fenômenos deve se dar segundo as perspectivas dos sujeitos participantes. A Análise de Conteúdo pode desempenhar um papel crucial nesse processo.

Tendo em vista tratar-se de uma pesquisa que envolveu a presença de seres humanos, foi devidamente submetida ao Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP/IFMG. A aprovação se deu em 24 de novembro de 2024, no processo de número: CAAE82587824.0.0000.0293.

Foram elaborados os Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para menores de idade (APÊNDICE E), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para maiores (APÊNDICE F), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis por participantes menores (APÊNDICE H) e o Termo de Autorização para Uso de Imagem e Voz (TAUIV), (APÊNDICE H – para maiores de idade e APÊNDICE I – para pais ou responsáveis por participantes menores de idade). Os termos foram assinados, recolhidos e armazenados conforme descrito nestes.

Os termos previam possibilidade de riscos para os participantes, como medo ou insegurança em não saber responder às questões, de ser identificado ou outros eventos

que pudessem trazer algum desconforto para a sua participação. Esses riscos possíveis vinham acompanhados de uma série de medidas que visavam evitar possíveis danos, bem como garantir a liberdade de desistência em participar da pesquisa a qualquer momento.

Traziam ainda observações sobre formas de acompanhamento, assistência e benefícios da participação. Entre os benefícios, estavam a possibilidade de refletir sobre a participação em debates acadêmicos e sobre a prática no uso dos espaços educativos do *campus*. Além de garantir acesso aos resultados da pesquisa aos participantes.

3 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção estão apresentadas as análises dos dados colhidos durante o processo de levantamento nas bases *online*. A seguir, dedicou-se uma subseção à análise da entrevista realizada com a representante da Seção de Extensão da Diretoria de Extensão, Esporte e Cultura – DIREC, *campus* Bambuí. O Círculo de Cultura foi analisado logo adiante, também em subseção específica.

Foi aplicada a abordagem qualiquantitativa, segundo preceitos de Gil (2008) para os dados colhidos nos endereços eletrônicos das unidades, devido à especificidade dos dados obtidos. Para a entrevista e o Círculo de Cultura optou-se pela análise qualitativa, conforme descrito e justificado na seção dos “Aspectos Metodológicos”.

Como primeiro enfoque abordado para o levantamento de dados considerados relevantes para este estudo, utilizou-se a busca pela compreensão dos aspectos históricos de atuação da biblioteca na EPT. O objetivo foi retratar a história da EPT sob a ótica da atuação da biblioteca nessa modalidade de ensino. Esperava-se obter informações que auxiliassem na compreensão de como a história da biblioteca se desenvolveu, concomitante à EPT, à medida que esta também se desenvolvia.

A partir da busca por fontes de informação sobre “história das bibliotecas na EPT”, foram efetuados levantamentos em diversas bases de dados. Utilizou-se a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e o Portal do ProfEPT, que registra as publicações do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica. Para complementar a pesquisa utilizou-se o “Google Acadêmico” visando ampliar a busca por outras publicações.

Os termos utilizados para as buscas foram: “História”, “Biblioteca” e “Educação Profissional e Tecnológica”. Na BDTD obteve-se um total de 1.109 respostas. Somente dois documentos apresentavam alguma relação ao tema aqui apresentado, que foram: “*Biblioteca e educação profissional: um estudo das bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia*”, de Telma Mariá Viola de Souza e a dissertação de Maria Aparecida Brito Santos, “*Regulamentação e concepção das bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: em busca de sua historicidade e identidade*”.

Este último se aproxima um pouco mais da proposta adotada nessa pesquisa. Relata um levantamento referencial abordando a história da Educação Profissional e tecnológica no Brasil, a criação dos Institutos Federais, as principais leis e os planos de

desenvolvimento institucional das IFE's. No que se refere às bibliotecas, especificamente, foram analisados regimentos e regulamentos.

No Portal ProfEPT foram aplicados os seguintes parâmetros para busca: o período foi limitado entre 2020 e 2024; os termos aplicados foram “biblioteca” e “história da biblioteca”. Como o portal possui um mecanismo de busca limitado, conforme era esperado, não retornou resultados para buscas com termos compostos, como “biblioteca” + “história”.

O termo composto “Educação profissional e tecnológica” não foi aplicado devido à especificidade do Portal, dedicado à EPT. Possivelmente forneceria muitos resultados irrelevantes para a pesquisa. Para as buscas com termos simples como “biblioteca” ou “história”, foram encontradas 16 dissertações tratando de temas voltados aos serviços oferecidos, aos profissionais, à mediação literária e cultural entre outros temas. Nenhum destes tratava especificamente de novas formas de atuação da biblioteca ou história da biblioteca ligada à EPT.

As pesquisas não se revelaram promissoras, indicando uma carência significativa de publicações sobre o tema, como relatado anteriormente nesse trabalho. Logo, diante da falta de referencial teórico, a alternativa que se apresentou foi efetuar o levantamento nos endereços eletrônicos das IFE's que ofertam a EPT.

A partir da observação desses endereços eletrônicos, procurou-se obter informações sobre a história dessas bibliotecas e sua atuação em suas respectivas instituições. Como desdobramento, buscou-se compreender seu desenvolvimento ao longo do tempo até os dias atuais. Em seguida, esperava-se traçar perfis que nos auxiliassem a compreender como tem se dado essa relação entre a biblioteca e a instituição, na modalidade de ensino profissional e tecnológico.

O passo inicial foi identificar as instituições que ofertam a EPT no Brasil. Segundo dados obtidos no endereço eletrônico do Governo Federal <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/instituicoes>, em 2019 havia “mais de 661 unidades, sendo estas vinculadas a 38 Institutos Federais, dois Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais e ao Colégio Pedro II” (Brasil, 2018).

Identificadas as instituições, foram selecionados dois *campi* de cada unidade dos Institutos Federais e das Escolas Técnicas vinculadas a universidades de todos os estados da Federação. O critério para escolha foi a antiguidade das unidades, onde foi possível identificar a data de fundação. Nem sempre havia data presente no endereço eletrônico do

governo, ou a data não coincidia com aquela existente no endereço eletrônico do *campus*. Nesses casos, a escolha foi feita pelos *campi* mais conhecidos ou das maiores cidades. O total de unidades analisadas foi de 95 IFE's.

3.1 Coleta de dados *online*

As visitas e pesquisas em cada um dos endereços definidos foram realizadas no período de 04 a 22 de março de 2024. Os aspectos analisados foram basicamente dois: como cada uma das IFE's apresenta a biblioteca em seu endereço eletrônico, incluindo informações sobre sua história, e como cada biblioteca ocupa o espaço a ela destinado nesses endereços, se apresentando ao visitante da página. As análises se concentraram nesses aspectos e em desdobramentos sobre que tipo de informações são registradas nesses endereços.

3.1.1 Bibliotecas nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFE's

São apresentadas, a seguir, as primeiras observações sobre as bibliotecas das IFE's, realizadas a partir de levantamentos feitos nos sites oficiais das instituições. Diante das observações, foram desenvolvidas as questões norteadoras aplicadas na análise que apresentamos no quadro (Quadro 2).

Quadro 2 – Aspectos analisados nos endereços eletrônicos das IFE's.

Identificação da biblioteca na página da IFE	A biblioteca aparece na página inicial?
	A biblioteca tem um <i>link</i> próprio?
	<i>Link</i> remete a informações sobre a biblioteca?
	Observações complementares
Apresentação da biblioteca no espaço reservado	Apresenta informações históricas?
	A biblioteca possui um nome?
	Apresenta informações sobre o(a) patrono /patronesse?
	Apresenta as atividades que desenvolve?
	Observações complementares

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere à forma como a IFE apresenta a biblioteca, buscou-se verificar se a biblioteca aparece na página inicial com aba própria ou sob alguma outra, de setor ou serviço, que não fosse a própria biblioteca; se a biblioteca aparecia em destaque, em um local de fácil visualização ou demandava pesquisa para ser localizada; e se o *link* remetia a informações sobre a biblioteca, principalmente alguma que fornecesse dados sobre sua história.

Nessas observações, procurou-se analisar como ocupa o espaço a ela reservado na página; quais informações divulga e destaca; se apresenta informações que permitem conhecer sua história; se houve a escolha de um patrono ou patronesse, quem foi a pessoa escolhida, como se deu esse processo de escolha (ou motivo da escolha) e qual a relação dessa pessoa com a unidade, ou a biblioteca e a leitura; se existe algum projeto em desenvolvimento; e se a biblioteca promove alguma ação além dos serviços tradicionais.

Esses são aspectos que fornecem algumas hipóteses sobre a relação da biblioteca com a IFE e de como a biblioteca pretende ser reconhecida em sua relação com o seu público. Isso nos traz elementos para a compreensão da sua espacialidade, sua memória, história e propostas.

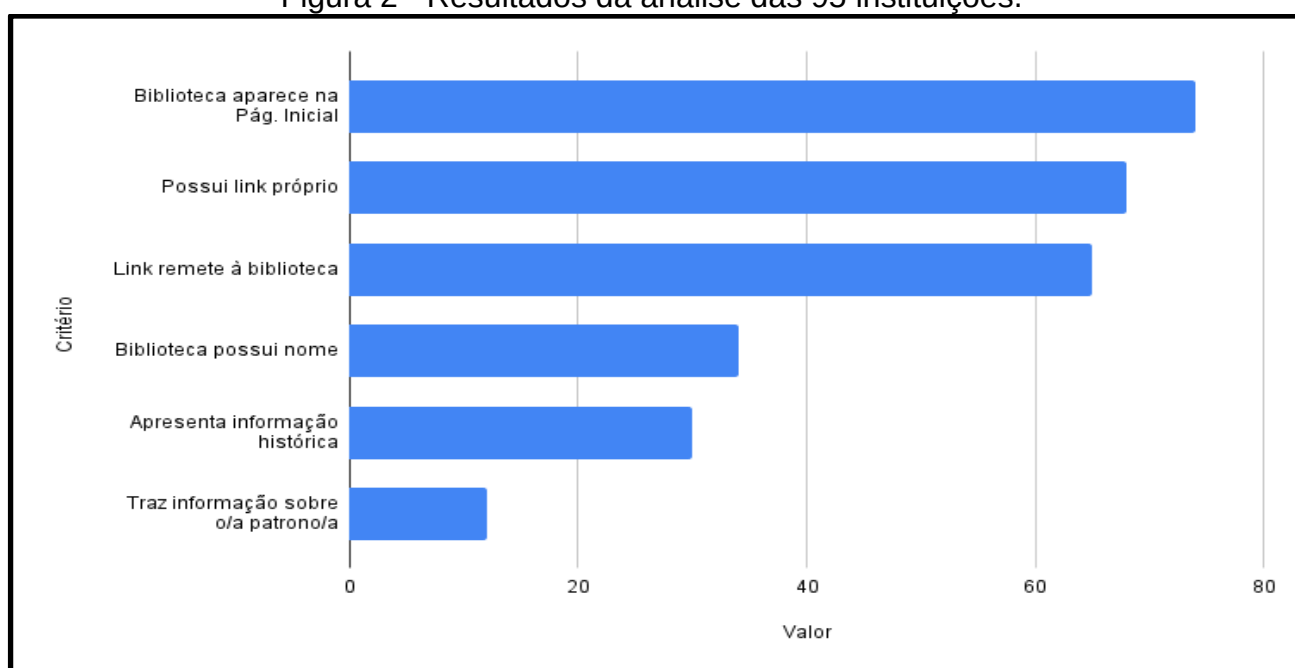
No aspecto relativo às informações sobre que tipos de atividades as bibliotecas realizavam, além daquelas tidas como tradicionais, procurou-se dados que se referissem à atuação como espaço de convivência; se apresentavam algum registro dessas atividades; se essas atividades demonstravam preocupação em atender a todos os públicos dessas bibliotecas, no sentido de promover a formação integral da comunidade.

Esse pode ser um indicativo de como as bibliotecas vêm ocupando seu espaço institucional e como elas têm buscado demonstrar sua relevância. Podendo ainda apresentar elementos que indicassem possíveis atuações, pelo menos próximas ao conceito de espaço de convivência em bibliotecas. E ainda qual a preocupação apresentada com a formação omnilateral das comunidades.

O processo de localização de informações e de seleção de dados apresentou-se bastante complexo e até impreciso. Apesar de haver um padrão relativamente comum de formatos de páginas eletrônicas, verificou-se uma variedade significativa desses formatos. A dispersão das informações nesses endereços foi outro aspecto observado. Observou-se ainda bibliotecas vinculadas a diferentes setores nas instituições como diretorias de ensino e diretorias administrativas, por exemplo. No que se refere às ações desenvolvidas pelas bibliotecas, a ausência de informação foi bastante comum.

As primeiras impressões obtidas nas análises dos endereços eletrônicos das IFE's foram positivas. As páginas, de forma geral, apresentam uma interface de navegação relativamente fácil. Em grande parte, não foi difícil localizar a biblioteca. Porém, a diversidade de registros de informações sobre as bibliotecas revelou uma certa propensão na divulgação de informações básicas, como equipe gestora, horário de funcionamento e documentos disponíveis. De uma forma geral, havia pouca informação sobre atividades complementares, como projetos e eventos. Segue um gráfico (Figura 2) que sintetiza os resultados obtidos nas análises, fornecendo um quadro geral das observações:

Figura 2 - Resultados da análise das 95 instituições.



Fonte: Elaboração própria.

Do total de 95 endereços eletrônicos das IFE's selecionados e pesquisados, dois não funcionaram. Em 74 desses endereços a biblioteca aparecia na página inicial. Um total de 68 apresentou um *link* próprio para a biblioteca. Em 65 desses, o *link* remetia a informações sobre a biblioteca. Em 30 havia alguma informação que fazia referência à história da biblioteca. Somente 34 bibliotecas possuíam um nome. E dessas, apenas 12 apresentavam informações sobre quem foi a pessoa homenageada dando nome à biblioteca.

Diante dos resultados obtidos, algumas observações foram possíveis. Em uma Instituição Federal de Educação que atende desde o Ensino Médio, graduação e até a pós-

graduação, era de se esperar que todas as unidades apresentassem *links* remetendo às bibliotecas. Os *links* localizados nas páginas nem sempre eram imediatamente relacionados às bibliotecas. Algumas páginas não apresentaram *link*, ou a localização foi dificultada pelo *layout* da página, ou eram necessários muitos cliques até que se conseguisse localizar a biblioteca.

Em algumas páginas era necessário acessar algum departamento ou seção, como *Educação*, *Serviços*, *Página* ou *Espaço do Aluno*, ou outros para localizar informações sobre a biblioteca. Nem sempre as informações encontradas eram aquelas sugeridas pelos títulos presentes nos *links*. Foram relativamente comuns a presença de *links* que apontavam para “Biblioteca”, mas que remetiam ao programa de gestão de acervo, bases de dados, rede de bibliotecas da IFE, páginas fora do ar ou em construção, ou que simplesmente não funcionaram. Esses *links* não traziam informações sobre a biblioteca, propriamente dita. Foi observada ausência de *links* apontando para a presença da biblioteca na página por instituições reconhecidas e tradicionais.

Quanto ao registro de informações apresentado nesses *links*, existem informações que poderiam ser classificadas como históricas, trazendo algum dado da origem da biblioteca, sua fundação, projetos, entre outros, foram bastante raras e incipientes. Houve unidade que apresentou *link* para informação histórica direcionado a página em branco. Destacamos quatro páginas que apresentaram essas informações com um grau maior de elaboração.

Das 34 bibliotecas que apresentaram um nome para sua unidade, apenas 12 indicavam quem foi a pessoa homenageada. Em algumas constava apenas o nome da pessoa, sem mais dados que ajudassem a identificar quem foi, ou qual sua ligação com a localidade, com a biblioteca ou o *campus*. Destacamos duas unidades que trouxeram informações mais completas sobre o/a patrono/patronesse. Mesmo naquelas em que havia dados biográficos dos homenageados, raramente havia informação sobre a razão de terem sido aqueles os escolhidos.

Alguns homenageados são personagens importantes da história, da literatura, ou outras áreas. Como exemplo de personagem relevante, pode se citar um *campus* de Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, que homenageia Carlos Drummond de Andrade, mineiro de Itabira, como patrono da biblioteca. Curiosa a escolha e a ausência de explicação desta, já que o também escritor Rubem Braga, outro nome bastante conhecido e respeitado da literatura brasileira, nasceu naquela cidade.

As atividades desenvolvidas pelas bibliotecas não foram incluídas no gráfico porque houve grande variação nas informações registradas e nem sempre foi possível conferir se tratava de projeto permanente ou algum evento isolado. Em grande parte, foi possível observar uma preocupação em registrar dados como: a equipe gestora, serviços de rotina, regulamentos, guias, manuais, bases de dados, entre outros. Somente duas apresentaram com destaque as atividades e projetos que as bibliotecas desenvolvem, além dos serviços de rotina ou tradicionais.

Destacamos que em nenhuma das páginas das unidades analisadas foi possível correlacionar a atuação da biblioteca com a EPT, especificamente. Como um dos focos era compreender a atuação das bibliotecas que atuam nesse contexto e como este afeta suas ações, esse aspecto ficou sem resposta.

Outro aspecto relevante é o que diz respeito à história e memória das bibliotecas. Este possui relação direta com sua relação com as comunidades locais. Considerando que o desenvolvimento local e regional é uma dimensão simbólica da EPT, poderia ajudar a entender como essas dimensões se afetam mutuamente. A ausência de referencial que permita compreender essas relações suscita questões sobre como escolhas universais como essa afetam a criação da identidade das bibliotecas e o senso de pertencimento das comunidades locais.

Pacheco (2010), falando sobre essa dimensão simbólica, afirma que: “É na compreensão dos aspectos essenciais dessa relação e na sedimentação do sentimento de pertencimento territorial que se torna possível subverter a submissão de identidades locais a uma global” (Pacheco, 2010, p. 21). Isso reforça a importância da relação da unidade com a sua comunidade, para fortalecer laços e valores.

Uma outra vertente, também discutida ao longo desse estudo, foi relativa ao aspecto técnico de gerenciar uma biblioteca. Sem concluir, de fato, nesse sentido, pois pautou-se pelas informações disponíveis *online*, observou-se que os resultados parecem indicar nesta mesma linha em praticamente todas as unidades. Isso foi observado na forma de construção do *layout* das páginas, nas informações disponibilizadas para o consulente e na pouca atenção aos aspectos culturais e sociais da atuação da biblioteca.

Possivelmente, essa visão técnica e preocupação com o que se divulga na web esteja relacionada à mudança de perfil provocada pela influência da evolução tecnológica, como apontada por Santa Anna (2016), citando Silveira (2008):

[...] a biblioteca não perdeu as concepções que a sustentaram como instituições sociais a serviço da informação, educação e cultura gerada pelas sociedades. Contudo, a evolução tecnológica viabilizou novas necessidades, o que fez despertar a mudança de perfil do profissional, de modo que essas unidades remodelassem seus produtos e serviços, preocupando-se essencialmente, com a gestão dos sistemas, suportes e tecnologias informacionais (Santa Anna, 2016, p. 235).

Convém lembrar que foi realizado um esforço para as pesquisas, tendo-se em mente o possível olhar de algum leitor sem perfil definido. Um leitor “comum”, sem treinamento em uso de bases de dados, não especialista em pesquisas e consultas *online*. Como, por exemplo, um estudante recém-admitido nas IFE’s.

No que se refere às relações entre biblioteca e instituição, uma questão suscitada é se a biblioteca é realmente um organismo relevante para a instituição. Ou como se dá essa relação de significação. Uma vez que nem aparece no ambiente de pesquisa virtual da unidade, não fica claro como se dá esse convívio ou a atuação dessa biblioteca nas IFE’s.

Diante desse vazio, questões relativas ao lugar institucional e da relação de espacialidade ficam sem respostas. Conforme Colucci e Souto (2011, p. 117): “As espacialidades aparecem como formas sociais singulares de apropriação dos recursos em um determinado espaço geográfico”. E essa relação está diretamente inserida no fenômeno de formação de identidade, segundo os mesmos autores.

No ambiente virtual, essas bibliotecas não são apresentadas como relevantes, ou não ocupam com destaque seu espaço. Portanto, não é possível afirmar se elas têm cumprido seu papel nem qual é exatamente o papel delas nas IFE’s. Dessa forma, compreender a formação identitária dessas bibliotecas por esse prisma, é praticamente impossível. Entender se são unidades com perfis comprometidos com a formação humana ou preocupadas mais com as questões técnicas pode trazer entendimentos sobre a identidade que as unidades têm construído.

Nesse sentido, surgem questões importantes a serem observadas. Atualmente muito se tem discutido sobre qual o papel dessa biblioteca na EPT, sobre profusão das TIC’s, sobre novas e diversificadas demandas do público, além de outra expansão da Rede Federal em vias de se realizar. Para responder a essas questões procurou-se compreender que atividades as bibliotecas vêm desenvolvendo, quais inovações têm sido apresentadas, quais as ações integradas com o público e outros organismos, dentro e fora das IFE’s, e como têm sido essas experiências. São dados importantes para entendermos como elas estão atuando e se preparando para se manter atuantes e relevantes para o público e a unidade, diante de tantos desafios.

No entanto, um dos dados que mais causou apreensão foi a falta de informação histórica, que era nosso primeiro foco de análise. A busca pelo entendimento das origens é necessária para entender o presente e tentar traçar um caminho possível para o futuro dessas bibliotecas. Aparentemente, também não tem havido muita preocupação em se registrar ou divulgar informações como essas. Isso torna difícil a compreensão de sua identidade e de suas perspectivas diante das mudanças apontadas ao longo deste estudo.

3.1.2 As bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG

Serão apresentados a seguir, para uma análise mais próxima da realidade em que estamos inseridos, dados obtidos da aplicação das mesmas questões para as bibliotecas do IFMG, em separado da pesquisa geral nacional. Foram enviados *e-mails* através do endereço *bibliotecarios@ifmg.edu.br*, canal de comunicação oficial para os bibliotecários e bibliotecárias da Rede de Bibliotecas do IFMG. Foram solicitadas informações complementares às que estavam disponíveis nos endereços eletrônicos. Foram recebidas 12 (doze) respostas, desde o envio em 12 de março de 2024, até 12 de março de 2025, quando encerramos o levantamento.

O IFMG possuía à época um total de 18 unidades. As duas unidades que foram incluídas na pesquisa geral nacional, foram também inseridas nesse recorte específico. Os resultados obtidos nos levantamentos apontaram que em todos os endereços eletrônicos a biblioteca aparece na página inicial. Em duas unidades a biblioteca não possuía *link* próprio. Esses também não remetiam a informações sobre a biblioteca. Em uma terceira unidade o *link* remetia a uma página que indicava “Informações sobre a biblioteca”, porém as informações constantes eram referentes à Rede de Bibliotecas e sua coordenação.

Em relação à apresentação de informações históricas da biblioteca, somente duas trouxeram informações substanciais, uma terceira com informações mínimas e uma quarta trazendo o histórico da Rede de bibliotecas. Somente oito possuíam nome, homenageando um/a patrono/patronesse. Dessas, somente duas traziam informações suficientemente explicativas sobre as pessoas homenageadas.

Todos os *links* traziam algumas informações gerais, como contato, apresentação, bases de dados, regulamentos, manuais, tutoriais, serviços, infraestrutura etc. Houve uma unidade que apresentou um “*Memorial local*”, que destacava a memória da cidade,

publicada semanalmente em jornal local, sob a responsabilidade de um professor e registrada no *link* da biblioteca. Porém não apresentava dados históricos da própria biblioteca.

Em nenhuma das unidades observou-se a presença de divulgação sistemática de atividades e eventos da biblioteca. Foram percebidos alguns registros, como fotografias, de atividades realizadas em algum momento. Mas não havia indicativos de que fossem permanentes, como eram realizadas ou se havia alguma relação com a EPT.

As análises das páginas do IFMG não diferem muito daquelas submetidas à Rede Federal como um todo. A ausência de informações sobre a história, atividades realizadas, projetos que aproximem a biblioteca da EPT, dificulta a compreensão da forma como a biblioteca, a unidade e a comunidade se relacionam. O modelo de página escolhido, e informações divulgadas não subsidiam uma compreensão mais objetiva sobre a biblioteca e sua atuação. Assim como a preocupação com o destaque de informações predominantemente técnicas reforçam a percepção da visão administrativa tecnicista.

Um dado positivo é a presença da biblioteca nas páginas iniciais. Isso facilita o processo de localização da biblioteca pelo consulente. Mostra ainda um certo padrão na organização dos endereços eletrônicos, o que não foi predominante na análise nacional. Essa padronização simplifica o processo de uso das bases e demonstra certa preocupação em destacar a biblioteca na instituição.

Esse levantamento abordando a história da biblioteca na EPT e a atuação das bibliotecas das instituições da Rede Federal de Educação que ofertam a EPT, resultou em um artigo intitulado *A biblioteca nas instituições federais de Educação Profissional e Tecnológica (EPT): contextualizando seu papel e projetando o futuro*. O artigo foi submetido ao 9º *Seminário de Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente / IV Simpósio Educação, Formação e Trabalho*, realizado pela Universidade Estadual de Minas Gerais. Foi aprovado e publicado nos Anais eletrônicos do evento citado.

3.1.3 A Biblioteca do campus Bambuí: espaços, diálogos e comunidade

Será apresentada a seguir uma explanação sobre a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva – BCPEAS e o *campus* Bambuí, eleitos para a aplicação da entrevista e do Círculo de Cultura, objetivando a coleta de dados para a pesquisa. Após, serão apresentadas as observações a respeito do endereço eletrônico do *campus* Bambuí,

com os levantamentos sobre a biblioteca. Na sequência, serão expressos ainda os apontamentos colhidos a partir da entrevista realizada com a representante da Diretoria de Extensão, Cultura e Esporte - *campus* Bambuí e a aplicação do Círculo de Cultura.

O *campus* Bambuí surgiu em 1961 como Escola Agrícola de Bambuí a partir do Centro de Treinamento de Tratoristas, iniciado em 1956. Foi elevado a Colégio Agrícola em 1968 e transformado em unidade do Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, em 2002. Em 2008 foi incorporado pela Rede Federal de Educação Ciência e Tecnologia.

Instalado na denominada Fazenda Varginha, apesar de territorialmente bastante amplo, dispõe de poucas alternativas para uso no tempo livre dos estudantes. Os espaços voltados para o lazer, o descanso, a leitura ou outras atividades “desinteressadas”, são raros. Nesse contexto, a biblioteca do *campus* apresenta-se como um local privilegiado. Inaugurada em 1978, possui atualmente uma área útil de aproximadamente 1.150 m². Está instalada em um prédio de dois pavimentos, em frente ao restaurante universitário, próximo aos prédios administrativos e salas de aula do EMI.

O primeiro pavimento é destinado às áreas de estudo e convivência (no sentido de ambiente menos formal que o de estudo, mas que ainda não oferece o conforto ou as atividades de um espaço de convivência pensado para essa finalidade). Possui um auditório anexo com 50 assentos individuais, um ambiente com 12 mesas, 48 cadeiras e uma sala na qual são realizadas exposições e atividades diversas. Este segundo ambiente resultou de uma reorganização do acervo promovida com o objetivo de criar espaço para essas atividades.

No segundo piso, estão instalados o acervo, as salas de estudos individual e coletivo, além dos setores de atendimento e de serviços administrativos e técnicos. O edifício conta com elevador adaptado para pessoas com deficiência. Foi montada uma sala de espera para os estudantes que aguardam para usar as salas de estudo, ou apenas para descanso.

Essas intervenções, incluindo a reorganização do acervo, iniciaram-se a partir da observação e identificação de ambientes na biblioteca que estavam sem uso definido, organizados de forma inadequada ou subutilizados. Houve um cuidado na apresentação das propostas e intervenções, buscando evitar alterações muito bruscas na rotina da biblioteca, para os servidores e o público.

O acervo foi reunido em um único ambiente, integrando a coleção e liberando espaço e promovendo melhorias na circulação e funcionalidade (Figuras 3 e 4). Foram feitas pinturas em murais entre as estantes e nas paredes, colorindo um pouco o ambiente (Figura

4). Foram criadas a sala de estudo com cabines individuais, a sala de exposição e a sala de espera (Figuras 5 e 6).

Um segundo ambiente foi organizado na entrada principal do prédio (Figuras 7 e 8). Foram construídos bancos de madeira e assentos com os pneus, utilizando materiais descartados em via pública. Os bancos e pneus foram cobertos com *banners* doados pelo setor de comunicação da unidade. Assim foi preenchido o espaço, dando origem a um ambiente de convívio para o público.

Foi construído um baú junto aos bancos, denominado “Baú Literário”. Nele foram colocados aproximadamente 80 livros de literatura para circulação, sem controle de empréstimo. Não foi afixado nenhum cartaz explicativo sobre o uso do baú propositalmente para observarmos o resultado desse uso. Foram impressos e afixados pequenos cartazes motivadores, refletindo sobre as vantagens da leitura como atividade cognitiva e de lazer. Assim, procurou-se ocupar um espaço que estava sem uso, oferecendo um local de descanso e material para leitura (Figura 9).

Figura 3 - Acervo antes das alterações.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 – Reorganização dos espaços.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 – Piso superior da biblioteca antes da intervenção.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 – Piso superior da biblioteca após a intervenção.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 7 – Piso inferior, entrada da biblioteca antes da intervenção.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 8 – Piso inferior, entrada da biblioteca após a intervenção.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 9 – Frases sobre a leitura e Baú Literário.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 10 – Estudantes no intervalo entre as aulas.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 11: Leitores utilizando o acervo do baú.



Fonte: Elaboração própria.

A ocupação dos espaços tem sido constante em horários de almoço, nos intervalos entre as aulas ou como ambiente de espera (Figuras 10 e 11). Funciona ainda como ponto de reunião para os participantes de eventos e aulas no auditório ou apenas por pessoas que se sentam para conversar, ler ou usar o *smartphone*. A movimentação dos livros de literatura do baú foi acompanhada de forma cotidiana, observando-se dia a dia o uso do material.

Em menos de 3 meses desde a implantação da proposta, cerca de 70 por cento dos livros de literatura do baú estavam circulando. Após 5 meses, mais de 90 por cento do acervo havia sido retirado. Uma observação importante é que os livros não retornaram ao baú. O passo seguinte será criar campanhas para doação de novos livros ou troca, como *“leve um livro e deixe outro”*, incentivando a interação entre o público e a ação implementada. Os livros têm sido repostos com obras provenientes de doações.

A experiência com esse espaço alternativo em que o Baú foi instalado apontou positivamente nos impactos causados na rotina dos estudantes e da biblioteca. Embora fosse uma iniciativa apenas embrionária, demonstrou que ambientes assim, destinados à convivência dos estudantes podem causar um impacto positivo no que se refere aos objetivos de uso da biblioteca como ambiente de convivência em consonância com a disseminação da leitura literária.

Como dito anteriormente, o *campus* é bastante extenso em território. Possui alguns espaços destinados à “convivência” da comunidade, como quiosques, bancos, uma academia de educação física e um salão de jogos, que são os principais a serem destacados. Entretanto, alguns desses ambientes como a academia e o salão de jogos não possuem um funcionamento regular. Restam os ambientes ao ar livre, que não oferecem conforto para quem permanece no local por muito tempo.

Nesses locais não são promovidas atividades que proporcionem a experiência de convívio conforme as possibilidades de uso de espaços de convivência em ambientes abertos. Existem algumas ações que são realizadas por iniciativa da comunidade acadêmica. São atividades como rodas de conversa e reuniões diversas (geralmente aquelas de cunho mais informal), apresentações musicais (também improvisadas), atividades de descontração e até alguns jogos como cartas, dominó e xadrez.

Até o momento, não se presenciou uma ocupação que possa ser definida como “organizada” desses ambientes. As atividades mais complexas que envolvam reuniões, debates, apresentações, são realizadas no auditório da biblioteca ou ao ar livre em frente ao restaurante, que é o local onde ocorre a maior concentração de pessoas.

Daqui por diante, serão apresentados os levantamentos de dados realizados na página do *campus*. Nessa pesquisa, a biblioteca aparecia na página inicial com um *link* próprio. O *link* remetia a informações sobre a biblioteca. A única informação histórica apresentada era o ano de sua inauguração. Apresentava o nome da patronesse, mas não trazia dados biográficos da pessoa homenageada.

As informações complementares eram básicas, limitando-se a trazer a apresentação, contato, equipe, infraestrutura, acesso a bases de dados, políticas, regulamentos e orientações diversas. Não foram localizadas referências a atividades, projetos, eventos ou algo semelhante que a biblioteca realiza, além dos serviços tradicionais.

Um dado curioso é que não foram encontrados registros que identificassem o motivo de ter sido homenageada a Professora Ebe como patronesse da biblioteca. Foi necessário recorrer a um membro da comunidade para conseguir informações biográficas, como citado anteriormente neste estudo. Existe uma placa de inauguração do lado externo com o nome da homenageada. Porém, não identifica quem foi a professora Ebe ou o motivo dessa homenagem.

Em busca de outras informações sobre a biblioteca, foi analisada a documentação disponível no endereço eletrônico visitado. Foram encontrados o Regulamento da biblioteca e a Política de desenvolvimento de acervo. Nenhum documento sobre a fundação da biblioteca foi localizado.

O Regulamento da biblioteca disponível na página do *campus*, no que se refere à função da biblioteca, no Capítulo VI, Dos serviços oferecidos, Art. 15, apresenta: “*A Biblioteca oferece aos seus usuários os seguintes serviços, os quais visam subsidiar as atividades de ensino e pesquisa*”. Há que se destacar que a atividade de extensão sequer foi citada entre aquelas que os serviços da biblioteca buscam subsidiar.

O Capítulo I, Das competências e dos objetivos, em seu Art. 2, faz menção ao incentivo à leitura. O inciso III: “*Estimular o hábito de leitura em todos os usuários*”; e IV: “*Apoiar a educação teórico-pedagógica vinculando-a à leitura lúdica*”. O regulamento não

indica quais os tipos de atividades ou como estas podem ser realizadas para se atingir esses objetivos.

A partir das observações realizadas, tanto na BCPEAS quanto nas demais, a compreensão da importância em se registrar informações relativas à concepção, histórico de atividades, das decisões ao longo do tempo, é algo que parece praticamente não existir nas bibliotecas da Rede Federal, de forma geral. Os esforços parecem estar concentrados na realização das tarefas cotidianas. Algumas bibliotecas publicam fotos de atividades e eventos, mas naquelas pesquisadas, não foram localizados relatórios, ou outras informações que ajudassem a compreender como se deram essas ações.

3.2 A relação Extensão e Biblioteca: análise da entrevista

Para participar da entrevista, optou-se pela professora Meryene de Carvalho Teixeira, representante da Seção de Extensão da Diretoria de Extensão, Esporte e Cultura – DIREC, *campus* Bambuí, devido à sua experiência com a extensão, os grupos de estudo, coletivos e produção de eventos no *campus*. A entrevista foi realizada em 13 de março de 2025, na sala da Seção de Extensão, local escolhido pela entrevistada. Foram apresentados, assinados e recolhidos: o Roteiro da Entrevista (APÊNDICE A), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) e o Termo de Autorização para Uso de Imagem e Voz (APÊNDICE H). Houve a apresentação da equipe pesquisadora e efetuados os esclarecimentos necessários solicitados pela entrevistada.

Optou-se por uma entrevista semiestruturada, com um questionário contendo 10 perguntas. O questionário continha algumas descrições sobre o significado de Espaço de Convivência. Essa explanação tinha como objetivo auxiliar na compreensão desse conceito por parte da entrevistada, posto não ser este um tema muito presente nos debates cotidianos na instituição.

Através de suas exposições, foi possível observar a existência de movimentos conscientes dos estudantes pela participação ativa na instituição. Assim como perceber que a inatividade por parte da biblioteca, em alguns aspectos, dificulta e até impossibilita que mais estudantes, além da comunidade externa, possam ser mais ativos nas práticas acadêmicas e em outras iniciativas, pessoais ou coletivas, ligadas à biblioteca.

Essa ação consciente está relacionada mais à atuação dos coletivos, devido à sua natureza, organização e proposições. A própria entrevistada é uma grande motivadora da

a atuação dos coletivos, que têm como pautas de debates questões raciais, sexuais, religiosas, entre outras. O foco é “buscar melhorias, buscar espaços, buscar ter vez e voz na instituição de ensino” (Entrevistada).

Assim como os coletivos de estudantes, existem ainda as empresas juniores e os grupos de estudos temáticos. Todos lutam por espaços dentro da instituição, diante de suas necessidades e seus respectivos interesses, como destaca a entrevistada: “As empresas juniores, são três [...] hoje, devidamente cadastradas. Então, é uma parte mais burocrática, mas, realmente elas não têm espaço, nenhum dos três, nem o coletivo, nem os grupos de estudo, nem as empresas juniores têm espaço dentro do *campus* para exercerem suas funções” (Entrevistada).

A partir da análise das contribuições, foi possível evidenciar alguns temas mais relevantes ao nosso debate. Esses temas foram organizados e serão expostos a seguir de forma categorizada para análise (QUADRO 3). São observações que refletem, entre outros assuntos, a atuação da biblioteca sob a perspectiva da entrevistada. Percebe-se a existência de pontos tidos como positivos e negativos, que foram separados no quadro para facilitar a análise.

Quadro 3 - Categorias de análise definidas para a entrevista.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	RESUMO DA ANÁLISE DA ENTREVISTADA
Biblioteca espaço e acervo	Bastante completa, no geral. Existência do espaço para exposição. Único espaço institucional pronto para ocupação. Acessibilidade. Adequado para instalação de um espaço de convivência. Coleção bem desenvolvida. A biblioteca não promove ocupação do espaço. Estudante não tem autonomia para reservar espaços e equipamentos. Ausência de divulgação do espaço. Espaço para exposição sem estrutura. Não promove a participação da comunidade interna nas atividades. Falta de ações de divulgação. Ausência de livros importantes de literatura, questões étnico-raciais e temáticas ligadas a grupos e abordagens específicas.
Biblioteca e instituição	A biblioteca não participa de atividades de outros setores. Isolamento. Falta de recursos.
Biblioteca e tecnologia	O acesso à informação está se deslocando para o meio digital. O livro está perdendo o atrativo na biblioteca.

Biblioteca e sociedade	Possui condições para se tornar importante na vida da comunidade. A biblioteca não participa dos projetos de extensão. A comunidade externa desconhece o direito de usar as instalações do <i>campus</i> e a biblioteca.
Biblioteca e suas funções	Entendimento da função informativa. Espaço de ensino informal. Função social não está sendo praticada. Como espaço de convivência, pode atingir sua função social.

Fonte: Elaboração própria.

3.2.1 Biblioteca - espaço e acervo

Analisando a biblioteca, uso do seu espaço e acervo (Categoria 1), a entrevistada apontou para a ausência de divulgação de atividades e serviços por parte da biblioteca como um importante elemento de observação. Esse aspecto afeta diretamente a relação entre biblioteca, instituição e sociedade (Categorias 2 e 3), sendo responsável pelo distanciamento entre estes. A entrevistada afirmou que a comunidade externa desconhece seu direito ao uso de serviços no *campus*, sobretudo o uso da biblioteca. A ausência de divulgações básicas, como novas aquisições para a comunidade interna, foi um ponto citado.

Ações de divulgação realizadas pela biblioteca aparentemente não possuem um planejamento e uma constância, na percepção da entrevistada. Cita o espaço criado para exposições e atividades diversas como um espaço interessante para atividades, mas que também não é divulgado. Em suas palavras:

Em 2022, 2023, eu fiquei conhecendo, né, o espaço da biblioteca, que eu achei o espaço maravilhoso; porque a biblioteca aqui, ela fica numa área central, praticamente, o refeitório está do lado então todo mundo, né, junto ao refeitório está muito próximo à biblioteca. E aí o ano passado **eu comecei a divulgar esse espaço** (grifo nosso), pensando como supervisora do núcleo de extensão, da educação e da diversidade, eu enviei e-mail para todos os professores responsáveis por um grupo de estudos, por empresas juniores, coletivos explicando desse espaço da biblioteca para que pudesse ser utilizado e deu certo, porque acabou que mais professores procuraram, né, esse espaço (Entrevistada).

Quanto ao uso da biblioteca, relativo ao acesso a equipamentos e ambientes, também foi apontado como um problema para usuários da comunidade interna. Grupos de estudos e coletivos de estudantes encontram barreiras institucionais que dificultam os acessos. Uma dessas é a falta de autonomia, representada pela necessidade de sempre

ter um professor que se responsabilize pela solicitação de equipamentos e espaços. Os estudantes não estão autorizados a reservar um equipamento ou auditório diretamente.

A entrevistada alerta para a questão de que os coletivos não possuem um professor responsável pelo grupo. Portanto, as dificuldades são ainda maiores para ter acesso aos equipamentos e espaços de outras instâncias do *campus*, além da biblioteca. “A instituição não fornece nada a nenhum segmento estudantil que a gente está falando, nem uma sala para reuniões. É a mesma sala que os professores usam, os estudantes vão ter que entrar na fila para usar a sala de reuniões” (Entrevistada).

Os estudantes usam a biblioteca para promover ações, exposições, palestras e oficinas. Sempre mediados por um(a) professor(a) que efetua a solicitação de uso da biblioteca. Entretanto, esse uso apontado relaciona a biblioteca mais a um espaço de formação do que a um espaço de convivência. E ainda reforça a falta de independência dos estudantes nas suas ações. A comunidade externa, participante dos projetos de extensão, não realiza atividades na biblioteca e não recebe informações sobre eventos realizados no local.

A questão do acesso aos espaços e equipamentos institucionais pela comunidade interna é também apontado no tocante à comunidade externa, indicada como Categoria 3 (Biblioteca e Sociedade). A comunidade não apenas deixa de utilizar, como sequer tem consciência de que os espaços e alguns recursos podem ser utilizados.

[...] infelizmente temos um problema gigantesco com a comunidade bambuiense para que ela entenda que o *campus* também é dela. Então a gente esbarra nessa questão de que quando a gente leva um projeto de extensão para uma instituição e fala, você pode ir ao *campus*, a resposta é “Mas eu posso entrar?” Então assim, você fala, pode, o *campus* é aberto. “Ah, eu vou na vendinha.” Não, não é na vendinha. Você pode na biblioteca, você pode ir, levar seus meninos para brincar, andar de bicicleta, o *campus* é aberto e aí a pergunta é: “Tem que pagar alguma coisa?” (Entrevistada).

A entrevistada aponta como aspectos positivos da biblioteca a estrutura física e o acervo. Ressalta a presença de espaço para atividades e exposições como ponto importante, mas insuficiente, pois não está estruturado. É um espaço vazio, sem conforto para os frequentadores.

A gente precisa deixar aquele espaço com uma cara realmente é, uma educação informal, que é o que eu gosto de falar, que é um espaço informal, não formal, né, aí vai depender do significado que cada um vai pegar. Mas os dois serão extraclasse, e colocar por exemplo, algumas almofadas, colocar o que a gente já discutiu uma vez sobre alguns “puffs” ali, algo diferente para que as pessoas se sentem, conversem, sintam-se mais à vontade para discutir, dialogar, porque ele é

um espaço para “não avaliação”. Então como é um espaço para “não avaliação”, a gente tem que deixar as pessoas mais dispostas ao diálogo, mais, como que a gente fala? De uma maneira mais íntima e sem medo, sem amarras para poder falar o que precisa (Entrevistada).

Essas afirmações remetem ao conceito de espaço de convivência adotado neste estudo, que propõe a atuação da biblioteca como ambiente de formação humana, além da formação técnica institucionalizada. Freire (1996) fala da importância das experiências em espaços informais nas ruas, no trabalho, nos espaços institucionais em que os saberes dos indivíduos se encontram com seus sentidos diversos. Mas cita também a sala de aula, mostrando que também os espaços institucionais podem ser repensados e ressignificados enquanto espaços educativos.

O espaço referido pela entrevistada foi criado pela reorganização da coleção, gerando uma sala vazia que tem servido como local de exposições, mas sem nenhuma intervenção estrutural. Santa Anna (2016), a respeito dessa forma da biblioteca atuar, diz:

Crippa (2015), considerando as transformações sociais e as novas necessidades dos indivíduos em face do papel social da biblioteca, discute a biblioteca como “laboratórios de cidadania”, devendo esses locais oferecerem atividades diversificadas em conformidade com os desejos da comunidade (Santa Anna, 2016, p. 240).

Dessa forma, o espaço acima referido pode representar o primeiro movimento realizado na BCPEAS na direção de proporcionar a experiência de um “laboratório da cidadania”, possibilitando ações interventivas em comum com a comunidade. Para tanto, observou-se a necessidade de um mínimo de aparelhamento do espaço, com vistas a oferecer conforto e condições mais adequadas para que as atividades sejam realizadas com maior qualidade.

3.2.2 Biblioteca e instituição

Pode-se perceber que as categorias adotadas para análise se entrelaçam. Todos os aspectos apontados pela entrevistada envolvem mais de um elemento da atuação da biblioteca. Não se fala de acervo sem que se considere as relações institucionais, sociais e estruturais no contexto. Logo, ao citar que a biblioteca não participa das atividades realizadas por outros setores, como, especificamente, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, pode-se deduzir que essa inação abrange todas as categorias de análise determinadas.

[...] a Biblioteca pode ir muito além e uma das coisas que eu acho que poderia ocorrer é que a Biblioteca, e eu já digo tanto o bibliotecário e as pessoas que trabalham lá, poderia interagir mais com as ações que acontecem no campus. Então, por exemplo, tá vindo aí a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia que será em novembro. Então, por exemplo, a biblioteca nunca participou de uma Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Nem fornecendo seu espaço e nem indo até o espaço onde está sendo desenvolvida a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (Entrevistada).

O isolamento institucional, citado pela entrevistada, diminui consideravelmente as condições de atuação da biblioteca. Esse isolamento se revela não somente na ausência de envolvimento da biblioteca em ações da unidade, como também na ausência de participação das discussões. E embora não seja possível uma correlação clara, a falta de investimentos em melhorias para a biblioteca parece estar, de alguma forma, envolvida nesse distanciamento.

A facilidade de acesso à tecnologia contrasta com uma biblioteca desaparelhada e sem propostas. Os poucos equipamentos disponíveis para uso do público são desatualizados e insuficientes para atender minimamente às suas necessidades. Todas essas relações desencadeiam um processo de desordenamento na biblioteca em relação às suas funções reais e possíveis, que também colaboram para o afastamento do público.

São observações que contemplam as reflexões relativas ao isolamento institucional pontuadas ao longo deste estudo (Tarapanoff, 1984; Campello, 2003; FEBAB, 2015; Ferreira, 2018). Segundo as análises da entrevistada, a biblioteca do *campus* atua de forma reativa, isolada em seu ambiente, oferecendo seus serviços, à espera dos usuários. A instituição e o público interno recorrem à biblioteca apenas para uso dos espaços e recursos conforme hábitos tradicionais. Não são discutidas melhorias, maior integração participativa ou novas formas de atuação da biblioteca.

Essa ausência de participação é demonstrada na expressão: “[...] a Biblioteca, falta sair do lugar dela e ir até as pessoas porque as pessoas pararam de ir até a biblioteca” (Entrevistada). A ausência de participação nas atividades realizadas no *campus* dificulta um maior envolvimento entre a biblioteca, a instituição e o público. E como consequência tem-se a diminuição do interesse do público para a biblioteca.

3.2.3 Biblioteca e Tecnologia

A atuação individualizada e tradicional sofre e amplifica os efeitos provocados pela presença das TIC's, na concepção da entrevistada. O acesso à tecnologia se apresenta como uma opção, ou até como um “sucessor” da biblioteca. A esse respeito, a entrevistada faz a seguinte consideração: “E a biblioteca, ela está ficando cada vez mais vazia porque competir com o celular está difícil. É o que eu vejo meus estudantes falando. Então, assim, o negócio é voltar a levar os livros para os lugares e voltar a mostrar para o povo que livro é legal” (Entrevistada).

As análises da entrevistada apontam para uma realidade observada por estudos recentes. O CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia (2022) apresentou a pesquisa Hábitos Culturais que foi realizada em 2022 pelo Itaú Cultural e pelo Datafolha. Essa pesquisa concluiu que as bibliotecas estão entre os espaços que mais perderam público, comparado a anos anteriores. Ferreira e Araújo (2016) relatam, segundo afirmação de bibliotecários participantes de uma pesquisa realizada pelos autores, que: “No que tange a trazer os usuários para a biblioteca, os bibliotecários mencionaram que por causa das tecnologias os usuários afastaram da biblioteca” (Ferreira; Araújo, 2016, p. [9]).

Essas análises revelam ainda a ausência de novas ideias e o dilema enfrentado pela biblioteca em ter que sobreviver ao limitar-se à presença do livro como recurso ou elo entre público e biblioteca. E dentro do conceito da biblioteca na EPT, como biblioteca multifunção ou híbrida, repensar o modelo de biblioteca inserindo-se novas propostas, como espaço de convivência em biblioteca, requer uma contraposição de conceitos tradicionais sobre a forma de uso da biblioteca.

Os mesmos autores, inserindo a compreensão de biblioteca como espaço de convivência, questionam o posicionamento de um participante da pesquisa por eles realizada, que diz: “[...] uma biblioteca por uma biblioteca é uma sala com livros, mas **o que é feito nela é que a faz biblioteca [...]**” (Ferreira; Araújo, 2016, p. [13], grifo nosso). Para os autores essa é uma postura radical que diz que o uso da biblioteca só pode ser caracterizado quando os usuários se utilizam de algum material bibliográfico da biblioteca. Acrescentam ainda que “[...] **uma biblioteca é o que fazemos dela**, realmente, mas de maneira mais ampla, indo de encontro à concepção de apropriação do espaço [...] que

beneficia o uso do conceito de Teoria da Conversação abordada por Lankes (2011)”³ (Ferreira; Araújo, 2016, p. [13], grifo nosso). Ferreira (2018) atesta nessa mesma direção.

O conceito de biblioteca híbrida sugere a mescla de suportes de informação, enquanto a proposta de biblioteca como Centro de Recursos para a Aprendizagem requer a especialização para uso destas ferramentas. O que se propõe, no entanto, é a biblioteca escolar em um terceiro estágio, integrada aos demais setores da escola para a ampliação de recursos tecnológicos e de informação e intensificação do ensino (Ferreira, 2018, p. 7 e 8).

Fica evidente, desta forma, que a presença das TIC's tem sido um fator extremamente relevante para a biblioteca na relação com seu público. E este se relaciona a outros, como questões relativas à facilidade de acesso à informação, a ausência de novas ideias para atrair o usuário, a concepção de biblioteca que pende ao tradicionalismo e o isolamento da biblioteca dentro da instituição. Todos esses fatores inter-relacionados trazem consequências para a biblioteca em sua relação com a tecnologia.

Ferreira e Araújo (2016) indicam que espaço de convivência em biblioteca é um desafio à forma como o espaço da biblioteca é tradicionalmente concebido. Essa perspectiva requer um confronto de ideias e percepções. Indica que a biblioteca não é um espaço constituído em si mesmo ou que se constitui a partir de sua própria existência, mas que se constrói na medida em que as relações entre o espaço e o público vão se construindo.

Assim como os fatores agem de forma conjunta, há que se pensar em ações conjuntas para a manutenção da biblioteca como espaço formativo autônomo e importante, como propõe Ferreira (2018). E isso só é possível através do questionamento da nossa concepção tradicional de biblioteca, conforme Ferreira e Araújo (2016), abrindo-se a novas possibilidades.

3.2.4 Biblioteca e sociedade

A entrevistada novamente enfatiza a necessidade de a biblioteca atuar além de seu espaço físico, em conjunto com os professores, na busca por uma forma diferente de fazer

³ A teoria da conversação de David Lankes, que serve de base para a "Nova Biblioteconomia", defende que a missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento nas comunidades, e não apenas coletar e organizar informações. Para Lankes, o conhecimento é construído de forma colaborativa, através de conversas e interações sociais. O bibliotecário, nesse contexto, deve ser um mediador e parceiro ativo, estimulando o aprendizado e a criação conjunta de conhecimento entre os membros da comunidade.

o processo educativo. Essa necessidade de integração é apontada por Ferreira (2018) que postula:

Tendo em vista a configuração das estratégias de ensino atuais para o alcance desse objetivo é fundamental o envolvimento com os demais setores de apoio ao ensino extraclasse. Sugere a integração da biblioteca escolar através do planejamento pedagógico, respeitando sua autonomia educativa e formativa, e do envolvimento com os demais setores da escola. Deixando notório que a biblioteca alcança um território ainda pouco explorado pela formalidade do ensino regular contribuindo para a aprendizagem autônoma e prazerosa (Ferreira, 2018, p.3).

Essa atuação além do seu espaço apontada pela entrevistada e por Ferreira (2018) encontra eco em Santa Anna (2016). Esse autor insere a comunidade externa, ao destacar a necessidade de a biblioteca estar envolvida na “elaboração e condução de projetos que ultrapassem os ‘muros’ das bibliotecas físicas, atingindo o cotidiano da sociedade” (Santa Anna, 2016, p. 238). Nascimento (2021, p. 28), citando os Institutos Federais, afirma que “é fato que as bibliotecas destas instituições necessitam buscar uma relação de troca com a comunidade, captando as potencialidades da comunidade acadêmica e externa, num movimento de ampliação do espaço para o debate, interação e promoção cultural”.

Ferreira e Araújo (2016, p. [13]) discorrendo sobre o modelo tradicional de biblioteca, voltado para as questões de ordem mais técnica, pontuam: “Mas essa configuração funciona em sua comunidade? Será que este modelo vislumbra uma maior participação da comunidade? Talvez, seja hora dos bibliotecários ressignificar sua concepção de biblioteca no contexto informacional atual”.

Mais uma vez há a indicação da importância de se conhecer a comunidade usuária, seus interesses e sua participação efetiva no planejamento da biblioteca. Esses aspectos são determinantes para que a biblioteca desempenhe de fato a sua função social.

3.2.5 Biblioteca e suas funções

Referindo-se às funções da biblioteca, a entrevistada destaca que ela própria não tinha percepção das possibilidades de atuação de uma biblioteca além do padrão estabelecido como espaço de estudo e pesquisa. Reforça a necessidade de haver maior interação entre os servidores e comunidade, maior participação em atividades do *campus*, como na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, Mostras de Extensão etc., como forma de divulgação da biblioteca e de ressignificar seus usos.

Sobre a função social da biblioteca, abordada neste estudo segundo o conceito de espaço de convivência, afirma que não percebe dentro do *campus* a existência de espaços com características que os aproximem de espaços de convivência, pensados para receber e dar autonomia ao público na produção de sua existência de forma autônoma. Nem mesmo o Diretório Central dos Estudantes - DCE, que poderia ter um pouco dessas características, atende aos estudantes com essa perspectiva de atuação. Os poucos espaços existentes não correspondem à proposta de espaço de convivência. Afirma que: “hoje, então, o espaço (...) que nós temos, que basta só a gente colocar o material necessário para virar um centro de convivência, que o espaço já existe, é na biblioteca” (Entrevistada).

A servidora também aponta o tempo de permanência dos estudantes dentro da unidade como um outro fator relevante e motivador para a criação de espaços de convivência e sociabilidade. Cita que alguns estudantes permanecem por mais de 12 horas nas dependências do *campus*. Existem ainda os residentes da moradia estudantil que permanecem o dia todo na unidade. Um espaço de convivência poderia ser local de descanso, de diálogos e de produção de conteúdo extraclasse, segundo a entrevistada.

Afirma que desconhecia a possibilidade de atuação da biblioteca como espaço de convivência. Mas compreendeu que esse caminho de interação, envolvendo as comunidades interna e externa nas ações da biblioteca, participando das atividades em nível global no *campus* e mesmo externamente, pode ser o caminho para a biblioteca se manter atrativa, atuante e importante na vida dos usuários.

Concluindo, a entrevistada fala sobre a atuação do *campus* junto à sociedade, através dos projetos de extensão. A entrevistada acredita que esses projetos são de grande importância para a comunidade, principalmente para as pessoas em vulnerabilidade social. Afirma que essa interação entre instituição e comunidade precisa ser mais efetiva. E que a biblioteca pode colaborar com essas ações pela concepção de um espaço que promova a convivência e a formação humana.

Um mundo além da realidade dessas crianças, que são realidades estritamente...em vulnerabilidade socioeconômica, vou colocar uma palavra bonitinha pra gente não falar, é... né, outras questões. E apresentar, e talvez mudar a realidade de muita gente porque a nossa comunidade ela é, ela passa por situações bem complexas. Então eu acho que a biblioteca, o centro de convivência da biblioteca, ele pode se tornar um divisor de águas para as crianças e para os adolescentes que os nossos projetos de extensão atendem (Entrevistada).

Nesse sentido, Santos, Gracioso e Amaral (2018) compreendem que a biblioteca, ao colaborar com o ensino, a pesquisa e a extensão, colabora efetivamente com o desenvolvimento da comunidade. Suaíden (2020, p. 57) afirma que a biblioteca deve procurar “trabalhar no sentido de corrigir as deficiências do passado, como criar uma interação adequada com a comunidade e implantar produtos que de fato facilitem o acesso à Sociedade da Informação”.

Pode-se inferir como presentes no discurso da entrevistada percepções bastante claras de quem conhece a instituição e as comunidades, interna e externa. Em alguns momentos reconhece os limites para melhorias, como financeiros e políticos, por exemplo. Não obstante, aponta para a necessidade e possibilidades de mudanças, inclusive como forma de romper com o sistema de ensino “bancário”⁴, partindo de mudanças simples, como a biblioteca se aproximando mais dos docentes.

Apesar da aparente clareza e consciência demonstradas, o discurso atravessa a prática biblioteconômica em diversos sentidos. A entrevistada, respondendo sobre as funções da biblioteca e do bibliotecário afirma desconhecer as funções do bibliotecário da unidade, além do aspecto técnico. E ainda as funções da biblioteca com foco na formação humana, além do apoio ao ensino, à pesquisa e à extensão. Para a entrevistada, o papel tradicional de guarda e acesso à informação ainda é reconhecido como a principal função da biblioteca:

E aí, tirando a questão, né, numa biblioteca padrão que a gente já sabe, isso não precisa falar, eu só percebi (e aí eu gostaria de deixar isso aqui, né, para ser colocado) que eu só percebi do quão a biblioteca, ela é maior do que pode ser, a partir daquela conversa nossa, João. Porque, para mim, a biblioteca, até então, ela não tinha função nenhuma além de, vou sentar ali, pegar um livrinho e estudar. Vou sentar aqui, eu quero só colocar minha música no meu fone de ouvido, aqui, e só nesse momento mexer no meu computador, adiantar um trabalho. Para mim, a biblioteca não tinha mais além disso. A partir daquela conversa nossa, da sua ideia daquele espaço, que foi onde eu conheci o espaço, eu vi que a Biblioteca pode ir muito além [...] (Entrevistada)

Logo, pode-se concluir que a biblioteca tem deixado de se mostrar atraente, importante e funcional tanto para o público externo quanto para o interno. Que ambos

⁴ Ensino bancário ou Educação bancária é uma expressão utilizada por Paulo Freire para designar um modelo de ensino em que o professor deposita conhecimento nos alunos, vistos como recipientes vazios, de forma unilateral e antidialógica. Essa concepção tradicional de educação aliena os educandos, limitando sua criatividade e capacidade transformadora da realidade, e perpetua uma relação autoritária e opressora, em contraste com a educação libertadora defendida por Freire.

desconhecem, em algum nível, a biblioteca, tanto em sua prática tradicional quanto em suas potencialidades. Que a função social da biblioteca se apresenta como um caminho necessário para melhor atender às comunidades, principalmente diante da perda de relevância e de significado provocada pela presença massiva das TIC's. Mas essa função social não é um conceito claro para os envolvidos no sistema de ensino. O que torna a aplicação do conceito ainda mais desafiadora e demonstra a importância desse debate, conforme exposto no presente estudo.

3.3 Círculo de Cultura: usuários em diálogo

Nesta seção estão expostas as análises dos dados coletados durante a realização do Círculo de Cultura, uma intervenção pedagógica fundamentada nos princípios de Paulo Freire. A opção pelo uso deste método teve como motivação promover um espaço de diálogo e reflexão entre os participantes, visando a construção coletiva do conhecimento e o fortalecimento da identidade cultural.

Para a análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, que nos permitiu categorizar e interpretar as falas dos participantes, assim como os sentimentos e as percepções expressas durante as discussões. Essa abordagem é especialmente relevante em contextos educacionais, onde as narrativas dos indivíduos podem revelar significados profundos sobre suas experiências e a relação com a biblioteca e a cultura local.

Inicialmente, estão descritos o processo de coleta de dados, acompanhado pela apresentação das categorias emergidas a partir das falas dos participantes. A seguir, uma interpretação dessas categorias, relacionando-as com os objetivos da pesquisa e com a teoria freireana e a importância da biblioteca como um espaço de formação crítica e de resistência cultural.

Por fim, discutiu-se as implicações dessas análises para a prática educativa no IFMG *campus* Bambuí. Analisou-se as contribuições para a formação de uma comunidade mais consciente e engajada com sua cultura e seu saber.

Análise de Conteúdo é uma metodologia poderosa que, quando aplicada de forma criteriosa, pode revelar uma compreensão rica das dinâmicas sociais, contribuindo para o avanço do conhecimento e para a transformação social. Nos Círculos de Cultura, o diálogo entre os participantes gera narrativas ricas e significativas. A Análise de Conteúdo pode ser

aplicada para explorar essas narrativas, identificando temas e significados que emergem das interações. Isso permite uma compreensão mais profunda das experiências e percepções dos participantes.

A metodologia de Paulo Freire busca promover a reflexão crítica sobre a realidade, gerando dados enriquecedores para o processo de compreensão do universo dos participantes. A Análise de Conteúdo pode facilitar essa reflexão ao permitir que os pesquisadores analisem as falas dos participantes, identificando elementos de conscientização e resistência cultural. Isso está alinhado à proposta freireana de que a educação deve levar à transformação social.

Os Círculos de Cultura frequentemente abordam questões relacionadas à identidade e ao empoderamento. A Análise de Conteúdo pode ser utilizada para investigar como as discussões nos círculos ajudam os participantes a ressignificarem suas identidades e a se empoderarem em relação às suas realidades. Isso pode ser evidenciado através da análise das categorias que emergem das falas dos participantes, refletindo suas vivências e desafios.

Os resultados da Análise de Conteúdo podem sinalizar práticas educativas futuras, contribuindo para a formação de ambientes de aprendizado que sejam mais inclusivos e sensíveis às necessidades dos estudantes. Isso está alinhado com a visão de Paulo Freire de que a educação deve ser uma prática transformadora e contextualizada.

Dessa forma, iniciando as explorações, alguns autores apresentados durante esse estudo serão retomados como suporte para as análises. Ferreira e Araújo (2016) argumentam que a mudança de comportamento do público no novo cenário informacional e pela necessidade de rapidez nas respostas para atender às demandas, desencadeou mudanças para a biblioteca nas suas funções informacionais. Essa nova postura sugerida para a biblioteca passa pelo entendimento de que ela precisa oferecer algo diferente, atuar além da leitura numa perspectiva culturalmente mais ampla. Isso no sentido de possibilitar que o público se aproprie dos recursos disponíveis, dos espaços e possibilidades. Os autores consideram o usuário como o elemento mais importante da biblioteca.

Santa Anna (2016) indica que:

[...] na contemporaneidade, a biblioteca extrapolou sua função meramente informacional, exercendo também funções sociais. Com essa constatação, presume-se que, no futuro, a biblioteca ampliará suas funções deixando de ser ambiente meramente informacional para transformar-se em espaços de convivência (Santa Anna, 2016, p. 243).

Nesse mesmo estudo está demonstrado que, na percepção de bibliotecários(as), essa função informacional já não tem sido suficiente para suprir as demandas apresentadas pelos usuários. O autor afirma que os bibliotecários e bibliotecárias têm conhecimento das novas funções da biblioteca e da importância do envolvimento no contexto social. Ainda que fortemente dedicadas ao modelo voltado para as funções educacional e informacional, a biblioteca caminha para atuar como espaço de convivência.

Freire (1989) assegura que a leitura é sempre um ato de compreensão crítica da realidade, muito além da simples decodificação das palavras. Afirma ainda que essa compreensão deve fazer com que o leitor seja o ator principal na relação com a leitura, capaz de analisar criticamente contextos e ideologias presentes no texto e na realidade. Traz conceitos como leitura de mundo, leitura crítica, leitura como ato libertador, diálogo na leitura e o papel do educador nesse processo.

Frigotto e Ciavatta (2003) argumentam que o sistema educacional, sob tantas reformas aplicadas ao ensino profissionalizante, distancia o estudante do saber e da técnica, reduzindo o conhecimento às questões operacionais. O mercado torna-se o grande organizador da vida coletiva. A educação do "cidadão produtivo" se afasta da ideia de formar um ser humano emancipado, capaz de viver em solidariedade e contribuir para projetos sociais alternativos.

Dessa forma, tem-se a proposição de que a biblioteca atue além de sua função tradicional básica, como promotora do acesso ao conhecimento. Nesse novo cenário educacional e informacional, a biblioteca pode possibilitar que aspectos como os apresentados por Freire (1989) no tocante à leitura possam ser atingidos mais amplamente. Seguindo nessa linha, como espaço multidisciplinar e multicultural aberto às necessidades e objetivos das comunidades, cumprir ainda com seu papel social, além do pedagógico, colaborando para a formação do cidadão emancipado, conforme Frigotto e Ciavatta (2003).

Reconhecendo-se o papel do(a) bibliotecário(a) como educador(a) somos levados a refletir sobre sua postura profissional nesse quadro. Cabem ainda reflexões sobre a forma adotada atualmente pela biblioteca no atendimento ao seu público e sobre possíveis mecanismos para enfrentar os desafios resultantes dessa nova concepção de biblioteca. Concepção esta que permite ampliar o universo de atuação desse espaço e atender aos novos interesses do público, mantendo-se relevante para as comunidades.

Logo, a opção pela realização do Círculo de Cultura como método de investigação foi feita dadas às possibilidades dialógicas e discursivas que o Círculo apresenta. O método possibilita aos envolvidos uma participação mais autônoma e efetiva, dando sentido e direção aos diálogos que se desenvolvem. A partir do universo vocabular e das visões de mundo manifestadas, dialogando com os textos apresentados e os temas propostos, os participantes são conduzidos e se conduzem, possibilitando reflexões que enriquecem o debate.

Conforme Dantas e Linhares (2016), os Círculos de Cultura são espaços privilegiados para comunicação e discussão, fundamentados no diálogo e nas experiências dos participantes. Promovem a escuta ativa e o aprendizado mútuo, onde cada participante busca compreender e questionar as falas dos outros, enquanto reflete sobre si mesmo.

Para a realização do círculo de Cultura foram previstos dois encontros com grupos distintos de no máximo 20 participantes cada, que representassem as comunidades atendidas pela biblioteca. O primeiro seria formado por estudantes do Ensino Médio Integrado e o segundo por estudantes do Ensino Superior, servidores e comunidade externa.

Devido à fatores diversos, não foi possível a realização de dois círculos. Optou-se por realizar apenas um, com público misto, estudantes de todos os níveis. Compareceram para o Círculo 17 estudantes. Servidores e comunidade externa não se manifestaram para participar da atividade. Diante da falta de participantes externos, convém esclarecer que a entrevista realizada na pesquisa supriu boa parte das questões que poderiam ser levantadas junto a estes.

A partir dessas premissas, realizada a recepção dos participantes, seguiu-se a organização estabelecida para que o Círculo de Cultura fosse iniciado. Foi apresentado o Roteiro do Círculo de Cultura (APÊNDICE D) a ser seguido, os Termos distribuídos, assinados e recolhidos. Os Termos referidos foram: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para menores de idade (APÊNDICE E); o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores (APÊNDICE F); o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis por participantes menores (APÊNDICE G); e o Termo de Autorização para Uso de Imagem e Voz (APÊNDICE H).

Entre os temas presentes nessa análise estão: as funções da biblioteca, o impacto das tecnologias, a importância da leitura, o(a) bibliotecário(a) como mediador(a) de processos e espaços de convivência. A história da biblioteca do *campus*, na perspectiva

dos participantes, também foi observada, numa tentativa de compreender como sua constituição histórica afeta, ou não, o modelo de biblioteca que existe hoje. Ao final dessas observações, os aportes registrados foram cotejados com os objetivos da pesquisa. Pretendeu-se assim verificar as suas reais contribuições para o estudo.

O Círculo foi dividido em duas etapas, com um intervalo de 30 minutos. A primeira parte foi dedicada à recepção dos participantes, apresentação da pesquisa, recolhimento dos Termos assinados, apresentação da equipe pesquisadora, dos participantes e leituras, conforme indicado no Roteiro dos Círculos de Cultura (APÊNDICE D), além dos esclarecimentos requeridos. A segunda parte foi explorada com a efetiva aplicação do Círculo e o desenvolvimento dos debates. Os participantes que fizeram intervenções estão indicados nas citações diretas como P1, P2, P3 e assim por diante, para preservar a sua identidade.

Os participantes foram incentivados a definir em uma palavra o significado de biblioteca para cada um, como forma de investigar o universo vocabular individual e facilitar o começo das reflexões e diálogos. Seguiu-se a leitura de trechos curtos das obras de Paulo Freire *A importância do ato de ler* e *Pedagogia do oprimido*. O objetivo foi proporcionar aos participantes oportunidade de refletir e dialogar sobre o papel da biblioteca na sua vida acadêmica e na sociedade, bem como sobre o papel de cada um como sujeito na pesquisa e nos processos institucionais e sociais envolvidos na sua formação.

Esse segundo momento contou ainda com a apresentação de algumas imagens de “modelos” de bibliotecas pelo mundo. Foi exibido o vídeo, *Índice de Livros Proibidos da Igreja Católica*. O objetivo destas exposições foi possibilitar aos participantes refletir sobre a liberdade no acesso e uso da informação e, partindo dessa reflexão, analisar a relação de cada indivíduo com a biblioteca. Não foram definidas questões prévias para o debate. À medida que os assuntos se apresentavam, os participantes eram incentivados a discorrer sobre os temas, buscando proximidade com o contexto da pesquisa.

Para a investigação das falas dos participantes, foram aplicadas categorias com o objetivo de organizar e facilitar as análises, tendo como referência os principais assuntos abordados. Foram observados posicionamentos positivos e negativos, ou contraditórios em relação a alguns assuntos categorizados. Esse aspecto de contradição presente nas falas exigiu um aprofundamento analítico que fosse além da categorização proposta. As participações foram todas registradas para um melhor entendimento de como os participantes analisaram os temas discutidos.

O quadro a seguir resume as principais observações realizadas pelos participantes do Círculo.

Quadro 4 - Categorias de análise definidas para o Círculo de Cultura.

CATEGORIAS DE ANÁLISE	ANÁLISES DOS PARTICIPANTES
Biblioteca e tecnologia	- Aspectos positivos: Percebem a tecnologia como aliada da educação. Exige menos esforço, mas tem consequências para o aprendizado. A tecnologia afasta os usuários da biblioteca pela superioridade em qualidade, quantidade de obras e facilidade de uso. - Aspectos negativos: Exclui autores e obras menos destacados, diminuindo a representatividade. Custo para o acesso às obras. Uso não autorizado de obras (direito autoral). Posicionam-se contrários à proibição de uso, principalmente aparelho celular. Acesso às obras é garantido e gratuito na biblioteca em contraposição ao custo de acesso em rede.
Biblioteca - recursos e espaço	- Aspectos positivos: Acesso ao espaço é fácil. - Aspectos negativos: Acesso burocrático para uso de equipamentos. Falta de autonomia para o estudante. Espaço pouco confortável.
Biblioteca - acervo e leitura	Acervo técnico atende bem às necessidades. Não atende plenamente as necessidades e interesses. Concentração em áreas técnicas. Ausência de obras representativas das minorias. Ausência de programa de incentivo à leitura e uso da biblioteca. Acervo insuficiente em literatura e humanidades. A leitura deve ser incentivada, ensinada para que se desenvolva o gosto.
Biblioteca - conceitos e funções	Compreendem a biblioteca como espaço de troca de saberes e experiências. Não atende plenamente a função de provedora de informação. Não percebem a presença da função social.

Fonte: Elaboração própria.

3.3.1 Biblioteca e tecnologia

Após a apresentação das imagens de bibliotecas pelo mundo e do vídeo *Índice de Livros Proibidos da Igreja Católica*, o apresentador (pesquisador) abriu o Círculo para os

debates. As questões que remetem à presença da tecnologia permearam todo o Círculo. São questões que passam pela função da biblioteca, o papel do bibliotecário, acesso à informação, construção do conhecimento, aspectos socioeconômicos e pedagógicos, entre outros.

O apresentador iniciou o debate falando sobre a liberdade de acesso à informação dos tempos atuais. O primeiro comentário realizado por um participante buscou relacionar essa presença das tecnologias com o acesso e o uso da informação:

[...] na minha opinião sobre a questão de livros, os acessos deles, mesmo hoje em dia a gente tendo mais essa questão tipo da tecnologia, a gente dá uma... eh... como é que eu poderia encontrar essas palavras? **A gente meio que tira de contexto as pessoas que talvez foram importantes na história e a gente eleva, principalmente, não querendo levantar pauta, mas, homens e pessoas de classe nobre. Então, por exemplo, existem muitos livros bons e educativos de classes menos... eh... de classes, eh... minoritárias, que falam tão bem quanto assuntos debatidos que as classes altas falam, mas a gente dá mais importância para o que a classe média consome** do que o que a gente, a média mais baixa pode consumir (P5, grifo nosso)

O participante aborda a exclusão social na produção e disseminação do conhecimento. Na sua concepção, a tecnologia privilegia conteúdos, autores e fontes de informação. Sugere que obras de qualidade, com conteúdo mais próximo do contexto das pessoas das classes menos favorecidas, em termos de valores econômico, social e temáticos, são menos apresentados e, portanto, tornam-se menos utilizadas pelos leitores dessas classes.

Essa primeira participação parece apontar para uma necessidade do indivíduo se reconhecer no meio em que transita, se sentir representado, ter na biblioteca materiais que representem seus interesses e valores. Sugere um discurso relativamente contra hegemônico e financeiramente mais acessível no acesso às obras.

O participante argumenta que é dada uma importância maior à produção intelectual da elite em detrimento de bons produtos realizados por autores que não são tidos como “da elite”. São observações que alcançam aspectos que vão além do cultural, abrangendo questões ligadas à produção, divulgação e uso da informação. Estas, por sua vez, são facetas que remetem às funções da biblioteca na promoção do acesso ao conhecimento.

Porém, não se esgotam analiticamente nessas funções da biblioteca. Também trazem à discussão a prática do bibliotecário como mediador de processos, responsável pela seleção e disseminação da informação. São procedimentos que interferem diretamente nas diversas ações da biblioteca e nos pedagógicos em que a biblioteca

participa. Em sentido mais universal, envolvem ainda questões sociais que atravessam a representatividade para pessoas e classes excluídas ou menos favorecidas.

Ao levantar o debate relativo à não presença de autores ligados às minorias na coleção da biblioteca, questiona a educação como ato formador de cidadania. Sugere que a coleção da biblioteca não atende aos seus anseios como leitora. Limitando seu acesso à informação, a biblioteca limita uma formação em sentido mais amplo. Entende, porém, que os próprios estudantes colaboram para a falta de representatividade de autores e obras na coleção ao dar mais atenção a obras e autores renomados. Nesse sentido, a participação ativa dos estudantes pode ter um papel importante para sua formação, apresentando demandas e conforme seus interesses e para a biblioteca, no desenvolvimento da coleção.

Essas observações do participante P5 levaram à reflexão de P12, que lembrou um ato do Presidente norte americano Donald Trump, recém-eleito nos Estados Unidos da América. Logo no início do mandato, o Presidente determinou a suspensão de programas de inclusão e que fossem removidos dos sites da Casa Branca e Agências Federais termos inclusivos como: “gay”, “lésbica”, “transgênero”, “bissexual” e “LGBTQ”. Essa medida admite somente dois gêneros, masculino e feminino, excluindo pessoas “trans”.

Voltando à questão da composição do acervo, é uma ação reconhecidamente conectada à pesquisa de usuários. São atividades que não podem ser desenvolvidas isoladamente. Campello (2003, p. 5), citando Silva (1986) afirma que: “[...] o bibliotecário deveria preocupar-se com a qualidade do acervo e dos serviços, com a orientação e as necessidades dos usuários e com a democratização do espaço da biblioteca”.

Pode-se supor ainda que a fala do participante P5 pode estar apontando para uma das singularidades da função social da biblioteca. Essa particularidade é: promover a produção da cultura “marginal” e periférica, ou não canônica, que raramente as bibliotecas dispõem em seus acervos. Essa literatura refere-se a autores que vivem em comunidades marginalizadas nas periferias de grandes centros, em situação de vulnerabilidade econômica e social. Tem contribuído para ampliar o panorama literário, a diversidade de narrativas e a visibilidade social da periferia.

A literatura periférica é caracterizada por representar as vozes e experiências de comunidades periféricas. Suas obras frequentemente abordam temas como desigualdade social, violência, racismo e identidade cultural. Essa literatura desafia as normas literárias dominantes e busca amplificar as narrativas de grupos historicamente excluídos, promovendo assim uma maior diversidade e inclusão no cenário literário (Rodrigues, 2024).

Cosson (2014) afirma que não se pode pensar em letramento literário abandonando o cânone, herança cultural de uma comunidade. Não obstante, considera ainda que, na formação do acervo, deve-se contemplar a diversidade cultural e os valores dos leitores, com obras atuais, contemporâneas ou não. Que na formação do leitor deve-se partir daquilo que o leitor conhece para o que ele desconhece, proporcionando o crescimento do leitor e de seus horizontes de leitura. Acrescenta que:

A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano. [...] A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana (Cosson, 2014, p. 16).

O acesso a diversificadas fontes de informação permite que autores e obras sem grande apelo comercial circulem e possam ser facilmente acessados pelo público. Possibilita que os interesses de leitura familiares ao leitor sejam caminhos para outras leituras. Esse contato possibilita aos leitores cruzar olhares com pontos de vistas diversos que, muitas vezes, abordam os temas sob uma outra ótica. Essa leitura pode ser até desafiadora para o leitor, mas contribui para a formação do senso crítico, assim como as obras de reconhecido valor literário e estético.

O participante P5 retomou sua fala fazendo observações sobre o uso da tecnologia na educação e a forma como vem sendo abordado o seu uso. Cita a facilidade e superioridade da tecnologia no acesso à informação, em relação à biblioteca. Condena a proibição do uso de equipamentos de tecnologia na escola, e diz que o uso deve ser disciplinado através do ensino de como o uso deve acontecer. A tecnologia deve ser tratada como aliada da educação.

Porque aqui a gente tem muito mais acesso do que, exemplo, na biblioteca. Aqui a gente tem muito livro, mas aqui eu posso pegar um, além de ser muito mais leve, eu posso ter muitos mais acessos em tempo muito menor. E a educação hoje em dia ela tá renegando coisas que tecnicamente poderiam ser melhores. O uso da proibição do telefone é um ótimo exemplo sobre isso. Eu entendo por que não usar, porque a gente não sabe usar. Mas ao mesmo tempo, nós vamos aprender? (P5).

Percebe-se nessas frases uma complementação do argumento inicial do participante. A biblioteca pode limitar o acesso a obras de seu interesse, mas a Internet não tem essa limitação. Cita algumas vantagens desta sobre a biblioteca, além da liberdade de acesso. Argumenta a favor da superioridade da informação disponível *online*.

Para o participante P1, se referindo ao acesso à informação pelo meio digital, a tecnologia afasta os usuários da biblioteca. Essa mesma referência foi observada durante a entrevista realizada para esta pesquisa. Ferreira e Araújo (2016) e CFB (2022) também apontam nessa mesma direção.

A perda de público é uma realidade agravada pela presença massiva das tecnologias. Isso tornou-se ainda mais evidente após a pandemia de Covid-19, em que o isolamento social imposto levou ao aumento no uso das TIC's.

Já o participante P12 reafirma a fala da entrevistada, dizendo acreditar que a tecnologia, pela facilidade de acesso a materiais informacionais, afastará ainda mais os usuários da biblioteca, podendo levá-la à total obsolescência.

Pode-se inferir que, nessa posição, está presente o que pode ser descrito como um discurso passível de ser observado à luz da Teoria Geracional⁵, na qual encontra ecos. Os indivíduos envolvidos no Círculo estão inseridos nesse novo contexto tecnológico e informacional desde o nascimento. A transformação social presenciada lhes proporciona uma visão de mundo que parece estar mais ligada a esse período histórico de vida do que às circunstâncias dessa evolução. São significativas as implicações para a educação, à medida que essas mudanças se refletem na atitude e no comportamento dos indivíduos.

A forma como percebem a tecnologia em suas práticas educativas parece misturar-se ao uso que delas é feito para outras atividades como o lazer. Não se percebe nas falas questionamentos relativos à validação da informação *online*, sobre como as redes tratam e direcionam a informação, sobre os conceitos empresariais por trás desse universo. Essas são questões relativas ao processo de evolução do meio tecnológico que traz impactos para o que é oferecido ao usuário da rede e sobre a forma como a informação é utilizada.

Foram apresentados argumentos em favor da integração entre tecnologia e formas tradicionais de registro. O participante P1 afirmou que: “[...] uma integração entre livro e tecnologia, eu acho que faria com que as pessoas procurassem mais um ambiente de aprendizagem, como a biblioteca” (P1). Ponto de vista também defendido por Ferreira e Araújo (2016), Santa Anna (2016; 2018), Vaz (2020) e Santos, Souza e Bertolin (2022).

⁵ Em linhas gerais, essa teoria aborda a diferença entre gerações. Uma das suas vertentes, a Teoria das Gerações* (presente na Sociologia das Gerações), que tem em Karl Mannheim, década de 1920, seu principal teórico, define uma “geração” em termos de indivíduos que vivenciaram um evento histórico associado a uma transformação social e/ou cultural significativa. Fonte: <https://learningdiscourses-com.translate.google/discourse/generational-theory/? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt& x tr pto=tc>

Aparentemente não houve entre os participantes uma opinião única a respeito das consequências do uso das TIC's para a biblioteca. Alguns defendem que as TIC's possuem um poder tão grande que poderá levar à sua total obsolescência. Outros acreditam que a biblioteca poderá coexistir com a tecnologia e se utilizar dela para oferecer melhores condições de acesso ao conhecimento.

Os primeiros parecem ter como objeto de observação a biblioteca em seu formato atual, tradicional, voltado para os serviços e a informação. Os demais parecem compreender a importância da biblioteca além desse formato, numa perspectiva integradora, buscando novas possibilidades. Os discursos, mesmo opostos, indicam que o modelo atual de biblioteca já não comporta as necessidades dos usuários, e existe a necessidade de a biblioteca buscar um caminho diferente para sobreviver.

A facilidade do acesso online é apontada como um ponto positivo, mas com ressalvas. Na biblioteca o acesso à informação é gratuito, mediado pela tecnologia pelo acesso a bases de dados contratadas, ou fisicamente, através do uso do acervo. Para um usuário sem acesso à instituição, o processo de obtenção de informação tem um custo que nem sempre o demandante pode assumir. A alternativa algumas vezes é recorrer a cópias não autorizadas de obras. Mas isso além de ser ilegal, abrange questões sociais ainda mais profundas.

Mas isso não tá ligado à pobreza estrutural? Porque se a gente for pensar, o... como ele já disse no começo, boa parte dos brasileiros não leem por falta de tempo ou por falta de acesso aos livros. Se os livros não têm acesso, se a gente não tem acesso à biblioteca, você pode julgar quem tá instalando uma coisa pirata?" (P5).

Seguindo-se na mesma linha de raciocínio, a participante P10 falou da importância de se encontrar um equilíbrio no uso das fontes de informação:

Porque é pirataria, não tem como não falar. Mas tipo assim, a gente tem que ver um jeito de fazer metade, metade e metade, porque eu acho que livro também é muito importante pra gente. Principalmente porque a gente tá tão acostumado a ter o celular, que a gente quer tudo muito fácil (P10).

Outro participante acrescentou:

A diferença... A diferença, a diferença não só, é... perceptível em questão de ler, de leitura, mas a... a... a diferença em relação a como você vai interpretar aquela leitura, como que seu subconsciente vai reagir à informação que vem para você. É... é provado, é... é comprovado que os dois estímulos são, vão trazer informações diferentes, mesmo tendo o mesmo conteúdo (P1).

Aqui percebe-se que são abordados o acesso e uso da informação, questões econômicas envolvidas, mas não se faz menção aos riscos aos quais a informação *online* expõe o usuário, ou aos usos empresariais dessa informação. Se a análise se concentra na forma como esse acesso se dá, desconsiderando um contexto econômico mais amplo envolvido, perde-se a oportunidade de avaliar os discursos que permeiam o universo da informação *online*.

Não se pode perder de vista que o pano de fundo dessa discussão é a formação integral, apropriação do conhecimento, conhecimento como ato libertador, entre outros conceitos. Desconsiderar o contexto da evolução das tecnologias, seu uso e consequências deste, principalmente para a educação, nos expõe ao risco de reproduzirmos os discursos que rejeitamos. E assim, reforçarmos a submissão do humano ao capital, tendo como via de controle aquela que deveria ser a via da libertação: a informação.

O dinamismo na abordagem dos assuntos demonstrou como as preocupações e temas se entrelaçam. Esse movimento insere ainda reflexões sobre o processo de aprendizado, embora esse ponto não tenha sido aprofundado. Ao dizer que os estudantes estão acostumados a ter tudo muito fácil, o participante P10 sugere que é preciso diminuir o uso de aparelho celular. Essa observação reflete uma preocupação com os desdobramentos desse excesso de uso, do menor esforço e suas consequências para o aprendizado. Ao mesmo tempo, valoriza a interação humana que ambientes como a biblioteca oferecem e processos de estudo mais elaborados.

Abordando esse aspecto observado pelo participante P10, uma relação pode ser feita com o que Carr (2019) nos diz sobre os efeitos nocivos da Internet e sua presença massiva na vida das pessoas. Esse autor afirma que a mente do usuário de Internet está caótica, saturada pela disponibilidade quase ilimitada de informações e os usuários estão sem rumo. Faz um alerta para a necessidade de retomarmos a calma e o foco, faculdades quase esquecidas na contemporaneidade. Alcântara e Bernardino (2012) abordam o tema indicando que a biblioteca possui um importante papel para que o aprendizado nesse novo cenário seja produtivo.

Nesse mesmo sentido, o participante P10 argumentou que se deve buscar um equilíbrio entre os dois universos informacionais, como forma de atender às necessidades do usuário. Pensamento defendido também por outros participantes. Logo, pode-se perceber pelo envolvimento e pelas contradições apontadas que os participantes se preocupam com o aprendizado e com as formas de acesso à informação.

Os participantes concordam em sua maioria que o caminho da integração, biblioteca e tecnologia, pode ser o mais apropriado. Entendem que a biblioteca ainda possui um papel relevante para a sua formação e que pode subsistir junto com a tecnologia, disciplinando-se o uso no ambiente escolar.

A dinâmica dos participantes do Círculo faz com que os temas se entrelacem. Esse movimento está descrito em Destri e Marchezan (2021). Os enunciados se constroem numa rede de relações tal, que o expresso num dado momento se liga ao que foi dito anteriormente, gerando novos discursos.

O mesmo foi apontado anteriormente nessa seção por Nepomuceno, Cavalcante, Venâncio e Sanches Neto (2019) alertando para esse movimento possível nos Círculos de Cultura. Conforme esses autores, as etapas podem acontecer simultaneamente ou em movimentos dialógicos. Dessa forma, em diversos momentos não foi possível um aprofundamento nas análises, com os debates não atingindo a profundidade que poderia ser alcançada. Mas, ainda assim, ofereceram indicativos suficientes para os fins aqui propostos.

Grande parte das observações foram relativas ao impacto das tecnologias na educação como um todo. Em sentido restrito ao exposto neste estudo, afetam a biblioteca, seus serviços e a forma de atuar do bibliotecário, na relação com as comunidades. Afetam a forma como o usuário utiliza a biblioteca e seus recursos. Logo, integrar o modelo tradicional de biblioteca ao que se apresenta, é, na visão dos participantes, um caminho necessário. Castro Filho (2016), Ferreira e Araújo (2016) também apontam nessa direção.

A convivência, apontada pelos participantes e autores, é um aspecto que reafirma a importância da biblioteca como ambiente de acolhimento. Ecoa ainda no papel do bibliotecário como promotor e orientador da leitura na biblioteca (Vaz, 2020) e facilitador do processo de aprendizagem e educação, diante da presença das novas tecnologias nesse ambiente (Vieira; Batista; Cuevas-Cerveró, 2013).

3.3.2 Biblioteca – recursos e espaço

Inserindo as questões que envolvem os espaços e seus usos, além da sala de aula, afirmou-se a inexistência de espaços que ofereçam boas condições para estudo no *campus*. O alojamento foi citado pelo participante P12 como um espaço disponível, porém

pouco adequado. O que faz com que prefira a biblioteca, como ambiente mais apropriado, livre de interrupções. Outro participante confirmou:

Porque muitas vezes a gente não tem um local adequado para estudo, muito barulho. Às vezes até na própria casa da gente, a gente pode procurar a biblioteca e lá vão estar outras pessoas também que vão estar em busca do conhecimento, que você pode até dialogar com essa pessoa que pode estar em busca do mesmo seu, te ajudando nesse... nessa sua dificuldade (P2).

O uso dos espaços e recursos foi citado como uma questão “burocrática”, não somente na biblioteca. Da mesma forma, também a aquisição de acervo foi apontada pelos participantes (P1, P6, P12, P9, P3 e P5). Afirmam que o acesso a ambientes e equipamentos só é possível mediante a solicitação de um(a) docente. O mesmo foi expresso pela professora entrevistada na pesquisa. Consideram que a compra de acervo não leva em conta os interesses dos usuários.

Esses depoimentos evidenciam através da ausência de espaços e de participação citadas, a falta de autonomia para os estudantes. Embora disponham de espaço físico, o uso sempre está vinculado à autorização mediada por um servidor. Nesse sentido, a biblioteca surge como uma alternativa, não somente para estudo como também para usos diversos. Mas a biblioteca também burocratiza o uso de equipamentos e de alguns espaços.

Um dos participantes afirmou que “[...] a biblioteca também não é só um local com os livros [...]” (P2). Que a biblioteca oferece a possibilidade de troca de informações e conhecimentos. Essa é uma aproximação do conceito de espaço de convivência abordado neste estudo.

Outro participante questiona se não poderia partir dos estudantes o movimento por uma participação mais ativa no *campus*: “É, talvez, assim, a gente só quer ver o lado ruim da instituição, mas também nós não vemos o nosso... a nossa... o que que podemos fazer para melhorar, entendeu?” (P13).

Não ficou muito claro se eles entendem como se dá, ou deveria se dar sua participação na instituição. Enunciados que questionam ou sugerem participação na vida acadêmica foram poucos e soaram vazios, sem a indicação de instâncias de atuação e espaços, físicos ou sociais, para a organização participativa. Nem os coletivos organizados que existem no *campus*, que são espaços sociais para o debate coletivo, foram citados.

A biblioteca também não foi citada como espaço institucional para a participação dos estudantes, de forma evidente. Não obstante, as falas sugerem que há um entendimento de que a biblioteca seja um ambiente que favorece a socialização. Ainda indicam que a atitude passiva dos estudantes é um dos elementos que colaboram para as barreiras existentes em relação ao uso e acesso aos espaços e equipamentos.

Um participante argumentou que não são frequentes informações sobre o funcionamento do *campus*, o incentivo ao uso ou como o estudante pode usufruir melhor do seu tempo na unidade. “A gente vê muito eventos externos, um queijo do... daqui da região que tá lá na França, que foi premiado, que o IF posta. Mas e as informações que os alunos realmente precisam saber?” (P1). Esse aspecto da falta de informação é outro ponto em que a biblioteca também pode ser mais efetiva e suprir o vazio observado.

3.3.3 Biblioteca e leitura

Sobre a importância da leitura e o prazer de ler, os participantes apontaram a presença de algumas dificuldades na formação do leitor. O primeiro relato dizia que a maioria dos estudantes do *campus* provém de escola pública estadual, onde não se ensina a leitura pelo prazer: “Você teria que conversar com a professora de português, pedir para ela agendar um horário com a bibliotecária e aí isso demoraria um mês para você pegar um livro (P5). Outras pessoas concordaram. Argumentou ainda que “não tem como você fazer uma coisa que você não foi ensinado” (P5).

Alguns integrantes do Círculo afirmaram a importância do gosto ou hábito pela leitura ser incentivado desde a infância, inclusive na família (participantes P12, P9, P1 e P2). Os participantes P12, P13 e P15 lembraram que nas escolas havia o discurso do incentivo à leitura e sua importância, mas na prática, não se proporcionava condições para o acesso aos livros. Os participantes P1 e P3 lembraram que projetos de incentivo à leitura interdisciplinares ajudavam a desenvolver o hábito de leitura na escola. O P10 argumentou que não é só no IF, mas que o desenvolvimento de hábitos deveria ser ensinado desde o Ensino Fundamental, incluindo o gosto pela leitura.

O participante P13 afirmou que “falta uma cultura” aos estudantes na busca pelo conhecimento. O P16 afirmou que muitos estudantes não têm condições de fazer esse esforço. Essa afirmação não ficou muito clara. Foi envolvida pelo prosseguimento do debate, sem aprofundamentos. Mas pareceu sugerir que existem estudantes que não

conseguem, por alguma barreira, pedagógica ou pessoal, dar conta de seu aprendizado de forma eficaz. Essa foi a única intervenção registrada desse participante.

O participante P1 destacou que falta incentivo para a busca de espaços de estudo como a biblioteca. Questiona a participação dos estudantes na luta por um *campus* que atenda às suas necessidades. Prosseguiu apontando uma preocupação com as próximas gerações de estudantes.

Mas isso, isso é muito... é muito relacionado ao que ela falou. Isso parte de uma construção social nossa. Porque até hoje a gente não tem esse incentivo para procurar um ambiente ou um local como a biblioteca para estudar. Mas até quando não terá esse incentivo? Porque as próximas gerações que vier, elas... se continuar dessa forma, elas passarão pela mesma coisa que a gente tá passando, pelo mesmo processo (P1).

Questiona-se a postura da instituição em relação à leitura e os meios de acesso ao conhecimento: “[...] será que dentro da instituição tem uma cultura forte que faz os alunos procurar mais, ler mais, procurar mais conhecimento nos livros, que não seja no computador?” (P13).

As ponderações apresentadas remetem, de forma direta ou indireta, à discussão sobre a presença da leitura nos currículos escolares compreendendo os novos perfis de usuários, apresentada por Lajolo (2011). Envolvem a atuação do bibliotecário no incentivo à leitura, na ressignificação de suas relações sociais e simbólicas (Santos; Souza; Bertolin, 2022). Trazem aspectos relativos à leitura como base do ensino da linguagem e como apropriação dos seus domínios (Almeida Júnior, 2017; Batista, 2020). Dialogam com a noção da leitura como ato crítico, resultante dessa prática, presente em Freire (1996). E, ainda, sobre os sentidos da educação para a formação humana, além da formação para o trabalho, presente em Ciavatta (2014).

Essas correlações são observadas não somente a partir das abordagens explícitas dos participantes, mas também a partir das dificuldades apontadas ou sugeridas, no contexto da formação e participação estudantil. Assim, alguns pontos indicados como importantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura são abordados de forma bastante superficial.

São apresentados pelos participantes como boas práticas, o incentivo da família e o contato com a literatura na escola desde os primeiros anos. Outra iniciativa indicada diz respeito aos projetos interdisciplinares que envolvem literatura. Ambos expressam o

entendimento da leitura como importante aspecto na formação escolar, mesmo sem um aprofundamento conceitual no debate.

No entanto, o acesso ao livro foi sempre um ponto presente nas discussões. O participante P12 lembrou em sua fala a questão da censura aos livros na escola, limitando o que cada estudante podia ler. O P1 questionou sobre quem define os critérios que determinam quem pode ter acesso aos livros. O P2 concordou com limites devido a questões técnicas e de conteúdo, mas apontou que as escolas não procuram saber o que eles têm interesse em ler.

Aqui aparecem duas questões abordadas na pesquisa. A primeira diz respeito à censura. Esse ponto foi discutido no contexto da postura do(a) bibliotecário(a), que deve procurar diminuir suas visões particulares na formação da coleção, seja devido a posições políticas, morais, filosóficas ou outras, presente em Vergueiro (1987). E a segunda, diretamente relacionada à anterior, é a importância do estudo de usuários na formação de acervo citada por Figueiredo (1994) e Santa Anna (2015).

A Declaração dos Direitos da Biblioteca, traz no item III a seguinte afirmação: “As bibliotecas devem desafiar a censura no cumprimento de sua responsabilidade de prover informação e esclarecimento”. Sobre a importância de se conhecer o leitor, Souza e Targino (2016, p. 15) destacam: “Tal conhecimento se efetiva mediante estudos a partir dos interesses identificados dentre o público potencial e efetivo, quando as bibliotecas ou centros de documentação se habilitam a oferecer informações compatíveis com o perfil dos usuários”.

O participante P4 fez um apanhado dessa discussão relacionando-a à perda de público pela biblioteca na relação com a tecnologia.

Eu acho que esse é um dos motivos de o porquê que a biblioteca tá perdendo, é... para a tecnologia. Porque na tecnologia a gente não tem uma limitação de conteúdo tão grande como a gente tem nessa questão da biblioteca. É claro, como ela falou, eu também concordo que existe livros que a gente não tá preparado para ler em certa faixa etária, mas essa questão de limitar esse seu acesso ao livro pode te fazer gerar um desinteresse pela biblioteca. Porque, ah.. mas eu não posso pegar o livro que eu quero, então eu não quero ler nada, porque eu não quero ler o que eles me obrigam a ler, eu quero ler o que eu quero ler (P4).

São observações pontuais e objetivas. Como P4 afirma, o acesso a conteúdo na Internet não possui um limite expresso. O usuário decide o que quer pesquisar. Sabe-se que, de posse do mecanismo correto, não haverá barreiras ao seu acesso. Afirma que a

limitação de acesso ou a censura na biblioteca afasta ainda mais os usuários. Embora pareça simples, esse pensamento expressa questões bem mais complexas.

Por um lado, tem-se questões econômicas, éticas, morais e ideológicas presentes nos sistemas de ensino, que transitam em todos os processos, inclusive na formação de acervo. Trata também da relação desenvolvida nos processos de ensino, onde é feita a definição das obras a serem utilizadas para leitura. Mas, apesar da complexidade do tema, é importante pensar na necessidade de se desenvolver reflexões a esse respeito.

Recentemente tem tomado conta das mídias o debate político acerca da regulação das mídias no Brasil. Esse é um debate complexo que tem como pano de fundo a responsabilização das plataformas digitais por conteúdos nocivos, a proteção da liberdade de expressão e o combate à desinformação.

Atualmente, as empresas são responsabilizadas apenas em caso de descumprimento de ordens judiciais de remoção de conteúdo. Porém o que está em jogo é a possibilidade de as plataformas serem punidas por não agirem proativamente contra conteúdos ilícitos. Essa postura enfrenta forte oposição das big techs, as grandes empresas por trás dessas plataformas.

Ao impor limites, a biblioteca colabora, como diz P4, para o afastamento do leitor? Ou incentiva o uso de obras sem autorização? E quanto ao caos da informação *online* e a perda de foco no uso das tecnologias para leitura, citados por Carr (2019)? E quais as consequências para o planejamento docente? Indicar obras disponíveis *online* ou solicitar a aquisição para a biblioteca? O que as bibliotecas podem fazer nesse sentido?

Em tempos de mudanças, de “digitalização do mundo”, em que a biblioteca precisa encontrar mecanismos para se manter relevante, conceitos tradicionais precisam ser revistos em diálogo com a instituição e a comunidade. Assim, questões relativas à leitura, interesse dos usuários devem ser tratados como prioridade. O desenvolvimento e os objetivos da biblioteca precisam ser revistos com foco em uma solução que recupere para a biblioteca a função de servir à comunidade com informação, cultura e lazer (Bernardino e Suaiden, 2011).

Na relação biblioteca/leitura, foram feitas diversas observações que demonstraram um grau de entendimento razoável de como se dá esse envolvimento. De uma forma geral, foram análises concordantes quanto à importância da leitura e o papel da biblioteca. Diversas vezes foram realizadas correlações com os textos de Paulo Freire apresentados no Círculo.

Igual você falou sobre o Paulo Freire, aquela hora que ele levou ele para ensinar as pessoas, porque ele levou a pessoa vivia no contexto do universo dele para... para leitura, né? Aqui no IF, principalmente nos cursos de agrária, eles incentivam a gente muito a buscar livros. Que a base dos professores são todas sobre livros. E quando você vem pegar um livro sobre agrária, você vê o que o professor falou e no livro tem muito mais conhecimento do que aquilo. Às vezes é muito mais fácil de entender do que quando o professor fala. Na agronomia, por exemplo, tem muitos e muitos, muitas matérias que você deve, de toda maneira, buscar o livro que esse professor indica. É, porque senão você não consegue entender (P12).

Eu acho que agora eu consegui entender o que que o Paulo Freire quis dizer. Que... parando pra pensar, por esse lado, toda leitura ela é realmente uma construção, porque a gente tem construções sociais diferentes, pontos de vistas diferentes. Então, pode ser que o que esteja escrito aqui soe diferente para você, como para você, como para mim. E eles deveriam realmente ensinar as pessoas a buscarem esse conhecimento, **porque da forma que a gente observa a leitura, a gente leva por base na nossa vivência [...]** Eu tenho praticamente certeza que 60% da galera que tá aqui... Não, 60 não, eu acho que 99% de certeza que a galera que leu esse texto não pensou da mesma forma que o Paulo Freire quando ele escreveu. E não conseguiu interpretar da mesma forma. Eu acho que essa... esse impulsionamento na... no incentivo da nossa leitura também é falho nas instituições e isso afeta diretamente a biblioteca também (P1, grifo nosso).

É porque cada um interpreta aquilo que tá lendo da maneira que ele pensa, né? (P12).

Os participantes aparentemente compreenderam que o sentido da leitura possui aspectos diversos que variam de acordo com o contexto e com o leitor. As experiências e vivências afetam o modo como se lê e se interpreta o lido. O sentido afirmado por Freire (1989) de que a leitura deve servir para libertar, aparentemente, foi evidenciado nos discursos quando os integrantes do Círculo argumentaram que sentem falta de materiais de leitura que expressem suas realidades e forma de conceber o mundo, suas angústias existenciais e filosóficas. Cada um se relaciona com a leitura à sua maneira.

Logo, o sentido da formação omnilateral, objetivo do EMI, é facilmente observável a partir de uma escuta atenta dessas falas. Percebe-se nos integrantes do Círculo a compreensão de como a educação interfere em suas vidas. Isso fica claro quando apresentam concepções a respeito da necessidade de se ter uma formação qualificada. O foco pode ser superar as desigualdades sociais, se preparar para inserção na faculdade ou no mundo do trabalho, expandir conhecimentos, desenvolver diálogos seguros de suas opiniões, entre outros aspectos.

Ainda que os estudantes careçam de um entendimento mais claro sobre o sentido do EMI, de educação integrada, de omnilateralidade e a função social da educação, demonstram conhecimento das questões envolvidas nesses conceitos. Ao apresentarmos

textos que falam sobre a educação como mecanismo de conscientização para a mudança social, o ato educativo como ato político intencional, leitura como ato crítico e libertador necessário para a formação humana, os participantes desenvolveram diálogos relativos aos temas, inclusive citando Paulo Freire.

Nesse sentido, ficou demonstrado que os participantes compreendem que o processo de desenvolvimento do domínio da leitura e seus usos deve estar presente nas instituições. E que a biblioteca exerce um papel importante nesse contexto. Ainda que não ofereça todos os recursos informacionais desejados pelos usuários, eles ainda veem a biblioteca como um recurso relevante para a leitura e formação do leitor.

3.3.4 Biblioteca - conceitos e funções

Os participantes foram levados a refletir, em uma palavra, sobre qual seria para eles o significado de biblioteca, de forma geral. As palavras resultantes foram: QUIETUDE, PAZ, CONHECIMENTO, INFORMAÇÃO, AGLOMERAÇÃO, LABIRINTO, ENSINO, ACOLHIMENTO, IMPORTANTE PARA TODOS (esse participante escreveu frases, que foram assim resumidas), e ESTUDO. Esse foi o levantamento vocabular realizado com a expectativa de se obter contribuições que revelassem o entendimento que os participantes possuem sobre o conceito e, conseqüentemente, as funções da biblioteca.

CONHECIMENTO e INFORMAÇÃO foram as palavras que mais se repetiram. Isso demonstra que uma percepção simbólica envolvida no conceito de biblioteca na indicação desses termos como descritores. Em contraposição, argumentaram que a biblioteca não atende completamente como provedora de informação com materiais desatualizados e concentração do acervo em determinadas áreas.

Isso sugere que entendem e percebem a importância da biblioteca como provedora de informação. Que essa informação é o que desencadeia a formação do conhecimento. Porém, no caso específico da BCPEAS, para os participantes, INFORMAÇÃO é um conceito que não está bem representado. Além da concentração do acervo em áreas técnicas, as áreas de humanidades de forma geral e a literatura, especificamente, foram apontadas como insuficientes para atender aos interesses dos leitores.

O participante P4 comentou que, mesmo em uma pesquisa acadêmica, a biblioteca não fornece material atualizado. E ainda encontra dificuldades em ter apoio por parte de algum professor. A falta de divulgação do acervo também foi citada. Percebe-se nesse

depoimento que o apoio à pesquisa acadêmica e disseminação da informação são funções da biblioteca que o usuário desconhece.

Essas ausências também foram notadas na análise dos endereços eletrônicos das IFE's. Não se verificou a divulgação de serviços semelhantes pelas bibliotecas. Aparentemente, as bibliotecas têm negligenciado essas ações. Ou, se tais atividades são realizadas, os mecanismos de divulgação não têm sido eficientes.

O participante P1 retoma a questão da necessidade de divulgação do material disponível, deixando transparecer que esse aspecto é bastante relevante. Essa percepção pode ter relação ao pouco uso que é feito da biblioteca pelos estudantes e a ausência de ações de divulgação do acervo. A diversidade da coleção foi abordada pelos participantes como um ponto negativo. Sobre esse aspecto, a entrevistada na pesquisa considerou que a biblioteca possui boa qualidade, mas pouca diversidade no acervo, também nas áreas de humanidades, com especial atenção à literatura.

A referida ausência de divulgação reflete a disjunção entre a biblioteca e o público, indicando a integração como necessária para melhoria do quadro. Ferreira (2018) aponta no mesmo sentido. Uma postura humanizada para diminuição desse afastamento é sugerida por Alcântara e Bernardino (2012, p. [9]): “A secura e distanciamento entre biblioteca e usuário deve dar lugar a uma relação de carinho e proximidade. Uma proximidade tal que [o] aluno seja levado a querer aprender. A desejar sempre mais e quer (*sic*) estar no âmbito da biblioteca”.

Pode-se correlacionar essas observações ao conceito apresentado por outra pessoa, P13, que usou a palavra LABIRINTO para definir a biblioteca.

O conhecimento é uma coisa que, eh, como o João falou, é uma coisa que há muitos... alguns anos atrás foram... ainda é uma coisa que não está disponível para algumas pessoas. Eh... mas, ao mesmo tempo, quando o conhecimento tá disponível, ele não vai entrar dentro da cabeça da pessoa e vai instalar lá e a pessoa vai sair sabendo as coisas, entendeu? A pessoa tem que fazer o quê? Se ele não for, eh, pegar o livro, ler, entender, eh... que nem a redação, eh, se eu não me engano, é dissertação, eh... [...] Isso. Eh... a pessoa tem que estar dentro dessa situação. Para mim são um labirinto. É... tanto faz, eh, a pessoa ter um livro em mãos e não saber utilizar ele... É, interpretar ele. E a mesma coisa você... a diferença de você ter e saber o que que você tá fazendo com ele (P13).

São afirmações que se completam. A necessidade de divulgação e o uso da informação em si. Nesse sentido pode-se afirmar que se discute também o papel do(a) bibliotecário(a) como agente de formação social, em sua tarefa de seleção, organização e disseminação da informação. Também como agente formador de leitores. E ainda

afirmações de Freire (1989) sobre o sentido do lido e o uso feito da leitura. Vale a repetição da fala do participante: “[...] tanto faz, eh, a pessoa ter um livro em mãos e não saber utilizar ele... É... interpretar ele. É a mesma coisa você... a diferença de você ter e saber o que que você tá fazendo com ele” (P13). Outro participante completou o raciocínio:

“É porque é diferente, né? Você fazer uma... uma leitura em si e saber ter a interpretação em cima, entendeu? É algo totalmente diferente, de ler e interpretar. Porque igual você falou, cada um vai interpretar de um jeito. Se eu ler um livro... cada um vai ter um... uma opinião, um modo de pensar diferente” (P3).

Lajolo (2011) analisa essa relação do leitor com o texto lido da seguinte forma:

Cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto (Lajolo, 2011, p. [76]).

Proporcionar o acesso à informação é função da biblioteca. Intermediar esse acesso é tarefa do(a) bibliotecário(a), que possui conhecimentos e mecanismos para proporcionar ao usuário um aproveitamento melhor do acervo. Campello (2003) diz que: “A inexistência de um programa destinado ao desenvolvimento de habilidades de acesso a e uso da informação é outro fator que prejudica o desempenho dos alunos no processo de pesquisa” (Campello, 2003, p. 16).

Alcântara e Bernardino (2012, p. [9]) destacam: “Dessa forma e diante da quantidade de informações e da facilidade de acesso a estas, deve a biblioteca conduzir o aluno de forma que possa o aprendizado ser mútuo e repleto de entusiasmo”. Almeida Júnior (2017) diz que o(a) bibliotecário(a) não sabe lidar com mídias que não usam a palavra escrita. Afirma que a leitura está presente em toda ação desse profissional. Aprender a lidar com as novas mídias favorece a atuação do profissional no apoio ao acesso à informação e à leitura, que é “parte intrínseca do processo de apropriação da informação” (Almeida Júnior, 2017).

Silveira e Reis (2011) lembram que:

[...] a importância das bibliotecas públicas só se efetiva quando intermediado por práticas de educação e de leitura que promovam o intercâmbio, o diálogo entre os inúmeros signos que compõem seus acervos, com os desejos, as ansiedades e as necessidades de cada um de seus usuários. [...] Sendo assim, além de ser um lugar de memória e de cultura, uma biblioteca é também um espaço de transformação

social que interfere no meio cultural onde se insere através do incentivo às práticas ligadas à educação e à leitura (Silveira; Reis, 2011, p. 49).

Curiosamente, ao escolher palavras que definem o significado de biblioteca, os participantes usaram palavras que sugerem que este seja um espaço receptivo. ACOLHIMENTO foi uma das palavras usadas. Entretanto, ao serem questionados sobre se a biblioteca é um espaço acolhedor, diversos participantes responderam “não”, em uníssono. Seguem alguns depoimentos sobre a atuação da biblioteca.

Então, assim, aqui eu venho bastante para sair de lá dentro do meu quarto, porque assim, quando eu vou estudar lá... eu vejo que os meus colegas não são assim tão legais. Aí eu venho aqui para a biblioteca para ficar à toa mesmo. Assim, às vezes eu leio, aí eu estudo, aí eu escrevo, porque lá é muito barulho, lá eles conversam demais, aí eu não consigo ter a concentração. Então, para mim, aqui é um lugar bom para eu sair de toda aquela bagunça de lá (P7).

Eu acho que a biblioteca não deveria ser só um lugar para a gente estudar. Na minha cabeça, uma biblioteca também tem que ser um lugar onde a gente... até de convívio social. Pra gente não ficar só presa dentro da sala. É claro que eu não tenho o que a maioria das pessoas utilizam biblioteca, tudo para um refúgio, um lugar mais quieto, que como falou, é acolhedor. Só que a gente não é necessariamente acolhido esse... eh, acolhimento porque não tem nem espaço pra gente. Você tem um espaço que é uma cadeira e um assento que não é tão confortável, só para você sentar e talvez ler um livro sobre alguma matéria, tipo, didática. E só isso (P5).

Eu também acho que deveria ter mais livros assim, como ele falou ali, que deveria ter mais, eh... fazer uma pesquisa sobre o que a gente gosta. Porque aqui tem muito livro de estudo, mas eu não vejo nada sobre... sobre ficção, sobre poesia. Acho que devia ter mais livros assim, que às vezes a pessoa quer vir estudar, só que também às vezes ela quer vir passar o tempo lendo um livro que ela gosta (P7).

Eu acho que é também um pouco de incentivar a cultura, porque a cultura brasileira é uma coisa que tem um vasto, bonita, e a gente não tem mais acesso a isso, porque você vem na biblioteca, você vai ter um livro só, eh, filosofia, você vai ter um livro de cada ali, e pronto, mas não vai ter um livro que incentive, que mostre o que a gente é realmente (P5).

Sobre a palavra ACOLHIMENTO apresentada, o próprio participante que citou sugere acreditar que a biblioteca atende, até certo ponto, tanto nesse aspecto quanto em sua função tradicional de provedora do acesso à informação. Mas, ao mesmo tempo, protestou quanto à diversidade e qualidade do acervo.

A palavra acolhedor eu sou que coloquei, né? Porque quando eu comecei a frequentar a biblioteca, eu passei por uma das piores épocas da minha vida e foi onde eu encontrei um pouco desse acolhimento mesmo, que foi, eh, nos livros, onde eu passava a maior parte do tempo, porque, que nem você falou, é um outro universo. Eu acho que eu concordo muito com a frase de que se a gente lê, a gente vive mil vezes. Porque você está sempre ali, se colocando, lendo, e eu acho incrível,

mas eu também não vejo nada disso aqui. Tipo assim, não sei se outras pessoas conseguiram achar, mas aqui não vejo livros que eu conseguiria ficar imersa (P10).

Todos os depoimentos acima concordam, em algum nível, quanto ao papel pedagógico e informacional da biblioteca. Embora discorram de forma diversa sobre o seu papel social, oferecem subsídios que possibilitam perceber que sentem falta de uma biblioteca “humanizada”. Aspectos como refúgio, convívio social, cultura e diversidade de acervo, presentes nos discursos, remetem a essa ideia de biblioteca humanizada. Como aspectos negativos, foram indicadas ainda a falta de conforto e a pouca diversidade no acervo, principalmente na área de Ciências Humanas.

O que se pode apreender a partir dessas falas é que a biblioteca do *campus* Bambuí possui um acervo predominantemente voltado para a formação técnica. Pouca atenção é dada à formação humana, observada em termos de obras voltadas às Ciências Sociais disponíveis na coleção. Oferece um bom espaço para estudo que atende até certo ponto, mas que não é suficientemente confortável. Carece de um acervo mais abrangente e diversificado com presença maior de obras de formação humana e literatura. Estes aspectos parecem afetar a compreensão sobre a biblioteca como um espaço acolhedor.

Foram feitas referências à origem do *campus* voltada à formação para o trabalho na área de Ciências Agrárias. E, conseqüentemente, isso se reflete no modelo atual de biblioteca.

É, a gente não pode... Mas eé... É eu sei que.. eu entendi de todos aqui, nós sabemos que o Instituto IFMG Bambuí, ele se disseminou de uma... que era CEFET primeiramente, depois eh...[...] É, a primeira Escola Agrotécnica e CEFET. Isso quer dizer o quê? Que antigamente os alunos vinham pra cá pra pegar um curso profissionalizante e sair daqui profissional naquela área. Então, quer dizer que a pessoa saía daqui, eh, já com um entendimento que vai trabalhar, entendeu? E esse processo de, eh, escola agrícola, CEFET, IFMG Bambuí, ele foi, eh, num pouco espaço de tempo (P13).

Mas isso não impede a escola de procurar incentivos, principalmente para implementar essas melhorias. O fato de ter sido uma escola profissionalizante, quando eles souberam, quando ia transformar em Instituto Federal, vamos atender adolescentes, elimino que... eh... subentendido que a gente também tem que trabalhar outras áreas. Não é porque aqui já foi uma escola e ainda é uma escola técnica, que eles não vão ter que trabalhar com relações humanas. Inclusive, por ser uma escola técnica, deveria ser mais ainda trabalhado as relações humanas (P5).

Acho que é... Eh... como a menina falou, e o Fábio falou, e o Kauã falou, a questão da evolução do IF como instituição, né? Vindo do... o IF vem dos cursos agrários, focado... extremamente no sistema agrário para depois vir entrando curso (P12).

Essas observações estão relacionadas à história da biblioteca na EPT, abordada no levantamento de dados feito nos endereços eletrônicos das unidades. Na busca por compreender a constituição histórica dessas bibliotecas, deparou-se com questões referentes à influência da sua origem sobre a formação de acervo. Sobre como o modelo profissionalizante aplicado nas antigas escolas técnicas, especificados pela ênfase predominante em obras de conteúdo técnico, permanece ainda hoje na instituição. E pode ser notada na BCPEAS, como disseram os participantes, com uma grande parte do acervo dedicada à área das Ciências Agrárias.

Para os participantes, a origem da escola tem influência significativa no modelo atual de instituição. E essa influência pode ser também percebida nos discursos e práticas presentes nas instituições. Como exemplo, pode-se citar as conclusões de Crivellari e Sima (2016), em artigo que analisa as funções da biblioteca, tendo como referência a biblioteca do *campus* Bambuí, que atribuem ao insuficiente quantitativo de servidores o fato de a biblioteca não cumprir plenamente com seus papéis.

Existe ainda a pesquisa realizada pela FEBAB (2015), em que os entrevistados responderam sobre a atuação da biblioteca de acordo com sua função social. Os entrevistados apontaram como limitadores para a realização de atividades culturais o comprometimento do silêncio na biblioteca, a falta de recursos financeiros e de recursos humanos para essas ações. Consideraram ainda o fornecimento de informação como sua principal atividade.

Essas abordagens vão ao encontro das observações realizadas nesta pesquisa de que entender a historicidade da biblioteca, de como ela se constituiu, pode favorecer o entendimento sobre o presente e apontar possibilidades futuras. O acervo oferecido, as atividades desenvolvidas e a forma de se relacionar com o público são algumas das questões que são afetadas por essa constituição histórica.

A inconsistência e permanência presente nos discursos institucionais, em que se apoia o projeto das IFE's, são notáveis. Ao propor uma ruptura com o modelo de formação profissional tradicional, sob o manto da formação integral, replica conceitos e ações daquele modelo que perduram no atual. Apresenta-se como revolucionário, todavia, atrelado a alocações e paradigmas que se prendem ao tradicionalismo.

Lembrando que nas pesquisas para entender essa relação da biblioteca e a EPT, as obras identificadas eram obras relacionadas às técnicas de administração de bibliotecas. A forma como essa biblioteca vem atuando e se desenvolvendo ao longo do tempo segue a

mesma linha. Os aspectos da formação humana integrada, pressupostos da EPT, não são substancialmente perceptíveis no modelo atual de biblioteca.

Os participantes afirmam que não percebem uma preocupação com a formação humana, por parte da biblioteca, seja na constituição do acervo, nas ações promovidas ou no ambiente, como um todo. Embora essa percepção esteja um tanto subentendida, pode ser percebida em frases como:

É assim, eu fui falar que se a escola evoluiu, a biblioteca que está na escola tem que evoluir também. [...] Mas aqui na biblioteca não temos, eh, livros que faz a gente ter um repertório para uma redação, não tem livros que a gente possa abrir a nossa mente para a gente fazer isso. Então, se a escola uma... uma vez foi um círculo e quebrou esse círculo, as bibliotecas que tá dentro da escola também tem que quebrar esse círculo, não ficar parada no livro (P4).

Eu acho que com essa evolução do IF, a biblioteca esqueceu de acompanhar (P1).

Outro ponto abordado foi o tempo de permanência no *campus*. Os participantes indicaram como um dos aspectos que justificariam uma biblioteca que atendesse aos atributos citados. Ou seja, que apresentasse características mais humanas, onde o estudante tivesse mais que atividades estritamente pedagógicas. Isso inclui espaço para o lazer e o descanso.

Esse ponto é importante para o nosso debate e retoma discussões que permeiam toda a pesquisa. Uma dessas é a educação como ato libertador. Sendo o ato educativo ato formador, de conscientização para a intervenção na realidade social, como é tratado pela instituição o tempo de permanência dos estudantes nas unidades? Existe uma proposta que considere esse tempo de permanência numa perspectiva formativa mais humana, além da formação pedagógica?

Os estudantes questionam a ausência de espaços de descanso na unidade. Se estamos discutindo a formação do ser humano integral, como fica a questão do lazer nesse debate? Lavoura (2014) diz que a educação deve buscar desenvolver ao máximo as potencialidades formativas no sentido da formação plena dos indivíduos, segundo a concepção marxista de homem. E que esse processo deve abrir possibilidades para que os indivíduos busquem a satisfação destas necessidades de ordem superior também em outros tempos e espaços, como no tempo de lazer.

Da mesma forma, Lafargue (1999) critica o uso do lazer segundo o capital, que objetiva os tempos e espaços do indivíduo. Lafargue compreende o lazer como direito sagrado e possibilidade de humanização dos indivíduos na totalidade, não como privilégio

de alguns. Entretanto, no contexto aqui estudado, a instituição está de fato promovendo a educação integral em sua conceituação plena, na forma como aborda o tempo de permanência dos alunos? Ou está reproduzindo o discurso capitalista de produtividade? Nesse sentido, também a sala de aula se apresenta como ambiente formador, libertador, ou conformador, aprisionando ainda mais os estudantes aos conceitos do mercado de trabalho?

Freire (1967, p. 7) esclarece que os Círculos de Cultura têm “como ponto de partida assumir a liberdade e a crítica como modo de ser do homem”. Como consequência, os indivíduos tendem à conscientização e à revolta contra a ordem estabelecida. Mas ressalta que o Círculo não tem o propósito de ideologizar, incentivar ou propor reações. “Se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão” (Freire, 1967, p. 7).

Assim, o Círculo realizado se apresenta como espaço de diálogo e reflexão. E a biblioteca se apresenta como um espaço institucional para este fim, com características que permitem abordagens do uso dos tempos e espaços sob novas perspectivas. Sem se lançar ao campo das ideologias, pode proporcionar um ambiente adequado para que os indivíduos se desenvolvam e repensem seu lugar no mundo. Na concepção dos participantes, esse ambiente precisa assumir essa postura para ser um local acolhedor.

Abordando especificamente a formação humana, como eles sentem a presença desse olhar na biblioteca, os participantes foram objetivos em afirmar que não presenciam esse panorama.

Na biblioteca não encontramos, mas deveríamos. No meu conceito, numa biblioteca a gente deveria é, aprender, não só a biblioteca, mas na verdade o *campus* inteiro, a gente aprende a conviver com o diferente. Porque é uma... é uma sociedade. Então, mas aqui no *campus* a gente vem e não tem, além de não ter ninguém, não tem livros que tratam sobre isso, então a gente fica preso em pouca formação ou informação nenhuma (P5).

Biblioteca deveria ser um lugar de construção de personalidade e posicionamento. E aqui no *campus* IFMG-BambuÍ nós não temos isso. Infelizmente não temos (P4).

Um espaço que favoreça a diversidade de expressões, de percepções de mundo, de... (Pesquisador).

Interação (P1).

Foi isso que o Paulo... Foi o que o Paulo Freire falou. Eh, ninguém é dono da verdade absoluta. Então, não é porque uma professora falou que a personalidade ela não se constrói, que isso é um fato. Isso é somente a opinião dela. Eu acho que sim, a biblioteca é um local de... de construção de personalidade, construção de...

de... uma construção social, um local de interação. A biblioteca nem sempre... sempre é eu chegar aqui, sentar e afundar a cara num livro. Aqui poderia ser um ambiente de estudo onde eu possa interagir de forma, eh... sei lá, eu posso comunicar com os meus amigos de forma oral e não só estar enfiando a cara num livro e lendo (P1).

Na faculdade onde eu estudei antes de vir para cá, a biblioteca teve um projeto que eles eh, colocaram puffs mesmo espalhados pelo... pelo *campus* e em cima desses... desses puffs, livros. E aí informativos, algumas coisas para o pessoal, eh, criar e gerar mais interesse neles. Era ótimo, porque depois do almoço todo mundo... todo mundo queria cochilar, mas eu passava pelos corredores, eu diversas vezes eu via... [...] É, o estímulo existia, era muito interessante que às vezes a pessoa nunca tinha lido um livro, eu, por exemplo, era super difícil eu ler, mas eu no meu horário vago eu sentava lá, lia o livro para, nem que seja folhear, que eu tinha... é gerava o hábito de leitura (P9).

E isso é fácil de ser realizado. A gente poderia simplesmente ter uma campanha de doação de livros, onde a gente conseguiria colocar no *campus* livros que, eh... seria cultural e não só para estudo, até porque seria livros de gostos diferentes, de diversos tipos de pessoas, e a gente conseguiria integrar, eh, livros que realmente trariam interesse em uma pessoa em viver na biblioteca, em viver não, em conviver na biblioteca, sem ter que passar por todo um processo burocrático de aquisição de livro para biblioteca do *campus*. Que traria um ambiente mais agradável para viver (P1).

O que se pode concluir é que praticamente todos os temas abordados no referencial teórico adotado na pesquisa foram tratados, em menor ou maior profundidade pelos participantes. Esse grau de aprofundamento parece estar relacionado aos interesses dos participantes ou ao domínio dos temas.

A formação humana, tema central dos debates, mediada pela atuação da biblioteca como espaço multidisciplinar e multicultural, foi abordada entre uma e outra questão. Não foi observado um aprofundamento teórico a esse respeito. Mas foram dadas pistas nas falas, de que os participantes não percebem a presença desta formação em suas rotinas. Ao dizer que a biblioteca deveria ser o local onde essa construção acontece, subentende-se que em outros espaços, isso também não ocorre.

Logo, pode-se concluir que percebem a biblioteca como um local mais agradável que outros no *campus*. Os estudantes concebem a biblioteca como um espaço de estudo importante para fins acadêmicos. Não obstante, ainda não atende plenamente a nenhum dos aspectos abordados no Círculo. Diante da necessidade proferida de mais espaço para estudo, descanso, troca de conhecimentos ou convivência, a biblioteca se apresenta como o local que mais se aproxima de um ambiente apropriado a essas possibilidades.

Essas ponderações apresentadas pelos participantes confirmam os resultados obtidos em pesquisa por Dantas, Ferreira e Medeiros (2021), tendo sido também citadas pela entrevistada do presente estudo. A partir disso, pode-se concluir que as necessidades

apresentadas pelos estudantes, dentro dos limites deste estudo, podem ser atendidas com maior eficiência na biblioteca que em outros espaços.

Portanto, aspectos apresentados como a busca por autonomia, espaço para expressão individual, formação cidadã e a leitura como ato crítico, podem ser possibilitados pela biblioteca atuando como espaço de convivência. Isso sem se afastar de suas atividades tradicionais nos campos da formação de leitores, organização e disseminação da informação.

Para Alcântara e Bernardino (2012, p. [9]) “A biblioteca universitária tem um grande leque de opções, de possibilidades de organizar sua comunicação com os usuários, de introduzir um tema, de trabalhar com os (*sic*) eles de maneira presencial e virtualmente”. Ferreira (2018, p. 13) afirma que: “Quando a biblioteca escolar assume a sua função, ela se afirma como núcleo de ensino e aprendizado autônomo em uma perspectiva educativa e formativa, e permite a integração com o planejamento escolar”. E Campello (2003) conclui:

Dessa forma, explicitando a capacidade da biblioteca para contribuir no desenvolvimento de habilidades de localizar, selecionar, interpretar, utilizar e comunicar informação de maneira crítica e responsável, estaremos inseridos na questão letramento, um “letramento informacional”, que pode contribuir para a ampliação da capacidade de crianças e jovens terem acesso aos saberes linguísticos necessários ao exercício da cidadania (Campello, 2022, p. 22).

Essas foram as principais contribuições obtidas com a realização do Círculo de Cultura (FIGURA 12). Assim como na entrevista realizada, ficou evidente que a biblioteca precisa ser repensada, não só a partir da presença das TIC's, mas também em conceitos tradicionais ainda relevantes. A busca por pelo entendimento do modelo de biblioteca para a EPT passa pela reestruturação de serviços tradicionais ainda importantes e uma nova postura diante das TIC's.

As oportunidades de diálogo, escuta e reflexão proporcionadas pelo Círculo de Cultura foram extremamente relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Da mesma forma, fez com que práticas pessoais, profissionais e institucionais, concebidas como eficientes, fossem questionadas, abrindo possibilidades para novas proposições. Por menor que tenha sido a participação discursiva dos colaboradores no Círculo, a simples presença demonstrou o interesse em debater o espaço institucional e como este interfere em sua vida estudantil e a importância de espaços como o proporcionado pelo Círculo de Cultura.

Figura 12 – Círculo de Cultura (encerramento).



Fonte: Elaboração própria.

Uma questão que escapou aos debates, abordada nessa análise pela perspectiva de Carr (2011), é relativa à informação *online*, riscos e desdobramentos presentes nesse universo. Esse autor discutia a ideia de que as pessoas não precisavam memorizar informações quando podiam procurá-las imediatamente *online*. A obra de Carr foi o resultado de um artigo publicado em 2008 na revista *The Atlantic*, intitulado *O Google está nos deixando estúpidos?*.

Recentemente recebeu uma “atualização” por Aaron French, sob o título: *O ChatGPT está nos deixando estúpidos?*⁶. O autor afirma que o consumo passivo de conteúdo gerado por IA pode desestimular a curiosidade intelectual, reduzir a capacidade de atenção e criar uma dependência que limita o desenvolvimento cognitivo de longo prazo.

Diversos outros autores das áreas da sociologia digital, filosofia da tecnologia e estudos de comunicação discutem amplamente essas questões. Esses autores alertam para a “falsa liberdade” proporcionada pela internet. A facilidade de acesso à informação,

⁶ Artigo publicado pelo site *The Conversation*, em 24 de julho de 2025. Aaron French é Professor Assistente de Sistemas de Informação, na Kennesaw State University. Pesquisa tecnologias emergentes e desenvolve algoritmos para sistemas denominados Aprendizado de Máquina.

na realidade, se traduz em controle e aprisionamento através da coleta de dados e direcionamento do consumo de conteúdo, controle comportamental e o usuário como mercadoria, entre outros.

Zuboff (2019) é o responsável por nos apresentar o termo "Capitalismo de Vigilância" para descrever o sistema econômico emergente onde dados pessoais são extraídos como matéria-prima para criar produtos de antecipação comportamental. Ela argumenta que a promessa de serviços "gratuitos" da internet é, na verdade, um estratagema para coletar dados em larga escala e monetizá-los, vendendo previsões sobre o comportamento futuro dos usuários para anunciantes e outras empresas. Essa coleta de dados não é apenas sobre otimizar serviços, mas também para moldar o comportamento humano para fins lucrativos, diminuindo a autonomia do indivíduo. A liberdade percebida é, portanto, uma ilusão, pois estamos constantemente sendo monitorados e condicionados.

Morozov (2011) é um crítico enfático do que ele chama de "solucionismo da internet" – a crença ingênua de que a tecnologia pode resolver todos os problemas sociais e políticos. Ele argumenta que essa visão otimista esconde os perigos inerentes ao poder das grandes empresas de tecnologia e à forma como a internet pode ser usada para controle social e manipulação. Morozov destaca como a "liberdade" de expressão *online* pode ser facilmente absorvida por governos e corporações, e como a gamificação e a personalização de conteúdo, embora pareçam aumentar a autonomia do usuário, na verdade o aprisionam em bolhas de filtro e ambientes de informação restrito, limitando seu acesso a informações diversas e a capacidade de pensar criticamente.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2014) explora a dimensão psicológica do controle na era digital. Ele argumenta que a sociedade contemporânea, impulsionada pela lógica neoliberal e pela tecnologia, transformou os indivíduos em "empreendedores de si mesmos". Essa autoexploração, mediada pelas plataformas digitais, cria uma sensação de liberdade e auto aperfeiçoamento, mas na verdade leva ao esgotamento e à exaustão. Han postula que a internet promove uma forma de "psicopolítica", onde o controle não é imposto de fora, mas internalizado pelo próprio indivíduo, que se auto-otimiza e se auto-explora em busca de performance e visibilidade *online*. A liberdade se torna a "liberdade de se

explorar", e a internet atua como uma prisão digital, ou um panóptico⁷ onde cada um se monitora em busca de aprovação e engajamento.

Rushkoff (2013) foca em como a tecnologia, em vez de nos empoderar, nos transforma em meros consumidores e alvos de marketing. Ele argumenta que a internet, inicialmente vista como uma ferramenta para a libertação e o compartilhamento, foi absorvida pelo "present shock" (um estado de ansiedade com o qual todas as pessoas vivem enquanto tentam acompanhar a velocidade e a imediatez cada vez maiores do tempo) e pela lógica do extrativismo de dados. Ele critica a forma como as plataformas digitais nos empurram para um ciclo constante de consumo de conteúdo e interações superficiais, distanciando-nos de experiências significativas e da capacidade de refletir e agir de forma autônoma. Para Rushkoff, a verdadeira liberdade exige que nos tornemos "programadores" em vez de sermos apenas "programados" pelos algoritmos.

Esses autores, embora com abordagens e focos ligeiramente diferentes, convergem na crítica à ilusão de liberdade que a internet contemporânea oferece. Revelam as camadas de controle, manipulação e aprisionamento implícitos na aparente conveniência e conectividade. Nos convidam a refletir criticamente sobre nossa relação com a tecnologia e a buscar formas de recuperar a autonomia e a verdadeira liberdade no ambiente digital. O que se reflete nas posturas e formas de relacionamento no mundo real.

Ainda que essas abordagens não tenham sido expressas ou aprofundadas no Círculo, revelam a importância da biblioteca nas instituições de ensino, nesse novo cenário informacional como mediadora dos processos de uso da informação. Reforça ainda o papel do(a) bibliotecário(a) como gestor não apenas da informação disponível na biblioteca, mas também na relação do usuário com esse novo ambiente.

Entretanto, o modelo de profissional atual, conforme observado em FEBAB (2015) e Almeida Júnior (2017), parece não atender plenamente a esses desafios. O profissional precisará se capacitar no uso de novas tecnologias, na mesma velocidade em que a biblioteca precisa mudar para se manter relevante para a sociedade atual. Estes são debates que essa pesquisa não conseguiu desenvolver. Mas que são extremamente

• ⁷ Conquanto "panóptico" se refira a uma estrutura específica, como a prisão idealizada por Jeremy Bentham, a ideia é que a estrutura permita a vigilância total, sendo assim sinônimos de uma vigilância completa ou monitoramento total.

relevantes e complementares quando falamos do papel social da biblioteca, importância da leitura, formação cidadã e influência das tecnologias.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional (PE), no contexto do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), constitui-se como um desdobramento da pesquisa desenvolvida, traduzido em uma intervenção pedagógica fundamentada, situada e inovadora. Trata-se de um elemento obrigatório na composição do mestrado profissional, conforme as diretrizes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e que se configura como uma resposta concreta e aplicável a demandas oriundas do campo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

O Fórum Nacional do ProfEPT (2020) define o produto educacional como uma proposta de natureza interventiva, comprometida com a transformação das práticas educativas e com a consolidação de saberes que emergem de uma reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos da EPT. Nesse sentido, o PE deve ultrapassar a concepção instrumental de material didático, afirmando-se como expressão teórico-prática de uma práxis educativa, orientada pelos princípios da formação integral, da educação omnilateral, do trabalho como princípio educativo e da politecnia.

Mendonça, Rizzatti, Rôças e Farias (2022) asseveram que o desenvolvimento de um Produto Educacional de qualidade no âmbito dos programas de mestrado profissional deve atender a alguns aspectos bem definidos. Entre estes, estão o entendimento da educação formal e não formal como campo de atuação da prática profissional, visando à inserção social do produto, o alinhamento do material proposto à problemática investigada na pesquisa, bem como sua articulação com fundamentos epistemológicos consistentes. Tais fundamentos envolvem, sobretudo, os aportes da pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2008), da educação dialógica e problematizadora (Freire, 1996), e da concepção crítica da educação do campo do trabalho e da formação humana (Ciavatta; Ramos, 2012; Ciavatta, 2014).

Dessa forma, o PE precisa emergir de uma demanda concreta do espaço educativo pesquisado, sendo concebido com base em metodologias participativas e processos colaborativos. É fundamental que seja validado junto aos sujeitos envolvidos, como docentes, discentes e técnicos administrativos, o que implica reconhecer o contexto institucional como lugar de escuta, de experimentação e de produção de sentido.

Além disso, a produção deve atender a critérios técnicos e pedagógicos estabelecidos pelo ProfEPT e pela CAPES, os quais incluem:

- Fundamentação teórica robusta e coerente com a temática da dissertação;
- Pertinência e relevância social da proposta para a realidade da EPT;
- Clareza na definição do público-alvo e dos objetivos educacionais pretendidos;
- Potencial de replicabilidade do material em outros contextos da Rede Federal de EPT;
- Adoção de linguagens acessíveis, esteticamente cuidadosas e pedagogicamente inovadoras.

Nesse sentido, o formato do produto educacional pode variar conforme a natureza da pesquisa e o público-alvo, podendo assumir formas como: cadernos temáticos, sequências didáticas, jogos pedagógicos, roteiros metodológicos, materiais audiovisuais, plataformas digitais, oficinas de formação, protocolos de gestão educacional, entre outros. O que define sua validade acadêmica e educativa é sua consistência conceitual, intencionalidade formativa e aplicabilidade prática.

Assim, compreende-se que o Produto Educacional, no ProfEPT, não é um apêndice da dissertação, mas uma síntese materializada da articulação entre teoria e prática, que expressa o compromisso do mestrado profissional com a transformação social, com a inovação pedagógica e com a valorização das trajetórias formativas nos múltiplos espaços da Educação Profissional e Tecnológica.

4.1 Apresentação do Produto Educacional: Biblioteque-se: Caminhos de Convivência, Memória e Pertencimento para a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva

O produto educacional intitulado “Biblioteque-se: Caminhos de Convivência, Memória e Pertencimento para a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva” foi concebido como parte da pesquisa de mestrado no ProfEPT/IFMG, inserida na Linha 02 – Organização e Memória dos Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica. O produto está disponível *online*, no endereço: <https://online.fliphtml5.com/almanaquebiblioteque-se/yfaj/#p=1>.

O formato escolhido, um almanaque interativo, retoma a tradição cultural dos almanaques como veículos de circulação de saberes e o ressignifica como ferramenta pedagógica e comunitária. A proposta central é compreender a biblioteca como território vivo de aprendizagem, memória e convivência, fortalecendo sua dimensão social e cultural.

A construção do almanaque baseou-se em pesquisa bibliográfica e documental, resgatando a história da cidade de Bambuí, do IFMG – *campus* Bambuí e da professora Ebe Alves da Silva. Também foram incorporados elementos de escuta e participação comunitária, com vistas a valorizar narrativas coletivas e fortalecer o vínculo da comunidade acadêmica com a biblioteca. O referencial freireano sustentou a metodologia, manifestando-se na formulação de perguntas geradoras, na valorização do diálogo e na proposição de atividades que incentivam a leitura crítica da realidade. Dessa forma, a produção integra pesquisa acadêmica, extensão e práticas pedagógicas, reafirmando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, princípio da Rede Federal.

O almanaque foi estruturado em cinco seções principais, contemplando histórias e memórias da cidade e da instituição; indicações literárias, culturais e midiáticas; destaque a grupos e movimentos estudantis e comunitários; apresentação dos serviços e recursos da biblioteca; e, por fim, propostas de interação direta com os leitores, inspiradas nos círculos de cultura de Paulo Freire. Cada seção é acompanhada de perguntas geradoras e de atividades práticas, como mapas afetivos, rodas de saberes, cruzadinhas e caça-palavras, de modo a estimular o protagonismo e a participação da comunidade.

Do ponto de vista estético, o almanaque diferencia-se por sua proposta visual e interativa. Foi produzido em formato colorido, com ilustrações, jogos e *links* multimídia que conectam o leitor a músicas, filmes, plataformas digitais e artigos científicos. A capa, em tom laranja predominante, foi pensada como síntese visual do conceito do produto. A cor escolhida remete à energia, criatividade e movimento, sugerindo que a biblioteca é um espaço vivo, dinâmico e em constante transformação. Além disso, o laranja confere calor e acolhimento, alinhando-se ao caráter comunitário da proposta.

O título *Biblioteque-se*, apresentado como verbo-invenção, funciona como convite à ação: apropriar-se da biblioteca, ocupar seus espaços e fazer dela território de pertencimento e emancipação. Ao mesmo tempo, visa “re-criar”⁸ sentidos linguísticos tais como concebidos por Paulo Freire, para quem uma das marcas de sua “visão ingênua” da alfabetização é: “O caráter mágico emprestado à palavra escrita, vista ou concebida quase

⁸ “Neologismo semântico” empregado pelo autor segundo um conceito que remete aos signos linguísticos utilizados por Paulo Freire. Ao utilizar-se desse recurso, Freire nos diz muito sobre sua filosofia e sua abordagem pedagógica. Dessa forma, foge do conceito de reutilização, indicado normalmente pelo prefixo “re”, e nos apresenta uma nova interpretação do termo componente, criando um novo ato a partir do anterior. Como em “re-ler” (Freire, 1989, p. [11]) que não aponta para a leitura simples, mas para sua concepção crítica, buscando aprofundar a compreensão, questionar o que está escrito e contextualizar a informação. É um ato de conscientização.

como uma palavra salvadora [...] uma espécie de amuleto - que a 'parte melhor' do mundo lhe oferece benevolmente" (Freire, 1989, p. [15]).

Em síntese, o almanaque configura-se como produto educacional que alia rigor acadêmico e criatividade pedagógica, oferecendo à comunidade um material acessível, crítico e participativo. Mais do que um repositório de informações, ele se apresenta como instrumento de mediação cultural e pedagógica, que busca inspirar práticas de leitura, convivência e memória social. Como primeiro volume de uma coleção, sinaliza no sentido da continuidade da proposta com a produção regular de novos volumes temáticos, capazes de aprofundar diferentes dimensões da convivência, da memória e da educação profissional e tecnológica.

4.1.1 Objetivos

- Valorizar a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva como espaço pedagógico, cultural e de pertencimento;
- Integrar pesquisa acadêmica, memória comunitária e práticas pedagógicas;
- Oferecer um material acessível, lúdico e crítico, capaz de mobilizar estudantes, professores e comunidade local;
- Promover atividades interativas que ampliem a apropriação da biblioteca como espaço de formação integral.

4.1.2 Metodologia de criação

A construção do produto articulou diferentes etapas metodológicas:

- Pesquisa bibliográfica e documental, para resgatar a história de Bambuí, do IFMG Campus Bambuí e da professora Ebe Alves da Silva;
- Escuta e participação comunitária, por meio de relatos e registros coletivos que enriquecem a memória institucional;
- Referencial freireano, traduzido em perguntas geradoras, rodas de saberes e propostas interativas que incentivam a leitura crítica da realidade;
- Design pedagógico, que alia texto, imagem e atividades lúdicas (cruzadinhas, caça-palavras, mapas afetivos, rodas de conversa).

4.1.3 Estrutura e seções

O almanaque organiza-se em cinco seções principais:

I. Histórias e Memórias – narrativas sobre a cidade de Bambuí, o IFMG e a Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva;

II. Indicações Literárias e Culturais – sugestões de livros, filmes, documentários, *podcasts* e recursos digitais;

III. Grupos e Movimentos – destaque para coletivos estudantis, associações culturais e ações comunitárias;

IV. A Biblioteca como Espaço de Convivência – apresentação dos serviços, recursos e possibilidades pedagógicas da biblioteca;

V. Biblioteque-se: Um Convite à Interação – propostas freireanas de participação (círculos de cultura, mapas afetivos, rodas de saberes).

Cada seção é acompanhada de perguntas geradoras e atividades práticas, que aproximam teoria e prática, estimulando a participação ativa do leitor.

4.1.4 Elementos gráficos e interativos

O almanaque diferencia-se por seu caráter visual e participativo, incorporando:

- Cruzadinhas e caça-palavras com conceitos-chave (memória, leitura, comunidade, Paulo Freire, IFMG, Bambuí);
- Links multimídia para músicas, filmes e artigos científicos;
- Espaços de fala que convidam à escrita, ao desenho e ao registro de memórias;
- Ilustrações e cores vibrantes, que reforçam o caráter lúdico e convidativo do material.

A capa foi pensada como síntese visual do conceito do produto. O laranja predominante remete à energia, criatividade e movimento, reforçando a ideia de que a biblioteca é um espaço vivo e em constante transformação. Essa escolha cromática dialoga com o desejo de transmitir acolhimento e entusiasmo, além de destacar o almanaque como material de circulação comunitária.

O título *Biblioteque-se* aparece em evidência como verbo-invenção, que funciona como convite à ação: apropriar-se da biblioteca, ocupar seus espaços e torná-la lugar de encontro e pertencimento.

4.1.5 Impacto esperado

O produto educacional busca atuar em três dimensões:

- Acadêmica: contribuir com a pesquisa e a reflexão sobre os espaços pedagógicos na EPT;
- Comunitária: fortalecer vínculos entre a biblioteca e a população de Bambuí, reconhecendo saberes locais e memórias coletivas;
- Pedagógica: estimular práticas de ensino, leitura e convivência que extrapolem a ideia de biblioteca como mero depósito de livros.

Ao encerrar este Volume I, projeta-se a continuidade em novos volumes temáticos, ampliando o diálogo entre memória, convivência e educação profissional.

4.1.6 Fundamentação teórica do Produto Educacional

A construção deste almanaque foi rigorosamente fundamentada em autores e conceitos que guiaram toda a pesquisa, garantindo sua coerência e intencionalidade pedagógica.

- Freire (1989): Leitura do mundo e da palavra como ato político e emancipador. A teoria de Freire é a base da estrutura do almanaque. A seção "Histórias de Bambuí" busca a leitura do contexto local, e o almanaque como um todo é projetado para ser um instrumento de conscientização e emancipação, incentivando o leitor a interpretar e intervir em sua própria realidade.
- Ciavatta (2014): Formação integrada e o trabalho como princípio educativo. A concepção de Ciavatta sobre a formação integral guiou a inclusão de conteúdos que ultrapassam a formação técnica. O almanaque dialoga com os estudantes e a comunidade, oferecendo, por exemplo, indicações literárias e culturais para fomentar a formação humana de forma plural, complementando o currículo técnico-científico da EPT.
- Santa Anna (2016): Biblioteca como espaço de convivência e de mediação cultural. As ideias de Santa Anna foram cruciais para a proposta do almanaque. As seções "Baú Literário e Espaço de Convivência" e "Indicações Literárias e Culturais" não apenas informam sobre a biblioteca, mas a ressignificam como um local de acolhimento, interação

e troca de saberes, atendendo à demanda dos participantes do Círculo de Cultura por um espaço mais "humanizado".

- IFLA/UNESCO (2000, 2015, 2025): Biblioteca como espaço informativo, educativo, cultural e recreativo. Este princípio serviu como guia prático para a diversidade de seções. As partes de pesquisa (informativa), de grupos e movimentos (educativa), de biografia da patronesse e histórias locais (cultural) e as indicações literárias e o espaço de convivência (recreativa) asseguram que o produto cubra todas as dimensões essenciais para uma biblioteca no século XXI.

4.1.7 Aplicabilidade e validação

A aplicabilidade do almanaque se concretizará através de sua disponibilização no site da biblioteca e da distribuição estratégica em atividades do campus e da comunidade externa. Para garantir sua pertinência e eficácia, o produto foi submetido a um processo de validação rigoroso.

A validação com vistas a aferir a pertinência, a qualidade e o impacto do Produto Educacional Almanaque Biblioteque-se, foi feita através de um formulário *online*, elaborado no *Google Forms*. O questionário combinou questões fechadas, em escala de concordância e apreciação, com questões abertas, voltadas a captar impressões subjetivas e sugestões de aprimoramento. Para informar aos participantes sobre a apresentação do Produto Educacional e a aplicação do questionário, foram utilizados os recursos de envio por e-mail e por aplicativo de mensagens (*WhatsApp*).

As questões foram construídas a partir de conceitos extraídos de Mendonça, Rizzatti, Rôças e Farias (2022). Para os autores, o produto educacional deve conter 4 camadas: conceitual, didático-pedagógica, comunicacional e estética e funcional. Essas camadas dialogam entre si e com o produto, e são determinadas pelo público ao qual o produto se destina. O produto deve ainda estar relacionado à solução de um problema dentro de um espaço determinado, sendo resultante do processo de pesquisa.

Assim, procurou-se imprimir nas questões uma linguagem objetiva e simples que subsidiasse a análise do Produto quanto à sua qualidade, organicidade, relevância e linguagem. Esses aspectos tinham o objetivo de ser representativos dos conceitos relativos às camadas que compõem um produto, conforme delineado pelos autores acima.

O formulário esteve aberto para respostas entre os dias 02 e 04 de setembro de 2025. Foi respondido por 38 participantes, identificados por R1, R2 e assim por diante, todos pertencentes à comunidade acadêmica usuária da Biblioteca Professora Ebe Alves da Silva, do IFMG – Campus Bambuí. A coleta respeitou princípios éticos de anonimato, assegurando a privacidade dos respondentes e a espontaneidade de suas contribuições.

4.1.8 Resultados quantitativos

As respostas às questões fechadas, enumeradas abaixo, foram organizadas em gráficos (Figuras 13 a 18), que sintetizam o padrão de aceitação do material.

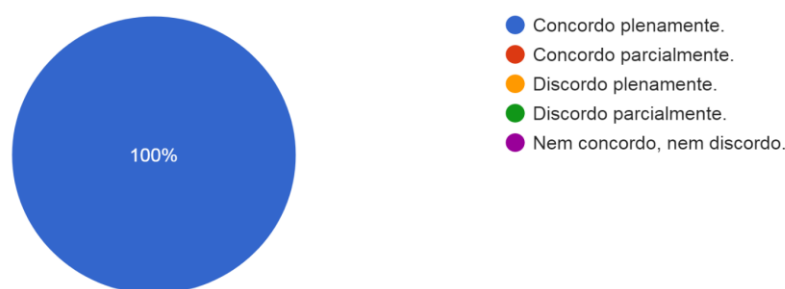
4.1.8.1 Clareza das informações

Para esse aspecto, todos os respondentes afirmaram estar plenamente de acordo, o que resulta em um valor de 100% de avaliações positivas. Esse dado indica que o Almanaque foi considerado claro, acessível e adequado para diferentes públicos.

Figura 13 – Clareza das informações.

O Almanaque apresenta de forma clara as informações nas suas diversas seções, com linguagem de fácil entendimento.

38 respostas



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

4.1.8.2 Valorização da memória local e pertencimento

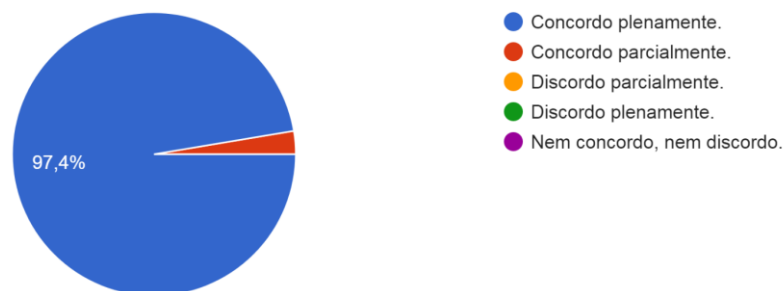
Os aspectos voltados para a valorização da memória local e a relação de pertencimento entre instituição e comunidade obteve um percentual de **97,4%** “*Concordo plenamente*” e **2,6%** “*Concordo parcialmente*”. Segundo essa perspectiva, confirma-se a

força do material como instrumento de memória e identidade, embora sinalize que ainda há espaço para ampliar a presença de vozes comunitárias.

Figura 14 – Valorização da memória local e pertencimento.

O Almanaque é um produto que atende ao propósito de divulgação da biblioteca como espaço coletivo.

38 respostas



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

4.1.8.3 Divulgação da biblioteca como espaço coletivo

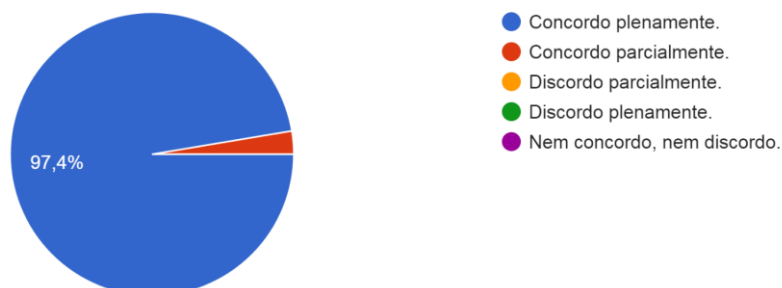
Apontando no mesmo sentido da questão anterior, a noção da biblioteca como espaço coletivo obteve os mesmos percentuais, **97,4%** “*Concordo plenamente*” e **2,6%** “*Concordo parcialmente*”. Isso demonstra o reconhecimento da função social da biblioteca, mas sugere a possibilidade de ampliar o alcance comunicativo. Essa semelhança nos resultados indica que, se o senso de pertencimento e a valorização da memória local não foram atendidos em sua totalidade, o reconhecimento da biblioteca como espaço coletivo passa pela valorização da comunidade e da sua compreensão de que a biblioteca pertence à coletividade, não sendo apenas um espaço acadêmico.

Assim, se o Almanaque não conseguiu atender à questão 2 em sua totalidade, esperava-se que para a questão 3 o resultado fosse semelhante. Isso indica que os participantes da avaliação compreendem que para o Almanaque alcançar o intento de divulgar a biblioteca como espaço coletivo, precisa se conectar mais à comunidade, com uma maior participação desta na sua concepção.

Figura 15 – Divulgação da biblioteca como espaço coletivo.

O Almanaque é um produto que atende ao propósito de divulgação da biblioteca como espaço coletivo.

38 respostas



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

4.1.8.4 Qualidade gráfica (imagens, organização e hiperlinks)

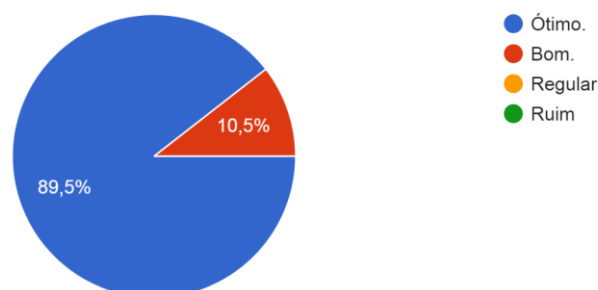
O aspecto mais complexo do Almanaque e que apresentou uma maior variação nas avaliações foi aquele ligado à forma gráfica de apresentação do produto. Para esse elemento os resultados apontaram para **89,5%** de avaliações indicando como “Ótimo” e **10,5%** como “Bom”.

Apesar da predominância de avaliações positivas, surgem indicações de ajustes pontuais na diagramação e acessibilidade. Imagens, cores, são recursos utilizados em bibliotecas físicas e nas obras impressas como mecanismo de atração da atenção dos usuários para divulgar ou informar sobre elementos que se quer destacar. Assim, a qualidade gráfica possui uma relevante participação na concepção do produto, como extensão do ambiente físico, tornando-se um aspecto importante para o leitor, que tem no Almanaque um referencial direto da biblioteca física.

Figura 16 – Qualidade gráfica.

Em relação à qualidade das imagens, elementos gráficos, hiperlinks, organização do conteúdo, você considera o Almanaque:

38 respostas



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

4.1.8.5 *Pertinência do formato de almanaque*

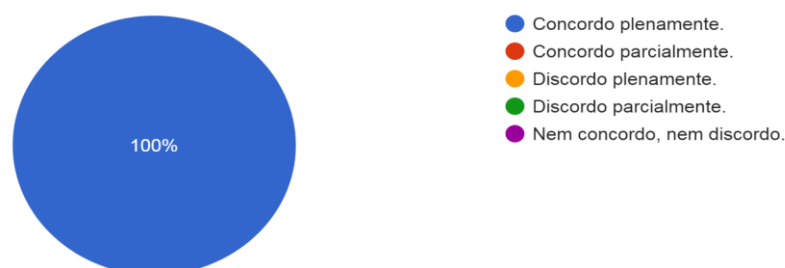
Quanto ao modelo de produto escolhido, o Almanaque obteve **100%** de aprovação. Assim, o formato consolidou-se como estratégia adequada de comunicação e mediação cultural.

Essa questão está diretamente relacionada à anterior no sentido de que a escolha pelo formato de almanaque deveu-se à possibilidade de que os leitores percebessem o Almanaque como um componente do ambiente físico, que amplia as vozes da biblioteca e de seus recursos. Algo como um modelo resumido portátil da biblioteca.

Figura 17 – Pertinência do formato de almanaque.

O formato de Almanaque atende como um bom meio de comunicação entre a biblioteca e o público.

38 respostas



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

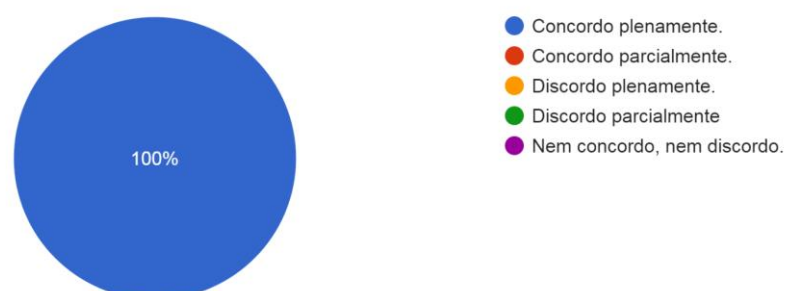
4.1.8.6 Utilidade das informações

Para **100%** dos avaliadores as informações apresentadas foram consideradas informações úteis. Esse percentual confirma que o conteúdo foi considerado relevante, aplicável e formativo pela totalidade dos participantes.

Figura 18 – Informações interessantes e úteis.

O Almanaque traz informações interessantes e úteis.

38 respostas



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

4.1.8.7 Palavras representativas

Foram incluídas duas questões abertas, com respostas opcionais, que tinham por objetivo captar termos que os participantes consideram representativos do produto, em

linguagem natural, como realizada no Círculo de Cultura, na captação de termos geradores. A primeira questão solicitava que fossem escolhidas três palavras que definissem o produto. Sobressaíram termos como memória, pertencimento, identidade, interatividade, criatividade, ludicidade, informativo, útil, relevante, dinâmico e inovador. Esse vocabulário revela que o produto foi simultaneamente percebido como instrumento de preservação cultural e recurso pedagógico criativo.

Alguns termos foram apresentados em menor quantidade, mas nem por isso menos importantes na concepção do produto, como história, formação e raízes. São termos que remetem à biblioteca como espaço coletivo, conectada ao seu entorno, e que contempla um dos objetivos do produto.

4.1.8.8 Resultados qualitativos: experiência de leitura

A segunda questão aberta solicitava que descrevessem suas experiências na leitura do Almanaque. Apesar de ser uma questão de resposta opcional, obteve diversas contribuições. As respostas ofereceram percepções densas e significativas, categorizadas em três eixos principais: (a) reconhecimento da proposta, (b) valorização das atividades lúdicas e (c) sugestões de aprimoramento. Foram relatadas experiências de leitura envolventes, elogios às atividades lúdicas como as palavras cruzadas e sugestões para diversificação das seções interativas, inclusão de registros de memórias pessoais e maior adaptação digital. Exemplo (R1): “A experiência de leitura do Almanaque Biblioteque-se foi bastante positiva e envolvente [...] reforçando seu papel como território vivo de cultura e educação”.

Uma observação registrada por outro respondente indica um entendimento bastante claro de um aspecto abordado ao longo deste trabalho, a função social da biblioteca. Será incluída na íntegra, pois consideramos bastante pontuais, assertivas as palavras da respondente (R2):

Sou bibliotecária e, quando estudante, muitas pessoas me perguntavam qual curso eu fazia. Ao responder “biblioteconomia”, a reação era quase sempre: Biblio... o quê?

Hoje, ao me deparar com o nome do almanaque Biblioteque-se, voltei imediatamente àquele tempo e revivi esse sentimento de curiosidade e também me fiz a mesma pergunta: Biblioteque-se? O que é isso?

A resposta logo veio e agora compreendo que **Biblioteque-se: é na verdade um convite à interação com a Biblioteca** Ebe Alves da Silva, do Campus Bambuí.

A proposta de resgatar a memória e a vida dessa biblioteca por meio do almanaque é excelente, pois **rompe com a visão tradicional da biblioteca como um espaço apenas obrigatório dentro das instituições**, restrito ao empréstimo e devolução

de livros. Ele propõe interatividade, dinamismo e aproximação entre a comunidade acadêmica e a biblioteca.

O Biblioteque-se **valoriza não só o espaço físico, mas também os serviços, a história e a função social da biblioteca, reafirmando sua importância como lugar de encontro, conhecimento, cultura e pertencimento** (grifo nosso).

Não tenho pontos negativos a destacar, apenas elogios. Parabéns pela criação! Que esse material seja amplamente divulgado e aproveitado tanto pela comunidade interna quanto pela comunidade externa do Campus Bambuí (R2).

Outro respondente (R3) observou o uso da expressão “Quem é a biblioteca para você?”, utilizada na página 26 do Almanaque. O objetivo do uso dessa forma vocabular foi levar o leitor à reflexão sobre o conceito de biblioteca como lugar vivo, que se constitui através do sentido dado pelo uso que a comunidade faz do espaço. A biblioteca existe à medida que sua presença tem sentido para o usuário. É um ser que se constitui e é constituído nessa relação. “Algo que me chamou muito a atenção foi a frase ‘Quem é a biblioteca para você?’ ao invés de ‘O que é’ Eu amei isso... diz tanta coisa essa frase, né? Pq tem muita diferença perguntar quem...” (R3).

4.1.8.9 Síntese: pontos fortes, fracos e possibilidades de melhoria

Pontos fortes: clareza textual, relevância e utilidade do conteúdo, formato aprovado, valorização da memória local, atividades lúdicas.

Pontos fracos: excesso de elementos gráficos em algumas páginas, pouca inserção de memórias pessoais, adaptação incompleta a dispositivos móveis.

Possibilidades de melhoria: diversificação de atividades, espaços colaborativos de memória, maior acessibilidade digital, ampliação de conteúdos acadêmicos vinculados ao IFMG.

4.1.9 Considerações finais em relação à avaliação do produto

Em consonância com os objetivos da formação integral propostos pelo Ensino Médio Integrado – EMI e os fundamentos da EPT, o Almanaque buscou ampliar a função social da biblioteca, promovendo o acesso à informação, à cultura, à leitura literária e ao convívio, com base em referências como Freire (1989), Ciavatta (2014) e Santa Anna (2016). A escolha do formato de almanaque se justificou por seu caráter leve, acessível, interativo e plural, permitindo a inclusão de diversos conteúdos, linguagens e recursos.

Para ser eficaz e atraente, procurou-se imprimir neste almanaque características comunicacionais bem definidas. O público interno, em sua maioria estudantes do EMI, é composto em sua maioria por jovens em fase de transição e com diferentes interesses. Assim, a proposta de um PE na forma de almanaque exige uma abordagem que vá além do tradicional, misturando o informativo com o lúdico. Para o público externo, além do aspecto lúdico, existe a preocupação com a linguagem, buscando ser o mais acessível para diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade.

Desta forma, procurou-se elaborar um material com design colorido, moderno e dinâmico, com uma diagramação que não fosse cansativa. Foram utilizadas ilustrações, diagramação não linear, conteúdos curtos que promovam a interatividade, organizado por seções. Esses conteúdos, por sua vez, têm o objetivo de apresentar temas variados, oferecendo informação e entretenimento para os diversos públicos.

Buscou-se ainda resgatar o senso de pertencimento na relação comunidade/instituição, através da valorização da história e cultura da sociedade local e, dessa forma, demonstrar que a biblioteca é um espaço coletivo, aberto à participação e promoção do desenvolvimento humano em sua integralidade. Para incentivar essa participação, o Almanaque apresenta guias de serviços, agenda de eventos aberta a projetos escolares e comunitários, para que a comunidade se sinta confortável para participar como convidada e/ou proponente de ações culturais e informacionais realizadas na biblioteca.

Nesse sentido, ao adotar essas características, o Almanaque pretende deixar de ser apenas uma publicação escolar e se tornar um registro vivo e participativo da identidade da cidade, fortalecendo o vínculo entre os estudantes, a escola e a comunidade em geral. Com a proposta de se tornar uma produção seriada, busca ainda estar sintonizado com as novidades acadêmicas e da sociedade, auxiliando na proposição, realização e divulgação de ações. Pode ainda significar uma forma de registro, colaborando para a preservação da memória institucional.

O Almanaque da BCPEAS representa a síntese materializada da pesquisa-ação, unindo teoria e prática. Ao ser concebido a partir dos diálogos e das lacunas identificadas nos Círculos de Cultura e na entrevista, ele se torna, mais que um guia, uma ferramenta pedagógica que busca resolver problemas concretos.

O Almanaque é um instrumento que articula memória, conhecimento, cultura e identidade local, contribuindo para a consolidação da biblioteca como um espaço vivo,

dinâmico e formativo. Ele atende ao anseio por um espaço de acolhimento e interação, como expressado pelos participantes da pesquisa. Ao incentivar a leitura para além dos fins técnicos e valorizar a história e os grupos locais, o produto se alinha diretamente à proposta de uma educação omnilateral, democrática e emancipatória.

Dessa forma, o Almanaque se configura como um legado para o IFMG - *campus* Bambuí e para a comunidade. E, nesse contexto, demonstra o compromisso do mestrado profissional com a transformação social e a inovação na Educação Profissional e Tecnológica.

Além dos aspectos apontados como importantes pelos respondentes, e que não foram incluídos no produto, observou-se durante a elaboração do produto uma diversidade de temas, também considerados importantes, que também não foram plenamente abordados nesse volume do Almanaque. Como exemplo pode-se citar as agendas de eventos do campus e da comunidade, propostas de discussões em torno da Educação Profissional e Tecnológica e formulários online para proposição de atividades.

Entretanto, tendo em vista a proposta de uma periodicidade determinada para a produção do Almanaque, tem-se em vista a criação de um corpo editorial para contribuir na elaboração das edições futuras para contribuir com a diversidade do produto em temas e abordagens. Esse coletivo deve contar com a participação de representantes das comunidades interna e externa do *campus*, alinhando-se à possibilidade de sua transformação em um projeto de extensão do *campus* Bambuí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, através da análise dos estudos identificados sobre os temas em discussão e da participação dos envolvidos nesta pesquisa, compreender a historicidade e consequente identidade da biblioteca na EPT. E como desdobramentos possíveis, propor mecanismos de ação que possibilitem ressignificar o formato e possibilidades de uso da biblioteca e sua participação na vida das comunidades, auxiliando na formação do cidadão crítico e participativo.

Além disso, buscou-se também compreender a articulação entre a biblioteca como espaço de convivência e outros projetos desenvolvidos na unidade, principalmente os projetos de extensão. O objetivo foi vislumbrar formas de integrar a biblioteca com a unidade, recuperar a relevância da biblioteca para a instituição e destacar a importância de sua atuação em conjunto a outras ações institucionais, como instrumento de integração, recuperação do significado e captação de usuários.

Conforme as observações resultantes desse estudo, as relações atuais desenvolvidas entre a biblioteca e as comunidades, têm se mostrado insuficientes para suprir os anseios dos usuários. Como resultado, concluiu-se que a biblioteca não atua plenamente como espaço de convívio favorecendo o desenvolvimento sociocognitivo dos estudantes. Também não tem atendido às necessidades da comunidade externa tendo em vista que desconhece as características, interesses e necessidades desta, assim como a comunidade desconhece a biblioteca e também seu direito ao uso dos recursos disponíveis.

A biblioteca atua de forma bastante isolada dentro da instituição, não participando de ações acadêmicas, além do seu espaço físico. Tem sustentado o papel tradicional de biblioteca escolar ao reforçar a presença de serviços tradicionais como o principal foco de suas ações. Existem outros fatores, mas esses são os principais responsáveis pelo isolamento da biblioteca, afastamento do público e as indefinições identitárias percebidas não apenas na BCPEAS, mas também em grande parte das bibliotecas de instituições brasileiras que promovem a EPT.

O respeito à memória passa pelo reconhecimento das histórias e pessoas que ajudaram a construir a instituição e pela valorização da participação da comunidade nessa construção. Não reconhecer esses aspectos é não reconhecer ou não assumir o papel da biblioteca como lugar de memória como apontado por Silveira e Reis (2011). Afeta

negativamente, ainda, o senso de pertencimento da comunidade em relação à instituição, como apontado por Brito, Pereira e Silva (2021). Assim, corre-se o risco de que discursos que o EMI procura superar, se reproduzam e permaneçam. Em vista disso, é necessário que se repense a relação da história de nossas instituições para com aqueles que contribuíram na sua construção.

Nesse sentido, a biblioteca apresenta-se como o espaço mais apropriado para absorver essa herança cultural e informativa, incentivando ações que reafirmem os vínculos entre a unidade e a comunidade. Além de proporcionar a guarda material dessas histórias, pode produzir e incentivar a produção de atividades que aproximem a comunidade e a instituição, como forma de resgate do sentido de pertencimento na relação comunidade/instituição e de atração de novos usuários para a biblioteca.

Como guardião da memória intelectual de uma espécie, não cuidar de sua própria memória é, no mínimo, um contrassenso e algo que deve ser repensado na busca por uma biblioteca realmente comprometida com sua história. É também uma importante contribuição para a definição de sua identidade. E no caso específico da biblioteca vinculada a uma instituição que oferta a EPT, o comprometimento com a formação humana, omnilateral, para a formação do ser consciente de seu papel social, deve ser um importante foco de atenção. A biblioteca precisa proporcionar às comunidades o sentimento de pertencimento no uso do espaço e que a biblioteca está aberta à sua participação, atenta às suas necessidades e buscando oferecer um espaço cada vez mais coletivo e humanizado.

Em tempos de debates sobre as funções tradicionais da biblioteca e novas formas de atuação, mudanças nos perfis dos usuários, escassez de recursos, novas tecnologias retirando da biblioteca funções tradicionalmente importantes, entre outros, repensar seu papel é imprescindível. Uma das possibilidades é se conscientizar de sua função social diante dessas novas configurações. Esse parece ser um caminho possível e necessário, de acordo com as observações resultantes desta pesquisa, abalizada pelos teóricos estudados. A biblioteca, dedicando-se mais a compreender seus usuários reais e potenciais e seus interesses, buscando uma atuação mais integrada à instituição e ao público, pode ser uma alternativa para manter-se relevante para a instituição e para as comunidades, utilizando-se da tecnologia como aliada para a consecução de suas funções.

Na relação com o público, acredita-se que é possível e necessário que a biblioteca amplie seu espaço de participação afetiva, de forma dinâmica, no processo educativo e de

formação crítica dos usuários. Através dessa participação, favorecer o acesso à diversidade cultural e informacional, contribuindo de fato com a formação integral do cidadão. Essa participação só será possível através do entendimento dos atores envolvidos, bibliotecários(as), instituição, comunidade interna e externa, de que é necessário que se atente para essa nova perspectiva de atuação da biblioteca.

Essa ampliação do espaço se dá através da interação da biblioteca com os demais setores da escola, dentre eles: os laboratórios de ciências e informática, o auditório, a sala de música, o parque de recreação e a sala de aula, na tentativa de suprir a demanda da multiplicidade de relações sociais e da interdisciplinaridade dos saberes. Assim, mais que promover debates, clubes de leitura, saraus, apresentação de filmes e ações coletivas, que incluam tecnologias de informação e comunicação, é necessário expandir as possibilidades e transpor a passividade diante do processo educacional, propondo o aprendizado não somente através de diversas fontes e canais, como também através dos pares e contribuindo para o desenvolvimento do potencial criativo (Ferreira, 2018, p. 12)

Em relação à instituição, ao longo das discussões surgiram pontuações acerca dos currículos, do uso do tempo livre dos estudantes, da longa permanência dentro da unidade, falta de espaços com foco além do pedagógico, processos burocráticos, a falta de recursos para a biblioteca, entre outros. A biblioteca e seus representantes podem atuar como mediadores desses debates, promovendo um ambiente de diálogos para o público, como os Círculos de Cultura, que demonstraram nessa pesquisa uma força significativa como espaço dialógico, funcional e democrático. E, nessa direção, a biblioteca pode incentivar ainda o diálogo da administração da instituição com a comunidade usuária na busca por entendimentos e soluções coletivas.

Na relação com a comunidade externa, os empecilhos apontados por Nascimento (2021) prescindem de uma análise criteriosa para que a biblioteca consiga desempenhar melhor as suas funções para esse público. Isso passa pela adequação de serviços, normas, procedimentos, entre outros, com o objetivo de atender plenamente aos usuários internos e externos o mais igualitariamente possível. Um primeiro movimento pode ser o entendimento da necessidade de dar atenção à extensão como foco do apoio e participação da biblioteca. Como espaço de convivência, abrem-se possibilidades para que a comunidade possa participar das atividades da biblioteca, propor e realizar ações, além da biblioteca compondo ações de extensão, indo ao encontro da comunidade.

Os recursos físicos, humanos e materiais da biblioteca são ferramentas para a aprendizagem e formação humanas. É necessário que esses recursos sejam aplicados no sentido de proporcionar um ambiente integrador, favorável à expressão das ideias. Um

ambiente em que se questionem posturas, assumindo novas possibilidades, observando-se os movimentos da sociedade. Em que a presença da tecnologia e as ações culturais se incorporem às atividades tradicionais da biblioteca, como equipamento de acesso à informação e formação humana. E, desta forma, a biblioteca amplia as possibilidades de uso de seus recursos por todos os cidadãos, indistintamente, para se tornar efetivamente um equipamento público.

Quanto ao Produto Educacional, o Almanaque *Biblioteque-se* foi amplamente reconhecido pela comunidade acadêmica usuária da biblioteca como um produto inovador, participativo e relevante. A análise quantitativa, representada nos gráficos, confirma a aceitação praticamente unânime do material, enquanto as falas qualitativas dão densidade à compreensão de sua potência como recurso de mediação cultural. As sugestões de aprimoramento apontam caminhos concretos para a evolução e consolidação do produto em futuras edições.

Tendo em vista uma possível periodicidade para uma sequência de produção do Almanaque, planeja-se a criação de um corpo editorial para contribuir na elaboração das edições futuras. Esse coletivo deve contar com a participação de representantes das comunidades interna e externa do *campus*, objetivando sua transformação em um projeto de extensão do *campus* Bambuí.

Na busca por modelos de biblioteca que ofereçam espaços de convivência, foram identificados estudos abordando a biblioteca dentro de um conceito denominado LEARNING COMMONS. Um "Learning Commons" (que pode ser traduzido como espaço comum de aprendizagem) é um ambiente centralizado em instituições de ensino, como bibliotecas ou centros de apoio acadêmico, projetado para promover a aprendizagem ativa, colaboração e uso de tecnologias. Ele integra recursos e serviços diversos para apoiar o sucesso dos alunos, incluindo tutoria, acesso a materiais de pesquisa e espaços para estudo individual e em grupo.

Esse conceito remete à integração da biblioteca com a tecnologia, aspecto bastante enfatizado nesse estudo tanto pelos teóricos quanto pelos participantes como ambiente colaborativo para a aprendizagem. Como se trata de um conceito bastante específico, não traz discussões sobre a formação humana e crítica. Esses aspectos podem ser incorporados pela biblioteca da EPT, incorporando o conceito de espaço de convivência discutido nesta pesquisa.

Em sentido correlato, a presença da Inteligência Artificial no universo digital é outro aspecto extremamente relevante ao nosso debate. O crescimento vertiginoso dessa tecnologia tem trazido consequências para a atuação da biblioteca, a formação de leitores, o uso da informação, a redefinição do papel do bibliotecário e da biblioteca, entre tantos outros aspectos, que ainda não se tem clareza sobre resultados possíveis. Pode tanto potencializar o acesso à informação quanto o uso político, ideológico e econômico do ambiente digital, conforme os aspectos abordados pelos teóricos da sociologia digital, filosofia da tecnologia e comunicação.

POSSIBILIDADES DE NOVOS ESTUDOS

Os aspectos acima apontados referem-se a alguns debates que a singularidade desse estudo não conseguiu absorver. Assim como discussões sobre como se dará essa integração entre a biblioteca e a tecnologia, quais conhecimentos o(a) bibliotecário(a) precisará desenvolver nessa nova concepção de biblioteca. Pode-se citar ainda a falta de entendimento sobre como cada biblioteca ocupa o espaço a elas destinado no ambiente virtual de suas unidades.

Enfim, entende-se como diálogos que precisam ser desdobrados em novos estudos com vistas a melhor compreender qual será a identidade adotada pela biblioteca que estará presente na EPT em um breve futuro, dada a velocidade com que as mudanças têm se apresentado. E, possivelmente, obter maior clareza para a compreensão de como essa biblioteca poderá atuar, destacando seu papel social, assumindo uma postura proativa e colaborando efetivamente com a formação omnilateral a comunidade atendida.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Francisca Lunara Cunha. BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. O papel da biblioteca universitária como mediadora no processo de ensino-aprendizagem nas bibliotecas universitárias na cidade de Juazeiro do Norte – Ceará. **XV Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação EREBD N/RN**, Juazeiro do Norte, Jan, 2012.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Leitura, mediação e apropriação da informação**. INFOhome, 2017. Disponível em: https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12. Acesso em: 14 jun. 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Lisboa Edições, 1977.
- BASTOS, Gustavo Grandini; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Biblioteca escolar: espaço de silêncio e interdição. **Liinc em Revista**, v.7, n.2, setembro, 2011, Rio de Janeiro, p. 621 – 637. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3238/2878>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- BATISTA, Eraldo Carlos; MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, 2017.
- BATISTA, Valéria. **Roda de leitura**: habilidades de leitura e produção de texto. 2020. Disponível em: <https://www.apliqueducacao.com.br/post/roda-de-leitura-habilidades-de-leitura-e-produ%C3%A7%C3%A3o-texto>. Acesso em: 22 maio 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2004.
- BECKER, Caroline das Rosas Ferreira. CHAGAS, Magda. As bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – Ifs: de escolas a também universitárias: a necessidade de reestruturação. In: SNBU Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, XVII, Gramado, 2012. **Anais...** São Paulo: FEBAB, 2012. p. 2103-2111.
- BECKER, Caroline das Rosas Ferreira. FAQUETTI, Marouva Fallgatter. **Panorama das bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**: um olhar sobre a gestão. Blumenau, IFC, 2015.
- BERNARDINO, Maria Cleide; SUAIDEN, Emir José. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento na sociedade da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.4, p.29-41, out./dez. 2011.
- BIBLIOTECA** como espaços de convivência: novas ambiências para as bibliotecas do futuro. FEBAB (Editor). CBBD, Edição 26, ano 2015, São Paulo. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1434>. Acesso em: 02 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/a-area-de-linguagens-e-suas-tecnologias>. Acesso em: 22 maio 2023.

BONELLI, Maria Aparecida. Círculo de cultura no suporte ao processo identitário de adolescentes: uma pesquisa-ação. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**, 44, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20220246.pt>. Acesso em: 13 jun. 2025.

BRITO, Isadora Maria de; PEREIRA, Pablo Henrique; SILVA, Aline Cristina Flávio. Educação transformadora: possibilidades para a ressignificação do espaço escolar. **SCIAS. Direitos Humanos e Educação**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 61–74, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/6015>. Acesso em: 15 out. 2023.

CAMPELLO, Bernadete. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, v. 5, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. CD-ROM.

CAREGNATO, Rita Catalino Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. As competências, os perfis e os aspectos sociais do bibliotecário na educação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 247–261, 2016. DOI: 10.20396/rdbci.v14i2.8643650. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303715583_As_competencias_os_perfis_e_os_aspectos_sociais_do_bibliotecario_na_educacao. Acesso em: 12 jun. 2023.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes; CAMPOS, Larissa Bernardes. **Fontes de informação em biblioteca escolar**. São Paulo: Todas as Musas, 2014.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & sociedade: estudos**, v. 24, n. 1, 2014.

CECHINEL, André. Semiformação literária: a instrumentalização da literatura na nova BNCC. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 8, n. 4, 2019.

CHARTIER, Roger. **Um mundo sem livros e sem livrarias?** São Paulo: Letraviva, 2020.

CIAVATTA, Maria. Ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral: por que lutamos? **Revista Trabalho & Educação**, v. 23, n. 1, p. 187 – 205, 2014. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>. Acesso em: 14 jun. 2023.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino médio integrado**. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

COELHO, Marcela Lopes Mendonça; GOMES, Antônio Carlos. **Biblioteca também é lugar de não silêncio**: oficinas para incentivo à leitura. Vitória. Instituto Federal do Espírito Santo, 2021. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/600381>. Acesso em: 02 dez. 2024.

COLUCCI, Danielle Gregole; SOUTO, Marcus Magno Meira. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 07, n. 1, p. 114-127, jan-jun 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13312/10544>. Acesso em 11 abr. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. **Brasileiros estão indo menos a bibliotecas após a pandemia, diz pesquisa**. Portal CRB-6, 2022. Disponível em: <https://crb6.org.br/boletim-crb6/brasileiros-estao-indo-menos-a-bibliotecas-apos-a-pandemia-diz-pesquisa/>. Acesso em 25 nov. 2024.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi; SIMA, Aline Michelle. Biblioteca universitária, escolar e comunitária: o caso da biblioteca comunitária “Professora Ebe Alves da Silva” do IFMG, **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**; v. 14, n. 1, p. 28-48, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/42960>. Acesso em: 30 out. 2023.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DANTAS, Yanka Ferreira de Oliveira; FERREIRA, Angela Lúcia; MEDEIROS, Renato de. Espaços de convivência e sua influência na vida universitária: um estudo do centro de tecnologia da UFRN. In: VI ENANPARQ, 2021, Brasília. **Anais...** Brasília: FAU-UnB, 2021. v. 1. p. 1168-1186.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Ângela Maria Bessa. **Círculos de cultura**: problematização da realidade e protagonismo popular. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4700786&forceview=1.pdf>. Acesso em: 24 set. 2023.

FABRIS, Eli Terezinha Henn. **A escola contemporânea**: um espaço de convivência? In: Currículo e docência nas políticas de ampliação da jornada escolar. Roberto Dias da Silva (org.). Porto Alegre: Evengraf, 2014. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/gt13-3044—int.pdf>. Acesso em: dez. 04 dez. 2024.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

DUARTE, Yaciara Mendes. A base nacional comum curricular e as possibilidades para a biblioteca escolar. **Revista Eletrônica da ABDF**, v. 5, n. 1, 2021.

FERRARI, Micaely Scalfoni; HELLMAN, Fernanda Tayssa Alves. Projeto Espaço de Convivência: uma abordagem global. **Revista PINDORAMA**, [s. l.], v. 10, n. 10, p. 89-98, 2019. Disponível em: <https://asetore.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/660>. Acesso em: 30 out. 2023.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. A biblioteca contemporânea a partir da concepção dos bibliotecários e professores de Biblioteconomia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 61-78, jul/set. 2016.

FERREIRA, Luciana Mendes. A função da biblioteca na escola. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, [S. l.], v. 2, p. 1–14, 2018. DOI: 10.21680/2447-

0198.2018v2n0ID13302. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/13302>. Acesso em: 5 nov. 2024.

FERREIRA, Sílvia. A análise de conteúdo: um método para a análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 11, n. 26, p. 202-224, 2023.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Estudos de usos e usuários da informação**. São Paulo: IBICT, 1994.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Disponível em:

http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/flick%20-%20introducao%20a%20pesq%20quali.pdf. Acesso em: 08 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREUA, Salma. **Quase 800 bibliotecas públicas foram fechadas no Brasil em cinco anos**. CNN, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tudo-sobre/biblioteca/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educar o trabalhador cidadão produtivo ou o ser humano emancipado?. **Trabalho, Educação e Saúde**. v. 1. n. 1. p. 45-60, 2003.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/JSYmSMnc7TKKrxWjm3xHLGd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 maio 2023.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

GIBBS, Graham. (Coord.). **Análise de dados qualitativos**. Tradução Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schimidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 maio 2023.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Âyiné, 2018. 144 p.

IFLA/UNESCO. **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. 2. ed. Den Haag: IFLA, 2015. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ifla.org/wp->

content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf. Acesso em: 28 out. 2025.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da biblioteca escolar**. Den Haag: IFLA, 2000. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf. Acesso em 28 out. 2025.

IFLA/UNESCO. **Manifesto da biblioteca escolar da IFLA/UNESCO 2025**. Den Haag: IFLA, 2025. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repository.ifla.org/rest/api/core/bitstreams/f4228eaa-48aa-4d95-be1e-467cdc2948f4/content. Acesso em: 28 out. 2025.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS. Regulamento da Biblioteca Comunitária Professora Ebe Alves da Silva. Bambuí, 2010. Disponível em: https://www.bambui.ifmg.edu.br/portal/ultimas-noticias/subpaginas/regulamento-da-biblioteca. Acesso em: 20 ago. 2025.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Rio de Janeiro: eBooksBrasil, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/8822. Acesso em: 10 jun. 2023.

LAVOURA, Tiago Nicola. O lazer e a formação da individualidade livre e universal: um debate a partir da contribuição de Paul Lafargue. **Licere**, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez. 2014.

LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais: (r)evolução?. **Ciência da Informação**, n. 26, v.2, p. 125-135, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ci/a/HpmcsdKjCS76BQBnyDx7k5K/?lang=pt#. Acesso em: 12 jun. 2023.

LÓPEZ, Denisse Brust; LOPES, Carlos Eduardo. O conceito de "*lugar de fala*": das possibilidades de delimitação aos riscos de esvaziamento conceitual. **Rev. psicol. polít.** v. 22 n. 55, São Paulo, dez. 2022. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2022000300011. Acesso em 17 jun. 2025.

MACHADO, Frederico Borges; SUAIDEN, Emir José. O papel da biblioteca pública e seus desafios frente aos avanços tecnológicos. **Latin American Journal of Development**, Curitiba, v.6, n.1, p. 244-257, 2024. Disponível em: https://ojs.latinamericanpublicacoes.com.br/ojs/index.php/jdev/article/view/1571. Acesso em 04 jul. 2025.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alínea, 2007.

MEDEIROS, Ana Lígia. As bibliotecas na antiguidade. **Memória e Informação**, v. 3 n. 2, p. 69-85, 2019. Disponível em: https://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/90. Acesso em: 23 set. 2023.

MENDONÇA, Andréa Pereira; RIZZATTI, Ivanise Maria; RÔÇAS, Giselle; FARIAS, Marcella Sarah Filgueiras de. O que contém e o que está contido em um Processo/Produto Educacional?: Reflexões sobre um conjunto de ações demandadas

para Programas de Pós-Graduação na Área de Ensino. **Educitec-Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 8, p. e211422, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOROZOV, Evgeny. **A ilusão da rede**: o lado sombrio da liberdade na internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 431 p.

MUELLER, Suzana, P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

MUKHERJEE, A. K. **Filosofia da Biblioteconomia**. Teresina: Associação dos Bibliotecários do Estado do Piauí, 1985.

NASCIMENTO, Vinícius Souza. **Histórias que inspiram bibliotecas**. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – *Campus Ouro Branco*, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. Ouro Branco, 2021. 183 p.

O QUE é a Deep Web e a Dark Web?. Kaspersky, 2024. Disponível em: <https://www.kaspersky.com.br/resource-center/threats/deep-web>. Acesso em: 18 jul. 2024.

PACHECO, Eliezer. **Os institutos federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Natal: IFRN, 2010. E-book.

PASCHOARELLI, Luis Carlos; MEDOLA, Fausto Orsi; BONFIM, Gabriel Henrique Cruz. Características Qualitativas, Quantitativas e Qualiquantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 65-78, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologia-sociedade/article/view/15699>. Acesso em: 21 ago. 2025.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. (Coleção Formação Pedagógica; v. 5)

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** -- Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. Disponível em: <https://www.sindjorce.org.br/wp-content/uploads/2019/10/RIBEIRO-D.-O-que-e-lugar-de-fala.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

RODRIGUES, Samara. **O que é literatura periférica e quais são suas características**. Educa+Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.educamaibrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-literatura-periferica-e-quais-sao-suas-caracteristicas>. Acesso em: 20 out. 2025.

RUSHKOFF, Douglas. **Choque do presente**: quando tudo acontece agora. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 320 p.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTA ANNA, Jorge. A redefinição da biblioteca no século XXI: de ambientes informacionais a espaços de convivência. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 232–246, 2016. DOI: 10.20396/rdbci.v14i2.8641701. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8641701>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SANTA ANNA, Jorge. A biblioteca universitária e sua intervenção no contexto social: fomentando práticas multifuncionais. **RICI: R.Ibero-amer. Ci. Inf.**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 449-469, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/63933>. Acesso em: 08 ago. 2023.

SANTOS, Glória Acosta; PORTO JUNIOR, Manoel José. Biblioteca e o ensino médio integrado. **Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)**, n. 2, 2022.

SANTOS, José Henrique Adriano. **Origem e evolução das bibliotecas ao longo do tempo**. 2014. 68 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/8619>. Acesso em 20 mar. 2024.

SANTOS, Maria Aparecida Brito; GRACIOSO, Luciana de Souza; AMARAL, Roniberto Morato. As bibliotecas dos institutos federais de educação, ciência e tecnologia: uma análise de literatura científica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/668>. Acesso em: 16 out. 2023.

SANTOS, Raquel do Rosário; BERTOLIN, Sueli; SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de. Ressignificação das atividades de mediação da leitura na biblioteca escolar em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e documentação**, São Paulo, v. 18, p. 01-24, 2022. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/205782>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, ano 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação)

SCHLEMMER, Eliane et al. ECoDI: a criação de um Espaço de Convivência Digital Virtual. In: Brazilian Symsium on Computers in Education. **Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE**. 2006. p. 467-476.

SILVA, Ednaldo Antonio da. A mídia e sua cultura da virtualidade a serviço da fragmentação dos vínculos educacionais. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 55, out./dez. 2018. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1982-03052018000400259&script=sci_arttext. Acesso em: 18 jul. 2024.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A Biblioteca Escolar em tempo de mudanças no Brasil? a contribuição da Biblioteconomia a partir de uma identidade de projeto. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 47-66, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/2006>. Acesso em: 18 nov. 2024.

SILVA, Judson Daniel Oliveira da; CUNHA, Jacqueline de Araújo. O papel educativo da biblioteca escolar no contexto do Plano Nacional de Educação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 21, n. 46, p. 45-58, mai./ago., 2016.

SILVA, Lindiomar. **Dra Ebe Alves da Silva**. Biografias bambuienses. Bambuí, 08 maio 2022. Bambuí, 05 jan. 2024. Facebook: joao.rodrigues.3133719. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1601152783576232/search/?q=ebe%20alves>. Acesso em: 06 jul. 2024.

SILVA, Marcello Ferreira da; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. Análise de Conteúdo como ferramenta metodológica em pesquisas em educação em ciências. In: V Semana Acadêmica de Educação em Ciências, 2016, Canoas. **Anais...** Canoas: ULBRA, 2016. p. 1-13.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Biblioteca pública como lugar de práticas culturais: uma discussão sócio-histórica. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 37-54, jan./abr. 2011.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5925603/mod_resource/content/1/SOARES_Magda_Letramento_Um_tema_de_tres.pdf. Acesso em: 10 jun. 2023.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínio da lingu@gem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, jul./set. 2016.

SOUSA, Maria Eliziana Pereira de; TARGINO, Maria das Graças. Cinco leis da biblioteconomia / cinco leis de Ranganathan: resistindo bravamente ao tempo. **Ciência da Informação em Revista**, v. 3, n. 1, p. 11-29, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/35917>. Acesso em: 23 set. 2023.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, p. 52-60, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/JJCz6RKQhDZNGG6yVdL9pQP/#>. Acesso em: 18 nov. 2024.

TARAPANOFF, Kira. Biblioteca integrada e sociedade: referencial teórico. **Ciência da informação**, v. 13, n. 1, 1984.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v. 2, n. 1, 1990.

VAZ, Francisco António Lourenço. A função social da biblioteca na era da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, V. 16, p. 1 - 16, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1301/1200>. Acesso em: 14 jun. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Censura e seleção de materiais em bibliotecas: o despreparo dos bibliotecários brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, 16 (1): 21-6, jan. /jun. 1987. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/266/266>. Acesso em: 28 nov. 2024.

VIEIRA, David Vernon; BAPTISTA, Sofia Galvão; CUEVAS-CERVERÓ, Aurora. As competências profissionais do bibliotecário 2.0 no espaço da biblioteca universitária: discussão da prática. **Informação & amp; Sociedade**, [S. l.], v. 23, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/15644>. Acesso em: 22 jun. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. 736 p.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
- www.ifmg.edu.br -

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Pesquisa: *Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral.*

Equipe de pesquisadores:

- João Batista Rodrigues (mestrando)
- Heleniara Amorim Moura (orientadora)

Características: Esta entrevista possui caráter semiestruturado e será realizada de forma individual e conterá um total de 10 perguntas.

Participantes: A entrevista será aplicada a um(a) representante da Seção de Extensão, da Diretoria de Extensão, Cultura e Esporte - *campus Bambuí*.

Convite para participar: O(a) participante será informado(a) a respeito da pesquisa via e-mail e será convidado(a) a participar da entrevista. Os endereços de e-mail do(a) participante selecionado(a) será solicitado junto à Diretoria de Ensino do *campus*.

Local da entrevista: A entrevista será realizada em sala confortável, discreta, garantindo a privacidade para o(a) entrevistado(a), no *campus Bambuí*; será servido café, suco e água para o(a) entrevistado(a).

Formato: A entrevista será realizada em um único momento, de forma individualizada, de maneira presencial, com gravação digital de voz e transcrita na íntegra (após aprovação dessa pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/IFMG). A entrevista ocorrerá somente após a assinatura no TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ e no documento TCLE. O tempo estimado para a realização da entrevista é de até 01 (uma hora) e será agendada previamente via e-mail, pela equipe pesquisadora, de acordo com a disponibilidade dos(as) participantes, e será realizada em sala discreta, sigilosa e confortável no IFMG, *campus Bambuí*.

Execução: Inicialmente, a equipe pesquisadora irá se apresentar ao(à) participante da pesquisa. Neste momento, será realizada uma breve exposição da pesquisa, seus objetivos e relevância. Após a apresentação da pesquisa, será apresentado o formato da entrevista (tempo de duração, quantitativo de perguntas, a questão da gravação de voz e transcrição – conforme previsto no TCLE e TALE) e espaço para o esclarecimento de possíveis dúvidas ao(à) participante. O(A) participante será informado(a) de que receberá os resultados da pesquisa compartilhados por e-mail.

Temas abordados: A entrevista abordará temas relativos ao uso e funções da biblioteca, espaço de convivência e o papel do bibliotecário.

APÊNDICE B – QUESTÕES DA ENTREVISTA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
- www.ifmg.edu.br -

QUESTÕES DA ENTREVISTA:

ORIGEM

1- Como foi criado o projeto / grupo coletivo?

OBJETIVOS

2- Quais os objetivos desse projeto / grupo coletivo?

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

3- Quais são e como são organizadas as atividades do projeto / grupo coletivo?

RECURSOS UTILIZADOS

4- Quais os recursos utilizados nas atividades do projeto / grupo coletivo (literatura, áudio e vídeo, artes cênicas, etc.)? Como se dá esse uso? Existe participação da biblioteca ou de alguma unidade do *campus* em alguma destas atividades, seja fornecendo material, espaço físico ou algum outro tipo de apoio?

USO DA BIBLIOTECA

5- Você utiliza a biblioteca do *campus* como recurso para o projeto / grupo coletivo, ou incentiva o uso de outras formas (para pesquisa, espaço para atividades, aulas, eventos)?

ESPAÇO FÍSICO DA BIBLIOTECA

6- A biblioteca oferece o conforto necessário para a realização destas diversas atividades? Se não, o que falta? Como você avalia esse espaço físico?

FUNÇÕES DA BIBLIOTECA E DO BIBLIOTECÁRIO

7- Sobre a biblioteca e o bibliotecário, de forma geral, você sabe quais funções desempenham ou podem desempenhar no *campus*? Pode citar algumas que você acredita que possam ser desenvolvidas, além das que você já identifica?

ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA

8- Espaço de convivência, de uma forma geral, é um ambiente que estimula a convivência entre as pessoas, estreitando os laços entre os frequentadores de determinado território, facilitando os encontros, a interação, a troca de ideias e o desenvolvimento de ações conjuntas. Esse lugar pode ser utilizado com fins de descanso, alimentação, lazer, confraternizações sociais, cursos, jogos ou outros interesses da população local. São, portanto, espaços de formação cidadã.

Você consegue identificar algum espaço com estas características no *campus* Bambuí?

BIBLIOTECA COMO ESPAÇO. DE CONVIVÊNCIA.

9- Quais características ou pontos que você apontaria como importantes para que a biblioteca atue como um possível espaço de convivência? Características que já possui ou que precisa desenvolver.

BIBLIOTECA E O PROJETO - G. COLETIVO

10- Acredita que a biblioteca do *campus* pode contribuir com o projeto / grupo coletivo a partir dos objetivos do projeto / grupo coletivo e da biblioteca como espaço de convivência? Como acha que essa contribuição poderia se dar?

ACRÉSCIMOS

11- Gostaria de acrescentar alguma observação ou informação?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(entrevista)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
- www.ifmg.edu.br -

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Entrevista)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: *“Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral”*.

Essa pesquisa se justifica por ser uma oportunidade para um aprofundamento teórico no desenvolvimento de uma proposta factível de intervenção em nosso ambiente de trabalho e responder à seguinte questão: na perspectiva dos estudantes e outros participantes da pesquisa, como a biblioteca do *campus* pode atuar como espaço de convivência sem se afastar de seus princípios e fundamentos, auxiliando no desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos, colaborando assim para a formação integral dos estudantes?

O objetivo geral desta pesquisa será compreender o papel da Biblioteca do *campus* Bambuí como espaço de convivência e suas possibilidades de contribuir para a formação integral dos estudantes, não apenas a partir da constituição deste espaço físico, mas também em sua atuação como ambiente estimulador do pensamento crítico, tendo sempre a promoção da leitura literária como objeto central das atividades desenvolvidas, de forma integrada a outras ações que são desenvolvidas no *campus*.

Sua participação na pesquisa consistirá em: participar de uma entrevista que abordará questões que nos ajudem a compreender como a criação e uso de um espaço de convivência na biblioteca pode contribuir no processo de formação e desenvolvimento crítico dos estudantes. A realização da entrevista tem a previsão de duração de até 90 minutos e será agendada previamente via e-mail, no IFMG - *campus* Bambuí, em sala reservada.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO, ASSISTÊNCIA, BENEFÍCIOS E RISCOS: Estima-se que a pesquisa traga benefícios aos participantes pois os mesmos terão acesso aos resultados obtidos e poderão refletir sobre as possibilidades de uso da biblioteca como espaço de convivência e a importância de sua participação como atores nas ações desenvolvidas no *campus*. O momento da entrevista também pode configurar como benefício aos participantes, pois trata-se de uma oportunidade de reflexão sobre a sua prática no uso dos espaços educativos do *campus*. Ressaltamos o compromisso dos pesquisadores na divulgação dos resultados da pesquisa de forma acessível aos participantes da pesquisa.

Esta pesquisa poderá apresentar possíveis riscos implicados na sua participação, tais como: presença do sentimento de medo de não saber responder as perguntas da entrevista; receio de ser identificado na escrita e divulgação da pesquisa; vergonha ao responder às perguntas; sensação de aborrecimento e/ou impaciência durante a condução da entrevista; constrangimento, emoção ou cansaço físico e mental ao lidar com determinadas perguntas; desconforto ao responder as questões apresentadas; medo com as eventuais repercussões que o estudo acarretar. Além disso, o tempo de entrevista pode ser maior que o estimado, o que pode gerar cansaço/desgaste físico e emocional; a gravação da entrevista, bem como sua transcrição, estão sujeitas a vazamento de dados, por acesso de pessoa não autorizada aos computadores ou demais dispositivos utilizados.

Há riscos de armazenamento de arquivos virtuais em drive virtual, como o risco de um terceiro acessar os dados pela invasão da conta de e-mail atrelada à nuvem usada para armazenamento durante o tempo que os arquivos ficarem em drive virtual.

Há possibilidade de não manutenção do anonimato em relação ao conteúdo das entrevistas, pelo fato de ser uma única entrevista de um único setor do *campus* objeto deste estudo.

Pensando nisso, elaboramos algumas medidas para redução de todos esses riscos, tais como: garantia de espaço reservado para a entrevista, em sala fechada, com luz adequada, com oferecimento de água e café, propiciando assim privacidade e conforto para que se sinta mais confortável e à vontade para prestar as informações que embasarão o estudo; possibilidade de pausa ou interrupção da entrevista, sempre que solicitada; liberdade de recusa, caso você não queira responder alguma(s) pergunta(s) que gere qualquer tipo de desconforto; realização de escuta atenta de suas respostas; poderá solicitar a interrupção da gravação da entrevista há qualquer momento. Se necessário, os participantes serão encaminhados a um profissional de saúde mental durante ou após a realização da pesquisa, para o atendimento, sem custos.

Todos os encontros terão acompanhamento da Profa. Dra. Heleniara Amorim Moura e do pesquisador João Batista Rodrigues, membros desta pesquisa, no intuito de colaborar com uma observação atenta para perceber desconforto de algum participante e propor pausas, ou intervenção para manter os participantes seguros e confortáveis durante a sua participação. Haverá gravação de voz e imagem que serão utilizadas para a produção de um Almanaque ao término da pesquisa, mediante sua autorização no documento Termo de Autorização para Uso de Imagens e Voz – TAUIV.

Os participantes terão direito a acompanhamento e a assistência, durante e mesmo após o término da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, caso o dano médico/psicológico seja comprovadamente decorrente da participação na pesquisa, sempre que requerido.

ARMAZENAMENTO DE DADOS: Toda a entrevista será gravada e transcrita, e serão armazenadas tanto a transcrição quanto a gravação de voz em arquivos digitais, em um HD externo com arquivos protegidos com senha por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções do CNS nº 466/12 e nº 510/16. Com o fim deste prazo, todo o material será descartado e durante o prazo de armazenamento somente terão acesso a este o pesquisador e sua orientadora.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para se recusar a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa ou desistência em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma via deste consentimento será arquivada com os pesquisadores e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional. Se houver algum dano, decorrente da pesquisa, você terá direito a buscar indenização, por meio das vias judiciais.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em

qualquer momento poderei receber ou solicitar novas informações. O pesquisador João Batista Rodrigues certifica-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa, não acarretando nenhum tipo de despesas aos participantes. Em caso de dúvidas, exclusivamente relativas à pesquisa, poderei chamar o pesquisador citado acima nos contatos: joao.rodrigues@ifmg.edu.br; telefone 032 99141 4932; Endereço: Rua Ebe Alves da Silva, 730, Bairro Candola, Bambuí, MG. Ou o CEP/IFMG no e-mail cepe@ifmg.edu.br e telefone (31) 2513 5249.

Autorizo a gravação e a utilização de imagem e voz para fins acadêmicos:

SIM () NÃO ()

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do participante: _____.

Assinatura do pesquisador: _____.

Bambuí, _____ de _____ de 20____.

Em caso de dúvida, incômodo, reclamação quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do IFMG. Esse comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

APÊNDICE D - ROTEIRO DOS CÍRCULOS DE CULTURA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
 Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
 - www.ifmg.edu.br -

ROTEIRO DOS CÍRCULOS DE CULTURA

Pesquisa: *Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral.*

Equipe de pesquisadores:

- João Batista Rodrigues (mestrando)
- Heleniara Amorim Moura (orientadora)

CARACTERÍSTICAS: Os Círculos de Cultura são um método idealizado por Paulo Freire em que são escolhidas palavras ou temas geradores, em oposição a um conteúdo programático. Investiga-se o universo vocabular dos participantes. Parte da investigação do universo vocabular onde se realiza o levantamento da relação das palavras de uso corrente, consideradas representativas dos modos de vida dos grupos ou do território onde se trabalha. Isto permite o contato com a linguagem do povo e suas experiências de vida no local. A partir desse levantamento podem-se introduzir os debates. A aproximação a partir dos Círculos de Cultura propostos por Paulo Freire, possibilitou um olhar sobre o conhecimento como fonte de solução de problemas da própria vida. Esse espaço circular é tão simbólico quanto físico, quebrando hierarquias, amplificando as relações de estudantes dentro através de diálogos.

PARTICIPANTES: Os participantes dos Círculos de Cultura serão estudantes do Ensino Médio Integrado - EMI, estudantes do Ensino Superior, comunidade interna do IFMG (servidores administrativos e professores) e comunidade externa (participantes dos projetos de extensão do *campus*).

CONVITE PARA PARTICIPAR: Os docentes e servidores administrativos serão informados a respeito da pesquisa via e-mail institucional e serão convidados a participar dos Círculos de Cultura. Os estudantes serão convidados também via e-mail institucional. Os endereços dos e-mails dos docentes, servidores administrativos e dos estudantes serão solicitados junto à Diretoria de Ensino do *campus* Bambuí. O convite à comunidade externa será via Diretoria de Extensão, Esporte e Cultura do *campus* Bambuí, uma vez que tem o objetivo de alcançar pessoas específicas, participantes dos projetos de extensão.

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Todas as atividades planejadas para os Círculos de Cultura serão realizadas na biblioteca do *campus* Bambuí, para comodidade, segurança e privacidade.

FORMATO: Após o envio do convite para participação na pesquisa, caso o número de interessados em participar seja superior ao número de participantes previsto para formação dos grupos, será realizado sorteio simples para a seleção dos participantes. Serão formados dois grupos de 20 participantes, um composto por estudantes do Ensino Médio Integrado outro composto por estudantes do Ensino Superior, servidores e comunidade externa. Será realizado 01 (um) encontro com cada grupo.

EXECUÇÃO: Os círculos de Cultura estão previstos para se realizarem em um encontro único, dividido em 4 (quatro) etapas com, no máximo 02 (duas) horas de duração total e um intervalo de 30 (trinta minutos).

O primeiro momento, será dividido em 02 (duas) etapas. Na primeira etapa, haverá o acolhimento dos participantes. Serão recebidos com música ambiente instrumental do jazz brasileiro e acomodados no local em que será realizado o Círculo. Será realizada a apresentação da equipe de pesquisa, seguindo-se a explicação sobre o que é a pesquisa e sua importância. A seguir será explicado o que são os Círculos de Cultura, quais os temas serão abordados no Círculo, como se dará a dinâmica de realização, o tempo de duração e serão ainda informados que a participação é voluntária, podendo os participantes desistirem de prosseguir participando em qualquer momento, sem a necessidade de explicar-se ou se expor. Haverá uma explanação sobre o conceito de “Espaço de convivência”. A seguir será realizada a apresentação individual dos participantes. Então será aplicada uma dinâmica na qual os participantes serão incentivados a refletir e expressar, por palavras, qual o significado da biblioteca para eles, que uso eles fazem da biblioteca, que palavras lhes vêm à mente quando falamos em biblioteca. O objetivo é registrar palavras do universo vocabular dos participantes para o desenvolvimento do Círculo. Essas palavras serão novamente apresentadas com finalidade de proporcionar reflexões e diálogos entre os participantes, em outro momento do Círculo. Tempo de duração prevista 30 (trinta minutos).

A segunda etapa será de interação entre os participantes e a pesquisa propriamente dita. Serão apresentados e lidos trechos das obras “A importância do ato de ler” e “Pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire. Os temas a serem abordados têm como objetivo proporcionar aos participantes a oportunidade de refletir e dialogar um pouco mais sobre o papel da biblioteca na vida acadêmica e na sociedade, o seu próprio papel como sujeitos na pesquisa e nos processos institucionais que afetam a vida de cada um. O tempo de duração estimado será de 30 (trinta) minutos.

Será realizado um intervalo para descanso e socialização dos participantes, como preparação para o segundo momento do Círculo. Serão servidos lanche e água para os participantes. Tempo de duração de 30 (trinta) minutos.

O segundo momento do Círculo terá como objetivo possibilitar reflexões e diálogos sobre a atuação da biblioteca ao longo dos tempos, visando permitir o entendimento de como a biblioteca surgiu e desenvolveu-se, e possibilitar projeções sobre o futuro da biblioteca nas instituições de ensino. Serão utilizadas a exposição de imagens digitais de bibliotecas pelo mundo, em diferentes épocas históricas, para possibilitar a observação de mudanças, comparativamente, até os dias atuais, com indicação de fonte onde a imagem foi obtida e autoria; prevê-se a exibição de um vídeo denominado “Índice dos Livros Proibidos da Igreja Católica!”, canal “Que Tal saber Disso?” disponível na internet, com duração de 5 minutos e 34 segundos. O vídeo apresenta a forma como o conhecimento tem sido tratado historicamente, tendo sido objeto de repressão, como no caso das censuras, até o livre acesso representado pela Internet. Isso é importante para se refletir sobre como o acesso ao conhecimento mudou, continua mudando e como isso pode trazer impactos para a biblioteca e para a formação humana. A seguir será realizada a abertura para que os participantes façam seus comentários sobre as leituras, as imagens e o trecho do filme. Nesse momento de diálogo entre os participantes e os organizadores do Círculo serão retomados e reapresentados os vocábulos, visando destacar os principais termos enunciados e em que medida foram citados. Em sequência, serão abertos os debates para que os participantes expressem suas ideias sobre a razão dessas palavras terem sido destacadas. Inserindo-se no debate o conceito de espaço de convivência, serão incentivados a dialogar sobre como as mudanças na forma de atuar da biblioteca e as mudanças no acesso ao conhecimento podem trazer novas possibilidades para o uso da biblioteca, como o conceito de espaço de convivência pode ser aplicado a esta e que impactos poderá trazer para seus processos formativos educacionais e humanos. Duração prevista de 60 (sessenta minutos).

O Círculo será encerrado com o agradecimento aos participantes, informando-os novamente que todos terão acesso aos resultados da pesquisa.

Haverá gravação de voz e registro fotográfico (aprovados em documentação para autorização do uso da imagem) para a produção de um Almanaque sobre os círculos. O Almanaque será de divulgação pública, disponibilizado em plataformas como o Youtube/Spotify/Vimeo. Todas as gravações (registros fotográficos e de voz) serão armazenadas, em arquivos digitais, em um HD externo com arquivos protegidos com senha por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções do CNS no 466/12 e no 510/16 e, com o fim deste prazo, todo o material será descartado. Durante o prazo de armazenamento somente terão acesso às mesmas o pesquisador e sua orientadora.

DESPESAS: Não haverá despesas para os participantes.

APÊNDICE E – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (menor de idade)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
 Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
 - www.ifmg.edu.br

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) (Menor de Idade)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa *“Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral”*, que tem como objetivo compreender o papel da Biblioteca do *campus* Bambuí como espaço de convivência e como a biblioteca pode contribuir para a formação integral dos estudantes, a partir da constituição e utilização do espaço físico da biblioteca e em sua atuação como ambiente que estimule o pensamento crítico. Esse espaço tem o objetivo de proporcionar aos estudantes um ambiente adequado para a liberdade de pensamento e expressão, um local em que os estudantes possam realizar debates sobre temas escolhidos e promovidos pelos próprios estudantes, atividades culturais e artísticas, de acordo com seus interesses, tendo sempre a promoção da leitura literária como objeto central das atividades desenvolvidas. Sou a pessoa responsável pelo trabalho de pesquisa, meu nome é João Batista Rodrigues, trabalho no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, na cidade de Bambuí.

Esta pesquisa é uma oportunidade para um aprofundamento teórico no desenvolvimento de uma proposta de intervenção em nosso ambiente de trabalho e responder à seguinte questão: na perspectiva dos estudantes e outros participantes da pesquisa, como a biblioteca do *campus* pode atuar como espaço de convivência, mantendo seus princípios de incentivo à leitura oferecendo acesso à informação, auxiliando no desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos, colaborando assim para a formação integral dos estudantes?

Vou explicar todas as informações da pesquisa e o que você precisará fazer. Você pode fazer perguntas que lhe ajudem a entender a pesquisa e pode desistir de participar a qualquer momento. Você não é obrigado(a) a participar e a responder as perguntas, ou fazer as atividades propostas. Se você ficar incomodado(a) com alguma etapa da pesquisa, você pode falar para um adulto que tenha sua confiança.

Sua participação na pesquisa consistirá em: participar de 01 (um) encontro com a seguinte programação: participação em um Círculo de Cultura em que serão abordadas questões sobre a evolução da biblioteca ao longo dos tempos, através do uso de um vídeo denominado “Índice dos Livros Proibidos da Igreja Católica!”, canal “Que Tal saber Disso?” disponível na internet, com duração de 5 minutos e 34 segundos. e imagens de bibliotecas em períodos diversos da história,

com a finalidade de refletir sobre as mudanças que ocorreram e as perspectivas para o futuro das bibliotecas; leituras de trecho dos livros “Pedagogia do oprimido” e “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire, para refletir sobre a autonomia dos participantes na pesquisa e nas decisões que afetam as suas vidas na instituição; conceitos de espaço de convivência, que ajudem a compreender o que são e qual a importância de espaços de convivência no *campus* e como a biblioteca pode atuar incorporando os conceitos de espaço de convivência para colaborar de forma mais eficiente para a formação dos estudantes. A duração das atividades será de, no máximo, 02 (duas) horas com um intervalo de 30 (trinta minutos).

Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você ou o seu responsável poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem prejuízos. É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos como presença do sentimento de medo de não saber responder às perguntas durante o Círculo de Cultura; receio de ser identificado na escrita e divulgação da pesquisa; vergonha ao responder às perguntas; sensação de aborrecimento e/ou impaciência durante a condução da atividade; constrangimento, emoção ou cansaço físico e mental ao lidar com determinadas perguntas; desconforto ao responder as questões apresentadas na atividade; medo com as eventuais repercussões que o estudo acarretar.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO, ASSISTÊNCIA, BENEFÍCIOS e RISCOS: Estima-se que a pesquisa traga benefícios aos participantes pois os mesmos terão acesso aos resultados obtidos e poderão refletir sobre as possibilidades de uso da biblioteca como espaço de convivência e a importância de sua participação como atores nas ações desenvolvidas no *campus*. O momento da entrevista também pode configurar como benefícios aos participantes, pois trata-se de uma oportunidade de reflexão sobre a sua prática nos usos dos espaços educativos do *campus*. Ressaltamos o compromisso dos pesquisadores na divulgação dos resultados da pesquisa de forma acessível aos participantes da pesquisa.

Ao participar do Círculo de Cultura, você poderá se sentir desconfortável com algumas questões, se isso acontecer, você poderá parar o preenchimento ou a resposta, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade. Esta pesquisa poderá apresentar possíveis riscos implicados na sua participação, tais como: presença do sentimento de medo de não saber responder as perguntas do Círculo de Cultura; receio de ser identificado na escrita e divulgação da pesquisa; vergonha ao responder às perguntas; sensação de aborrecimento e/ou impaciência durante a condução do Círculo de Cultura; constrangimento, emoção ou cansaço físico e mental ao lidar com determinadas perguntas; desconforto ao responder as questões apresentadas no Círculo de Cultura; medo com as eventuais repercussões que o estudo acarretar.

Pensando nisso, elaboramos algumas medidas para redução de todos esses riscos, tais como: garantia espaço reservado para os momentos do Círculo de Cultura, em sala fechada, com luz adequada, com oferecimento de água e café, propiciando assim privacidade e conforto para que se sinta mais confortável e à vontade para prestar as informações que embasarão o estudo; possibilidade de pausa ou interrupção do Círculo de Cultura, sempre que solicitado; liberdade de

recusa, caso você não queira responder alguma(s) pergunta(s) que gerem qualquer tipo de desconforto; realização de escuta atenta de suas respostas; em qualquer momento, a gravação do Círculo de Cultura poderá ser solicitada. Se necessário, os participantes serão encaminhados a um profissional de saúde mental durante ou após a realização da pesquisa, para o atendimento, sem custos.

Todos os encontros terão acompanhamento da Profa. Dra. Heleniara Amorim Moura e do pesquisador João Batista Rodrigues, membros desta pesquisa, no intuito de colaborar com uma observação atenta para perceber desconforto de algum participante e propor pausas, ou intervenção para manter os participantes seguros e confortáveis durante a sua participação. Haverá gravação de voz e imagem que serão utilizadas para a produção de um Almanaque ao término da pesquisa, mediante sua autorização no documento Termo de Autorização para Uso de Imagens e Voz – TAUIV.

Os participantes terão direito a acompanhamento e a assistência durante e mesmo após o término da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, caso o dano médico/psicológico seja comprovadamente decorrente da participação da pesquisa, sempre que requerido.

ARMAZENAMENTO DE DADOS: Todo o Círculo de Cultura será gravado e transcrito, e serão armazenadas tanto a transcrição quanto a gravação de voz, em arquivos digitais, em um HD externo com arquivos protegidos com senha por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções do CNS nº 466/12 e nº 510/16. Com o fim deste prazo, todo o material será descartado e durante o prazo de armazenamento somente terão acesso a estes o pesquisador e sua orientadora.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO: Os critérios de inclusão enquadram os participantes que aceitaram participar da pesquisa, sendo que tal participação leva em conta ditames éticos na pesquisa (consolidação da participação a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE). Já o critério de exclusão dos participantes desta pesquisa abrangem os servidores que estiveram afastados das suas atividades devido à licença, atestado ou férias no período da realização da coleta de dados, bem como aqueles alunos ou participantes da comunidade que não aceitarem participar desta pesquisa. Como critério de exclusão, serão desconsiderados os participantes que não responderem o convite em até 07 (sete) dias.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão descartados de maneira ecologicamente correta.

Se você tiver alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode pedir para seus responsáveis entrarem em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais no telefone (31) 2513-5249, ou pelo e-mail: cepe@ifmg.edu.br.

DESPESAS: Não haverá despesas para os participantes.

Você ficará com uma via deste termo, assinada por mim e por você.

Autorizo a gravação e a utilização de imagem e voz para fins acadêmicos:

SIM () NÃO ()

Eu, _____, declaro que entendi e concordo em participar.

Assinatura do participante: _____

Eu, João Batista Rodrigues, declaro que forneci, de forma apropriada, todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Assinatura do Pesquisador: _____

BambuÍ, ____ de _____ de 20 ____.

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (participante)**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
- www.ifmg.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**Participante**

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: *“Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral”*.

Essa pesquisa se justifica por ser uma oportunidade para um aprofundamento teórico no desenvolvimento de uma proposta factível de intervenção em nosso ambiente de trabalho e responder à seguinte questão: na perspectiva dos estudantes e outros participantes da pesquisa, como a biblioteca do *campus* pode atuar como espaço de convivência sem se afastar de seus princípios e fundamentos, auxiliando no desenvolvimento da capacidade crítica dos educandos, colaborando assim para a formação integral dos estudantes?

O objetivo geral desta pesquisa será compreender o papel da Biblioteca do *campus* Bambuí como espaço de convivência e suas possibilidades de contribuir para a formação integral dos estudantes, não apenas a partir da constituição deste espaço físico, mas também em sua atuação como ambiente estimulador do pensamento crítico, tendo sempre a promoção da leitura literária como objeto central das atividades desenvolvidas, de forma integrada a outras ações que são desenvolvidas no *campus*.

Sua participação na pesquisa consistirá em: participar de 01 (um) encontro com a seguinte programação: participação em um Círculo de Cultura em que serão abordadas questões sobre a evolução da biblioteca ao longo dos tempos, através do uso de um vídeo denominado “Índice dos Livros Proibidos da Igreja Católica!”, canal “Que Tal saber Disso?” disponível na internet, com duração de 5 minutos e 34 segundos e imagens de bibliotecas em períodos diversos da história, com a finalidade de refletir sobre as mudanças que ocorreram e as perspectivas para o futuro das bibliotecas; leituras de trecho dos livros “Pedagogia do oprimido” e “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire, para refletir sobre a autonomia dos participantes na pesquisa e nas decisões que afetam as suas vidas na instituição; conceitos de espaço de convivência, que ajudem a compreender o que são e qual a importância de espaços de convivência no *campus* e como a biblioteca pode atuar incorporando os conceitos de espaço de convivência para colaborar de forma mais eficiente para a formação dos estudantes. A duração das atividades será de, no máximo, 02 (duas) horas com um intervalo de 30 (trinta minutos).

FORMA DE ACOMPANHAMENTO, ASSISTÊNCIA, BENEFÍCIOS E RISCOS: Estima-se que a pesquisa traga benefícios aos participantes pois os mesmos terão acesso aos resultados obtidos e poderão refletir sobre as possibilidades de uso da biblioteca como espaço de convivência e a importância de sua participação como atores nas ações desenvolvidas no *campus*. O momento da entrevista também pode configurar como benefício aos participantes, pois trata-se de uma oportunidade de reflexão sobre a sua prática no uso dos espaços educativos do *campus*. Ressaltamos o compromisso dos pesquisadores na divulgação dos resultados da pesquisa de forma acessível aos participantes da pesquisa.

Ao participar do Círculo de Cultura, você poderá se sentir desconfortável com algumas questões. Se isso acontecer, você poderá parar o preenchimento ou a resposta, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade. Esta pesquisa poderá apresentar possíveis riscos implicados na sua participação, tais como: presença do sentimento de medo de não saber responder as perguntas do Círculo de Cultura; receio de ser identificado na escrita e divulgação da pesquisa; vergonha ao responder às perguntas; sensação de aborrecimento e/ou impaciência durante a condução do Círculo de Cultura; constrangimento, emoção ou cansaço físico e mental ao lidar com determinadas perguntas; desconforto ao responder as questões apresentadas no Círculo de Cultura; medo com as eventuais repercussões que o estudo acarretar.

Pensando nisso, elaboramos algumas medidas para redução de todos esses riscos, tais como: garantia de espaço reservado para os momentos do Círculo de Cultura, em sala fechada, com luz adequada, com oferecimento de água e café, propiciando assim privacidade e conforto para que se sinta mais confortável e à vontade para prestar as informações que embasarão o estudo; possibilidade de pausa ou interrupção do Círculo de Cultura, sempre que solicitado; liberdade de recusa, caso você não queira responder alguma(s) pergunta(s) que gerem qualquer tipo de desconforto; realização de escuta atenta de suas respostas; em qualquer momento, a gravação do Círculo de Cultura poderá ser solicitada.

Se necessário, os participantes serão encaminhados a um profissional de saúde mental durante ou após a realização da pesquisa, para o atendimento, sem custos.

Todos os encontros terão acompanhamento da Profa. Dra. Heleniara Amorim Moura e do pesquisador João Batista Rodrigues, membros desta pesquisa, no intuito de colaborar com uma observação atenta para perceber desconforto de algum participante e propor pausas, ou intervenção para manter os participantes seguros e confortáveis durante a sua participação. Haverá gravação de voz e imagem que serão utilizadas para a produção de um Almanaque ao término da pesquisa, mediante sua autorização no documento Termo de Autorização para Uso de Imagens e Voz - TAUIV.

Os participantes terão direito a acompanhamento e a assistência, durante e mesmo após o término da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, caso o dano médico/psicológico seja comprovadamente decorrente da participação na pesquisa, sempre que requerido.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO: Os critérios de inclusão enquadram os participantes que aceitaram participar da pesquisa, sendo que tal participação leva em conta ditames éticos na pesquisa (consolidação da participação a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE). Já o critério de exclusão dos participantes desta pesquisa abrangem os servidores que estiveram afastados das suas atividades devido à licença, atestado ou férias no período da realização da coleta de dados, bem como aqueles alunos ou participantes da comunidade que não aceitarem participar desta pesquisa. Como critérios de exclusão, serão desconsiderados ainda os participantes que não responderem o convite em até 07 (sete) dias.

ARMAZENAMENTO DE DADOS: Todo o Círculo de Cultura será gravado e transcrito, para auxiliar na segurança e confiabilidade da análise de dados das falas dos participantes. Ademais, também haverá gravação de imagem e voz para substanciar a produção de um Almanaque como produto desta pesquisa, mediante autorização em documento específico denominado Termo de Autorização para Uso de Imagens e Voz - TAUIV. Todas as gravações (imagem e voz) serão armazenadas, em arquivos digitais, em um HD externo com arquivos protegidos com senha por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções do CNS nº 466/12 e nº 510/16. Com o fim deste prazo, todo o material será descartado e durante o prazo de armazenamento somente terão acesso a este o pesquisador e sua orientadora.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa ou desistência em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma via deste consentimento será arquivada com os pesquisadores e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional. Se houver algum dano, decorrente da pesquisa, você terá direito a buscar indenização, por meio das vias judiciais.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento

poderei receber ou solicitar novas informações. O pesquisador João Batista Rodrigues certifica-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa, não acarretando nenhum tipo de despesas aos participantes. Em caso de dúvidas, exclusivamente relativas à pesquisa, poderei chamar o pesquisador citado acima nos contatos: joao.rodrigues@ifmg.edu.br; telefone 032 99141 4932; Endereço: Rua Ebe Alves da Silva, 730, Bairro Candola, Bambuí, MG. Ou o CEP/IFMG no e-mail cepe@ifmg.edu.br e telefone (31) 2513 5249.

Autorizo a gravação e a utilização de imagem e voz para fins acadêmicos: SIM () NÃO ()

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do participante: _____.

Assinatura do pesquisador: _____.

Bambuí, _____ de _____ de 20____.

Em caso de dúvida, incômodo, reclamação quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do IFMG. Esse comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(responsáveis por participantes menores de 18 anos, incapazes, não alfabetizados ou idosos institucionalizados)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
- www.ifmg.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)

PARA RESPONSÁVEIS POR PARTICIPANTES MENORES DE 18 ANOS, INCAPAZES, NÃO ALFABETIZADO OU IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Você, na condição de responsável pelo(a) _____, está sendo informado que ele(a) foi convidado(a) para ser voluntário(a) a participar da pesquisa: *“Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral”*.

Essa pesquisa se justifica por ser uma oportunidade para um aprofundamento teórico no desenvolvimento de uma proposta de intervenção em nosso ambiente de trabalho e responder à seguinte questão: como a biblioteca do *campus* pode atuar como espaço de convivência sem se afastar de seus princípios e fundamentos, auxiliando no desenvolvimento da capacidade crítica, colaborando para a formação integral dos estudantes?

A participação dos estudantes nessa pesquisa é importante porque uma boa formação dos estudantes passa pela construção do pensamento crítico, capacidade de avaliar o espaço educacional e propor mudanças que atendam às suas expectativas, como estudantes em formação e como cidadãos.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender o papel da biblioteca do *campus* Bambuí como espaço de convivência e suas possibilidades de contribuir para a formação integral dos estudantes, como ambiente estimulador do pensamento crítico, como espaço para os estudantes realizarem debates sobre temas escolhidos e promovidos pelos próprios estudantes e atividades culturais e artísticas de acordo com seus interesses.

A participação de seu filho (sua filha) na pesquisa consistirá em: participar de 01 (um) encontro com a seguinte programação: participação em um Círculo de Cultura em que serão abordadas questões sobre a evolução da biblioteca ao longo dos tempos, através do uso de um vídeo denominado “Índice dos Livros Proibidos da Igreja Católica!”, canal “Que Tal saber Disso?” disponível na internet, com duração de 5 minutos e 34 segundos e imagens de bibliotecas em períodos diversos da história, com a finalidade de refletir sobre as mudanças que ocorreram e as perspectivas para o futuro das

bibliotecas; leituras de trecho dos livros “Pedagogia do oprimido” e “A importância do ato de ler”, de Paulo Freire, para refletir sobre a autonomia dos participantes na pesquisa e nas decisões que afetam as suas vidas na instituição; conceitos de espaço de convivência, que ajudem a compreender o que são e qual a importância de espaços de convivência no *campus* e como a biblioteca pode atuar incorporando os conceitos de espaço de convivência para colaborar de forma mais eficiente para a formação dos estudantes. A duração das atividades será de, no máximo, 02 (duas) horas com um intervalo de 30 (trinta minutos).

FORMA DE ACOMPANHAMENTO, ASSISTÊNCIA, BENEFÍCIOS E RISCOS: Estima-se que a pesquisa traga benefícios aos participantes pois os mesmos terão acesso aos resultados obtidos e poderão refletir sobre as possibilidades de uso da biblioteca como espaço de convivência e a importância de sua participação como atores nas ações desenvolvidas no *campus*. O momento da entrevista também pode configurar como benefício aos participantes, pois trata-se de uma oportunidade de reflexão sobre a sua prática no uso dos espaços educativos do *campus*. Ressaltamos o compromisso dos pesquisadores na divulgação dos resultados da pesquisa de forma acessível aos participantes da pesquisa. Ao participar do Círculo de Cultura, você poderá se sentir desconfortável com algumas questões, se isso acontecer, você poderá parar o preenchimento ou a resposta, não responder à questão ou desistir da participação, sem qualquer penalidade.

Esta pesquisa poderá apresentar possíveis riscos implicados na sua participação, tais como: presença do sentimento de medo de não saber responder as perguntas do Círculo de Cultura; receio de ser identificado na escrita e divulgação da pesquisa; vergonha ao responder às perguntas; sensação de aborrecimento e/ou impaciência durante a condução do Círculo de Cultura; constrangimento, emoção ou cansaço físico e mental ao lidar com determinadas perguntas; desconforto ao responder as questões apresentadas no Círculo de Cultura; medo com as eventuais repercussões que o estudo acarretar.

Pensando nisso, elaboramos algumas medidas para redução de todos esses riscos, tais como: garantia espaço reservado para os momentos do Círculo de Cultura, em sala fechada, com luz adequada, com oferecimento de água e café, propiciando assim privacidade e conforto para que se sinta mais confortável e à vontade para prestar as informações que embasarão o estudo; possibilidade de pausa ou interrupção do Círculo de Cultura, sempre que solicitado; liberdade de recusa, caso você não queira responder alguma(s) pergunta(s) que gerem qualquer tipo de desconforto; realização de escuta atenta de suas respostas; em qualquer momento, a gravação do Círculo de Cultura poderá ser solicitada.

Todos os encontros terão acompanhamento da Profa. Dra. Heleniara Amorim Moura e do pesquisador João Batista Rodrigues, membros desta pesquisa, no intuito de colaborar com uma observação atenta para perceber desconforto de algum participante e propor pausas, ou intervenção para manter os participantes seguros e confortáveis durante a sua participação. Haverá gravação digital de voz e registro fotográfico que serão utilizadas para a produção de um Almanaque ao término da pesquisa, mediante sua autorização no documento Termo de Autorização para Uso de Imagens e Voz - TAUIV.

ARMAZENAMENTO DE DADOS: Todo o Círculo de Cultura será gravado e transcrito, para auxiliar na segurança e confiabilidade da análise de dados das falas dos participantes. Ademais, também haverá gravação de imagem e voz para substanciar a produção de um Almanaque como produto desta pesquisa, mediante autorização em documento específico denominado Termo de Autorização para Uso de Imagens e Voz - TAUIV. Todas as gravações (imagem e voz) serão armazenadas, em arquivos digitais, em um HD externo com arquivos protegidos com senha por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções do CNS nº 466/12 e nº 510/16. Com o fim deste prazo, todo o material será descartado e durante o prazo de armazenamento somente terão acesso a este o pesquisador e sua orientadora.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você e o participante pelo qual você é responsável, serão esclarecidos(as) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejarem. Você é livre para recusar-se a autorizar a participação, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa ou desistência em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Os pesquisadores tratarão a identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo. O nome, imagem ou o material que indique a participação de seu filho (filha) não será liberado sem a sua permissão. Uma via deste consentimento será arquivada com os pesquisadores e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional. Se houver algum dano, decorrente da pesquisa, você terá direito a buscar indenização, por meio das vias judiciais.

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei receber ou solicitar novas informações. O pesquisador João Batista Rodrigues certifica-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais ou publicados de acordo com os termos deste documento. Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa, não acarretando nenhum tipo de despesas aos participantes. Em caso de dúvidas, exclusivamente relativas à pesquisa, poderei chamar o pesquisador citado acima nos contatos: joao.rodrigues@ifmg.edu.br; telefone 032 99141 4932; Endereço: Rua Ebe Alves da Silva, 730, Bairro Candola, Bambuí, MG. Ou o CEP/IFMG no e-mail cepe@ifmg.edu.br e telefone (31) 2513 5249.

Autorizo a gravação e a utilização de imagem e voz para fins acadêmicos. SIM () NÃO ()

Declaro que autorizo a participação do(a) meu (minha) filho (filha) nesse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do responsável: _____.

Assinatura do pesquisador: _____.

Bambuí, _____ de _____ de 20____.

Em caso de dúvida, incômodo, reclamação quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do IFMG. Esse comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

APÊNDICE H – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
 Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
 - www.ifmg.edu.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ (participantes maiores de 18 anos)

Pesquisa: *Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral.*

Equipe de pesquisadores:

- João Batista Rodrigues (mestrando)
- Heleniara Amorim Moura (orientadora)

Objetivo principal: Compreender o papel da Biblioteca do *campus* Bambuí como espaço de convivência e suas possibilidades de contribuir para a formação integral dos estudantes, não apenas a partir da constituição deste espaço físico, mas também em sua atuação como ambiente estimulador do pensamento crítico, tendo sempre a promoção da leitura literária como objeto central das atividades desenvolvidas, de forma integrada a outras ações que são desenvolvidas no *campus*.

Eu, _____, participante voluntário na pesquisa acima descrita, de nacionalidade _____, estado civil _____, portador(a) da Cédula de Identidade RG nº _____ inscrito (a) no CPF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, cidade de _____, estado _____, participante na pesquisa acima descrita, AUTORIZO a GRAVAÇÃO e USO de IMAGEM E VOZ em todo e qualquer material, para ser utilizada na pesquisa e analisadas pelos pesquisadores acima citados.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior. As imagens gravadas poderão ser utilizadas para a produção de um Almanaque a ser elaborado ao final desta pesquisa e o áudio, gravado apenas durante o Círculo de Cultura, será transcrito na íntegra para auxiliar na análise dos dados garantindo assim a confiabilidade dos dados analisados. As informações obtidas serão utilizadas em apresentação em Congresso, guias, para fins de publicações e divulgações acadêmicas ou periódicos científicos. Porém, dados pessoais como nome, número de documentos, e similares, não devem ser identificados. Os materiais utilizados, como fotografias e gravações, ficarão sob a responsabilidade exclusiva do(s) pesquisador(es) e sob sua guarda, entretanto me resguardo o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

Telefone para contato: _____

E-mail do participante: _____

BambuÍ, _____ de _____ de 20____.

APÊNDICE I – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
(responsáveis dos discentes menores de 18 anos)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS
Campus Ouro Branco
Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão
Rua Afonso Sardinha, número 90 - Bairro Minas Talco - CEP 36494-018 - Ouro Branco - MG
- www.ifmg.edu.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ
(Para responsáveis dos discentes menores de 18 anos)

Pesquisa: *Espaços de convivência e formação em bibliotecas: uma contribuição para a educação integral.*

Equipe de pesquisadores:

- João Batista Rodrigues (mestrando)
- Heleniara Amorim Moura (orientadora)

Objetivo principal: Compreender o papel da Biblioteca do *campus* Bambuí como espaço de convivência e suas possibilidades de contribuir para a formação integral dos estudantes, não apenas a partir da constituição deste espaço físico, mas também em sua atuação como ambiente estimulador do pensamento crítico, tendo sempre a promoção da leitura literária como objeto central das atividades desenvolvidas, de forma integrada a outras ações que são desenvolvidas no *campus*.

Eu, _____, de
nacionalidade _____, estado civil _____, portador(a) da Cédula
de Identidade RG nº _____ inscrito(a) no CPF sob nº
_____, residente à
Av/Rua _____, cidade de
_____, estado _____, responsável pelo(a)
discente _____, participante da pesquisa acima
descrita, AUTORIZO a GRAVAÇÃO e USO de IMAGEM E VOZ em todo e qualquer material, para
utilização na pesquisa e analisadas pelos pesquisadores acima citados.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionadas em todo território nacional e no exterior. As imagens gravadas poderão ser utilizadas para a produção de um Almanaque a ser elaborado ao final desta pesquisa e o áudio, gravado apenas durante o Círculo de Cultura, transcritos na íntegra para auxiliar na análise dos dados, garantindo assim a confiabilidade dos dados analisados. As informações obtidas serão utilizadas em apresentação em Congresso, guias, para fins de publicações e divulgações acadêmicas ou

periódicos científicos. Porém, dados pessoais como nome, número de documentos e similares, não devem ser identificados. Os materiais utilizados como fotografias e gravações ficarão sob a responsabilidade exclusiva do(s) pesquisador(es) e sob sua guarda, entretanto me resguardo o direito de retirar a qualquer momento a minha autorização.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem e voz do participante sob minha responsabilidade ou a qualquer outro.

Assinatura do responsável: _____

Telefone para contato: _____

E-mail do responsável: _____

BambuÍ, _____ de _____ de 20____

**ANEXO A – REGULAMENTO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA PROFESSORA
EBE ALVES DA SILVA – *CAMPUS BAMBUÍ***

**MEC – SETEC
INSTITUTO FEDERAL MINAS GERAIS
*CAMPUS BAMBUÍ***

**REGULAMENTO DA BIBLIOTECA
COMUNITÁRIA
PROFESSORA EBE ALVES DA
SILVA**

BAMBUÍ, JANEIRO DE 2010

SUMÁRIO

Capítulo I - Das Competências e dos Objetivos.....	3
Capítulo II - Do Funcionamento.....	3
Capítulo III - Do Acervo.....	3
Capítulo IV - Dos Usuários.....	4
Capítulo V - Do Acesso.....	4
Capítulo VI - Dos Serviços Oferecidos.....	5
Capítulo VII - Do Empréstimo de Materiais.....	5
Capítulo VIII - Da Renovação de Materiais.....	7
Capítulo IX - Da Devolução de Materiais.....	7
Capítulo X - Da Suspensão.....	7
Capítulo XI - Da Reserva de Materiais.....	8
Capítulo XII - Do Acesso ao Meio Digital.....	8
Capítulo XIII - Dos Direitos dos Usuários.....	8
Capítulo XIV - Dos Deveres dos	

Usuários.....	9
Capítulo XV - Das Proibições ao Usuário.....	9
Capítulo XVI - Das penalidades.....	10
Capítulo XVII - Dos Escaninhos.....	10
Capítulo XVIII - Disposições Finais.....	11

CAPÍTULO I

DAS COMPETÊNCIAS E DOS OBJETIVOS

Art. 1º À Biblioteca Comunitária “Professora Ebe Alves da Silva”, órgão de apoio didático e pedagógico do *Campus* Bambuí do IFMG, inaugurada em 1978, na figura de seu responsável, compete planejar, coordenar, elaborar, executar e controlar as atividades de processamento técnico (serviços de seleção e desenvolvimento de coleções, serviço de referência, serviço de circulação e empréstimo, armazenagem, sinalização e preservação dos acervos, e serviços de registro, catalogação, classificação e inventário bibliográfico), disponibilizar o acervo bibliográfico do *Campus* Bambuí do IFMG, estabelecer políticas de disseminação, de recuperação da informação e de desenvolvimento dos acervos, estabelecer diretrizes de funcionamento específico da Biblioteca e dos serviços nela oferecidos, de acordo com as normas registradas neste Regulamento.

Art. 2º Para organizar e desenvolver suas atividades, a Biblioteca Comunitária “Professora Ebe Alves da Silva” tem por objetivos:

- I) Dar assistência ao corpo docente e discente na elaboração de projetos acadêmicos e na pesquisa bibliográfica dos trabalhos desenvolvidos;
- II) Disseminar a informação;
- III) Estimular o hábito de leitura em todos os usuários;
- IV) Apoiar a educação teórico-pedagógica vinculando-a à leitura lúdica;
- V) Favorecer o diálogo intercultural e a diversidade cultural;
- VI) Garantir, a todo tipo de usuário, acesso às informações do acervo, inclusive com implementação de políticas que favoreçam a acessibilidade;
- VII) Facilitar e promover o acesso à informação independente do suporte em que esta se encontra;
- VIII) Estabelecer políticas para a aquisição e ampliação do acervo bibliográfico a fim de atender as necessidades dos usuários;

IX) Zelar pela guarda, conservação e preservação do acervo bibliográfico.

CAPÍTULO II

DO FUNCIONAMENTO

Art. 3º A Biblioteca poderá ser utilizada para consulta pelo público em geral, dentro de seu horário de funcionamento, de 7h às 22h, de segunda a sexta-feira, exceto nos feriados e pontos facultativos, podendo este horário ser alterado com a aprovação do Diretor de Ensino e de acordo com as demandas a serem atendidas.

Parágrafo único. Havendo disponibilidade de funcionários, a Biblioteca poderá funcionar aos sábados de 7h às 11h.

Art. 4º A Biblioteca permanecerá fechada em período de balanço da coleção, a fim de verificar sua situação patrimonial. O balanço será realizado anualmente, durante o período de férias escolares e o prazo para sua conclusão será determinado de acordo com o pessoal disponível.

CAPÍTULO III

DO ACERVO

Art. 5º O acervo da Biblioteca do *Campus* Bambuí do IFMG é composto por:

- I) Publicações Periódicas: revistas científicas, não-científicas e jornais;
- II) Obras de Referência: enciclopédias, almanaques, obras de arte, obras raras, índices, bibliografias, documentos da memória do *Campus* Bambuí do IFMG;
- III) Multimeios: CDs, DVDs, fitas de vídeo;
- IV) Materiais cartográficos: atlas, mapas, globo;
- V) Livros para consulta local: obras que não circulam para a modalidade de empréstimo domiciliar;
- VI) Livros para empréstimo domiciliar: todas as obras não incluídas em nenhuma das divisões anteriores destinadas ao empréstimo domiciliar, incluindo as dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso e monografias.

Art. 6º Os Trabalhos de Conclusão de Curso e Monografias ficarão sob a guarda da Biblioteca somente em meio digital, mediante termo de permissão assinado pelo autor, para disponibilização em base de dados. A guarda estará condicionada à observância das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Art. 7º Os trabalhos de dissertações e teses dos servidores efetivos e contratados, alunos do *Campus* Bambuí do IFMG e doações de terceiros deverão ser entregues à Biblioteca seguindo as normas da instituição de origem.

Parágrafo único. Não serão aceitos trabalhos em espirais e canaletas. Para tanto, sugere-se a encadernação em capa dura, devido à durabilidade do suporte e à facilidade do manuseio.

Art. 8º O usuário que desejar realizar doações à Biblioteca poderá fazê-las desde que assine o Termo de Doação, concordando com todas as cláusulas nele estabelecidas.

CAPÍTULO IV

DOS USUÁRIOS

Art. 9º São usuários da Biblioteca do *Campus Bambuí* do IFMG:

- I) Alunos regularmente matriculados no ensino médio, e em cursos técnicos, superiores e de pós-graduação;
- II) Servidores ativos pertencentes ao quadro de pessoal, docentes contratados temporariamente e conveniados;
- III) Empregados terceirizados;
- IV) Usuários externos (pessoas sem vínculo com o *Campus Bambuí* do IFMG).

Art. 10. Para se cadastrar como usuário da Biblioteca, na primeira utilização dos serviços oferecidos pelo Setor, é preciso que seja feito o cadastramento do usuário, o qual deverá apresentar documento de identificação com foto (RG), CPF e, se aluno, o número de sua matrícula.

CAPÍTULO V

DO ACESSO

Art. 11. Ao usuário é permitido o acesso à Biblioteca do *Campus Bambuí* do IFMG, bem como a consulta ao seu acervo nos dias e horários de funcionamento, conforme previsto neste Regulamento.

Art. 12. O acesso de usuário externo é condicionado à prévia identificação pela recepção da Biblioteca, não sendo permitida a estes a modalidade de empréstimo domiciliar.

Art. 13. O usuário tem acesso livre ao acervo, podendo ir diretamente às estantes, com a orientação, caso necessário, dos servidores, funcionários terceirizados ou alunos bolsistas que exerçam atividades na Biblioteca.

Art. 14. Ao entrar na Biblioteca, o usuário deverá deixar seus pertences (pastas, bolsas, mochilas, envelopes, etc.) no guarda-volumes, podendo conservar consigo material de estudo e pesquisa, sujeito à conferência na saída.

CAPÍTULO VI

DOS SERVIÇOS OFERECIDOS

Art. 15. A Biblioteca oferece aos seus usuários os seguintes serviços, os quais visam subsidiar as atividades de ensino e pesquisa:

- I) Serviços de Processamento Técnico: registro de materiais do acervo (classificação, catalogação, indexação, etc.), elaboração de fichas catalográficas, quando necessário;
- II) Serviços de Referência: orientação bibliográfica, auxílio no acesso a documentos pertencentes ao acervo, visitas orientadas, treinamento do usuário na utilização dos recursos informacionais (busca em bases de dados bibliográficas, orientação para a pesquisa, etc.) e promoção de serviços de disseminação seletiva da informação (alertas, boletins, etc.);
- III) Serviços de Circulação: empréstimo domiciliar, de consulta local, para cópias xerográficas e devolução de materiais;
- IV) Desenvolvimento de outros serviços de interesse para os usuários.

Parágrafo único. O Artigo 16 da Portaria nº 180, de 30/12/2009, de acordo com a Portaria nº 53, de 01/10/2013, passa a vigorar com a seguinte redação:

CAPÍTULO VII

DO EMPRÉSTIMO DE MATERIAIS

Art. 16. A quantidade de materiais bibliográficos para empréstimo é definida conforme o tipo de usuário e tipo de material:

- I) Aluno, Bolsista, Estagiário, Técnico Administrativo e Terceirizado podem ter o empréstimo de até três títulos de livros distintos ao mesmo tempo;
- II) Professor pode ter o empréstimo de até cinco títulos de livros distintos ao mesmo tempo;
- III) Os demais materiais bibliográficos podem ser tomados por empréstimo, independente do tipo de usuário, na quantidade máxima de até dois materiais distintos por tipo.

§1º O prazo de empréstimo é definido de acordo com o tipo de usuário e o tipo de material:

- I) Professor:
 - a) 14 dias: almanaque, anais, apostila, bibliografia, catálogo, dissertação, folheto, livro, material textual, monografia, tese, trabalho de conclusão de curso;
 - b) 4 dias: CD-ROM, CD, disquete, DVD, gravação de som/áudio, gravação de vídeo, manual, música/partitura, transparência;
 - c) 1 dia: revistas;
 - d) 4 horas: anuário, boletim, livro destinado à consulta local;
 - e) Uso exclusivo na biblioteca: Atlas, jornais, dicionário, enciclopédia, fotografia, mapa, norma, planta.

II) Aluno, bolsista, estagiário, técnico-administrativo e terceirizado:

- a) 7 dias: almanaque, anais, apostila, bibliografia, catálogo, dissertação, folheto, livro, material textual, monografia, tese, trabalho de conclusão de curso;
- b) 2 dias: CD-ROM, CD, disquete, DVD, gravação de som/áudio, gravação de vídeo, manual, música/partitura, transparência;
- c) 1 dia: revistas;
- d) 4 horas: anuário, boletim, livro destinado à consulta local;
- e) Uso exclusivo na biblioteca: Atlas, jornais, dicionário, enciclopédia, fotografia, mapa, norma, planta.

Art. 17. O empréstimo e a devolução serão feitos mediante apresentação do livro e do documento de identificação com foto (RG ou carteira de identidade funcional ou carteira estudantil).

Art. 18. Para a modalidade de empréstimo especial ficará retido um documento de identificação com foto do usuário até a devolução do material.

Art. 19. O serviço de empréstimo domiciliar está disponível aos usuários regularmente cadastrados no sistema da Biblioteca e nenhum tipo de usuário terá preferência sobre outro.

Art. 20. Aos usuários externos será permitida consulta ao acervo, vedado qualquer tipo de empréstimo.

Art. 21. A responsabilidade pela guarda e conservação dos materiais emprestados é, exclusivamente, do usuário.

Art. 22. O usuário não poderá fazer o empréstimo de mais de um exemplar de um mesmo título.

Art. 23. O empréstimo é individual e intransferível, vedada a utilização de procuração.

Art. 24. Os materiais didáticos a serem utilizados para pesquisa em sala de aula (livros, atlas, dicionários, vídeos, CDs, DVDs e periódicos) deverão ser devolvidos à Biblioteca ao final dos trabalhos. Estes materiais são de total responsabilidade do professor, ficando este responsável pela sua reposição em caso de perda ou dano.

Art. 25. Não serão objetos de empréstimos materiais não catalogados, inclusive para cópias.

Art. 26. A reprodução de materiais informacionais pertencentes ao acervo da Biblioteca do *Campus* Bambuí do IFMG só será permitida quando não acarretar danos aos documentos, vedadas a reprodução de originais de obras raras e, nos termos do que dispõe a Lei nº 9.610, de 19.02.1998, sobre direitos autorais, entendendo-se sob esta denominação os direitos de autor e os que lhes são conexos.

Art. 27. A saída de livros e materiais estará condicionada à liberação pelo servidor ou responsável pelo setor.

CAPÍTULO VIII

DA RENOVAÇÃO DE MATERIAIS

Art. 28. O empréstimo de materiais poderá ser renovado várias vezes, desde que o usuário esteja em dia com a Biblioteca e não exista reserva para o material.

Parágrafo único. O número de vezes para empréstimo de materiais tratados no *caput* deste artigo poderá ser limitado por ato do Diretor de Ensino conjuntamente com o responsável/chefe da Biblioteca.

Art. 29. A renovação deverá ser feita pelo próprio usuário, nos computadores da Biblioteca (destinados aos usuários) e/ou pela Internet.

Art. 30. Os materiais em atraso não poderão ser renovados, uma vez que o Sistema não permite a renovação.

CAPÍTULO IX

DA DEVOLUÇÃO DE MATERIAIS

Art. 31. O usuário deverá guardar o comprovante de devolução.

Art. 32. Avisos de vencimento de prazo e atraso de devolução de material não constituem ônus do setor e, na falta destes, não isentam o usuário da responsabilidade de cumprimento dos prazos de devolução e eventual pagamento de multa.

Parágrafo único. O Capítulo X da Portaria nº 180, de 30/12/2009, de acordo com a Portaria nº 53, de 01/10/2013, passa a vigorar com a seguinte redação:

CAPÍTULO X

DA SUSPENSÃO

Art. 33. São regras para o processo de devolução:

I) Ao devolver um material em atraso, qualquer usuário terá o empréstimo suspenso pelo dobro de dias referente a cada material atrasado.

II) A suspensão é contada em dias úteis e começa a valer a partir da data de devolução do material.

Art. 34. A suspensão incide sobre dias corridos (inclusive sábados, domingos,

recessos e feriados) e sobre a quantidade de obras em atraso.

Art. 35. A suspensão devida pelo atraso de devolução de livros e outros materiais é exigível independentemente do motivo que ocasionar o atraso, inclusive impossibilidade de renovação pela Internet.

Art. 36. A Biblioteca não emitirá Declaração de Nada Consta aos usuários em posse de materiais emprestados.

CAPÍTULO XI

DA RESERVA DE MATERIAIS

Art. 37. A reserva de materiais será feita através da Internet e obedecerá a ordem de solicitação.

Art. 38. A lista de espera deverá ser monitorada pelo próprio usuário para verificação da sequência.

Art. 39. Efetuada a reserva, o usuário deverá retirar o material em até 24 (vinte e quatro) horas após a disponibilização do mesmo no Setor, sob pena de perder a reserva.

CAPÍTULO XII

DO ACESSO AO MEIO DIGITAL

Art. 40. A Biblioteca do *Campus* Bambuí do IFMG propicia aos usuários, além dos recursos bibliográficos, o acesso às informações disponíveis na Internet, fitas de vídeo, CDs e DVDs.

Art. 41. Os alunos regularmente matriculados e servidores do *Campus* Bambuí do IFMG poderão utilizar os computadores da Biblioteca, cientes das seguintes normas:

- I) Cada usuário terá 1 (uma) hora por dia para utilização dos computadores;
- II) Será permitida a presença somente de 1 (um) usuário por computador;
- III) O usuário não poderá utilizar os equipamentos para fins não acadêmico-escolares, nem acessar páginas de conteúdo pornográfico, jogos, filmes, sites de relacionamento e outros;
- IV) As pesquisas poderão ser gravadas em *pen drive* ou enviadas por e-mail, uma vez que a Biblioteca não dispõe de impressora para os usuários;
- V) O usuário não poderá ligar/desligar os computadores, o que fica a cargo do servidor, funcionário terceirizado ou aluno bolsista que exerça atividades no Setor;
- VI) O usuário não poderá consertar os computadores, visto que este serviço é de responsabilidade da Gerência e Tecnologia da Informação do *campus*;

VII) Os terminais de consulta ao acervo da Biblioteca deverão ser utilizados somente para a finalidade acadêmico-escolar.

CAPÍTULO XIII

DOS DIREITOS DO USUÁRIO

Art. 42. São direitos do usuário da Biblioteca:

- I) Usar o acervo bibliográfico, respeitando as normas deste Regulamento;
- II) Usar os computadores, respeitando as normas deste Regulamento;
- III) Utilizar os serviços da Biblioteca e, em caso de dificuldades na recuperação da informação desejada, solicitar assistência dos servidores, funcionário terceirizado ou alunos bolsistas que exerçam atividades no Setor;
- IV) Sugerir títulos para aquisição, através do programa de gerenciamento da Biblioteca - PHL (Personal Home Library);
- V) Encaminhar reclamações e/ou sugestões à Ouvidoria visando o aprimoramento dos serviços prestados pelo Setor;
- VI) Solicitar a segunda via do comprovante de empréstimo/devolução de materiais e pagamento de multas.

CAPÍTULO XIV

DOS DEVERES DO USUÁRIO

Art. 43. São deveres do usuário da Biblioteca:

- I) Manter-se em silêncio ou conversar em tom de voz baixo;
- II) Não utilizar celular ou qualquer outro aparelho sonoro no recinto da Biblioteca;
- III) Zelar pelo espaço físico e pelos materiais existentes na Biblioteca;
- IV) Zelar pela conservação, organização e limpeza da Biblioteca;
- V) Informar aos servidores da Biblioteca qualquer dano ao acervo;
- VI) Zelar pela conservação e funcionamento dos computadores;
- VII) Deixar todos os materiais consultados sobre as mesas ou balcão de atendimento;
- VIII) O docente, ao planejar uma pesquisa, deverá consultar a existência do assunto no acervo da Biblioteca, colaborando, assim, para o melhor atendimento aos demais usuários;
- IX) O docente, quando necessitar utilizar o espaço da Biblioteca para desenvolver aulas, deverá agendar com antecedência mínima de 1 (um) dia no Setor;

- X) Obedecer às normas deste Regulamento, principalmente quando solicitado por servidor, funcionário terceirizado ou aluno bolsista do Setor, no exercício de sua função.
- XI) Tratar os funcionários da Biblioteca educada e respeitosamente;
- XII) Identificar-se sempre que solicitado por servidor, funcionário terceirizado ou aluno bolsista que exerça atividade na Biblioteca;
- XIII) Obedecer aos prazos de empréstimo e devolução;
- XIV) Atender aos pedidos de comparecimento à Biblioteca sempre que solicitado;
- XV) Pagar as multas devidas no caso de atraso na devolução.

Art. 44. Ao servidor responsável pelo setor, é facultado o direito de verificar o conteúdo de mochilas, bolsas, pastas dos usuários.

CAPÍTULO XV

DAS PROIBIÇÕES AO USUÁRIO

Art. 45. Ao usuário da Biblioteca é proibido:

- I) Entrar na Biblioteca com animal doméstico ou silvestre;
- II) Entrar na Biblioteca sem camisa, com uniforme de setor e roupas inadequadas;
- III) Fumar, lanchar ou circular com copos ou garrafas de água nas dependências da Biblioteca;
- IV) Usar as dependências da Biblioteca para praticar qualquer tipo de jogo, como cartas, xadrez, dama ou outro que perturbe o seu pleno funcionamento;
- V) Circular com materiais de um setor para outro, sem fazer o empréstimo especial ou domiciliar;
- VI) Usar vocabulário de baixo calão;
- VII) Causar dano ao patrimônio do *Campus Bambuí* do IFMG ou a terceiros;
- VIII) Utilizar o documento de identificação de outra pessoa para utilizar os serviços oferecidos pelo Setor;
- IX) Utilizar os scaninhos para guarda de objetos pessoais no período em que não esteja no recinto da Biblioteca.

Parágrafo único. Os materiais para uso interno do Setor (papéis, tesoura, borracha, caneta, lápis, etc.) não serão emprestados aos usuários.

CAPÍTULO XVI

DAS PENALIDADES

Art. 46. Em caso de perda, extravio, uso inadequado ou qualquer dano físico, que resulte em prejuízo do material, o usuário deverá realizar sua reposição, substituindo-

o por:

- I) Exemplar da mesma obra (autor, título, data e edição igual ou superior);
- II) Obra similar (em caso de obra esgotada);
- III) Obra definida conforme política de desenvolvimento da coleção da Biblioteca.

Art. 47. A doação de livros à Biblioteca não regulariza a situação do usuário em débito, visto que esta é uma ação espontânea.

Art. 48. A infringência das normas deste Regulamento por parte de membros da comunidade escolar será comunicada à Diretoria de Ensino e/ou Coordenação Geral de Assistência Estudantil que tomarão as medidas pertinentes a cada caso.

CAPÍTULO XVII

DOS ESCANINHOS

Art. 49. Ao entrar na Biblioteca o usuário deverá dirigir-se à recepção e solicitar a chave para acondicionar os pertences pessoais, deixando um documento de identificação com foto.

Art. 50. O usuário deverá guardar nos escaninhos seus pertences pessoais, tais como: bolsas, sacolas, pastas para notebook, fichários, alimentos e outros. Não será permitido entrar com objetos que não caibam nos escaninhos.

Art. 51. O uso dos escaninhos só será permitido durante o tempo de permanência do usuário na Biblioteca e/ou quando estiver utilizando os serviços de reprografia (cópias xerográficas).

Art. 52. A Biblioteca não se responsabiliza pela perda, dano ou roubo de materiais deixados nos escaninhos, sendo de inteira responsabilidade do usuário zelar pela chave em seu poder.

Art. 53. No caso de extravio ou dano da chave, o usuário deverá arcar com os custos de reposição da mesma e/ou fechadura, caso necessário.

Art. 54. Objetos esquecidos nos escaninhos serão encaminhados à Coordenação Geral de Assistência Estudantil.

CAPÍTULO XVIII

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 55. Os casos omissos e as dúvidas suscitadas na aplicação deste Regulamento serão analisados pelo Chefe/responsável do Setor de Biblioteca.

Art. 56. Cabe à Chefia do Setor de Biblioteca divulgar este Regulamento:

- I) Disponibilizando cópia nas dependências da Biblioteca;

- II) Enviando cópias a todos os servidores do *Campus* Bambuí do IFMG por e-mail, através do setor de Assessoria de Comunicação - ASCOM;
- III) Disponibilizando o mesmo no *menu* Biblioteca, localizada na página eletrônica do *campus*.

Art. 57. Este Regulamento poderá sofrer alterações em virtude das atividades desenvolvidas no Setor e quando emanadas das verificações de seu responsável.

Art. 58. Este regulamento entra em vigor a partir de 1º de janeiro de 2010, revogando as disposições contrárias, em especial aquelas estabelecidas enquanto Centro Federal de Educação Tecnológica de Bambuí e/ou antecedentes

